



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano - MDU

Jean-Baptiste Scharffhausen

LES COMPOSANTES FONDAMENTALES DU LIEU :
le cas de l'urbanisme nord-occidental ontologiquement Topique

OS COMPONENTES FUNDAMENTAIS DO LUGAR :
o caso do urbanismo norte-ocidental ontologicamente Tópico

Recife. 2016

Jean-Baptiste Scharffhausen

**LES COMPOSANTES FONDAMENTALES DU LIEU :
le cas de l'urbanisme nord-occidental ontologiquement Topique**

Orientador : Dr Tomás de Albuquerque Lapa

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento
Urbano, do Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Urbano da Universidade
Federal de Pernambuco.

Área de concentração : Arquitetura e Urbanismo

Recife. 2016

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S311c	<p>Scharffhausen, Jean-Baptiste</p> <p>Les composantes fondamentales du lieu: le cas de l'urbanisme nord-occidental ontologiquement topique / Jean-Baptiste Scharffhausen. – Recife, 2016.</p> <p>160 f.: il., fig.</p> <p>Orientador: Tomás de Albuquerque Lapa.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Desenvolvimento Urbano, 2016.</p> <p>Inclui referências e anexos.</p> <p>I. Ville moderniste. 2. Lieu. 3. Utopie. 4. Topisme. I. Lapa, Tomás de Albuquerque (Orientador). II. Título.</p> <p>711.4 CDD (22. ed.)</p> <p>UFPE (CAC 2016-216)</p>
-------	--



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Jean-Baptiste Scharffhausen

**LES COMPOSANTES FONDAMENTALES DU LIEU: LE CAS DE
L'URBANISME NORD-OCCIDENTAL ONTOLOGIQUEMENT TOPIQUE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 05/08/2016.

Banca Examinadora

Prof. Tomás de Albuquerque Lapa (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Lúcia Leitão Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Alfredo de Oliveira Moraes (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão em primeiro lugar para o meu orientador, Tomás de Albuquerque Lapa, por seus apoios práticos e teóricos, seu acompanhamento permanente e pelas trocas em relação aos temas que nos são próximos e que essa dissertação trata em sua grande parte. Eu agradeço, igualmente, aos membros da banca de defesa dessa dissertação, por todas as observações e pacientes leituras. Eu agradeço ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como também à equipe administrativa do Programa. Eu agradeço aos meus parentes e, mais particularmente, à minha esposa, Adriana Freire de Oliveira, pelo seu acompanhamento precioso e cotidiano.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
-
Brasil

« Il manque à l'ontologie une géographie, et à la géographie une ontologie. [...] Être, c'est forcément être quelque part : on ne peut pas en faire abstraction. Dire que la question de l'être est philosophique, tandis que celle du Lieu, elle, serait géographique, c'est trancher la réalité par un abîme qui interdit à jamais de la saisir. » (BERQUE, 2009, p.9)

Résumé

La ville contemporaine occidentale se caractérise par la difficulté de la définir et de la saisir. Elle semble même parfois échapper à toute préhension matérielle. On la décrit par des termes liés à la virtualité, à la rétivité, c'est-à-dire à des systèmes illimités appartenant aux domaines du Global et de l'universel. Or, nous définissons aussi la contemporanéité urbaine occidentale comme étant en crise, car l'Homme perçoit qu'il ne semble plus pouvoir s'y identifier et s'y orienter. Cette crise serait celle du Lieu, du Local devenu étranger dans un système urbain du Global, nous parlons alors d'Atopisme. Cette crise n'est pas propre à la contemporanéité, elle plonge ses origines dans une stratification historique bi-millénaire dont la précipitation des éléments clés s'est accélérée au cours du XXe siècle. Cette crise qui a été nommée et définie dès la fin de la seconde Guerre Mondiale, se réfère à un problème bien plus complexe et bien plus ample qui conditionnerait la question ontologique de l'Homme sur Terre. Dans un premier temps, la dissertation tente de démontrer, à l'aide de l'analyse par le Quadriparti de Martin Heidegger, qu'un abordage par la philosophie peut révéler des permanences riches de sens pour l'Homme, en tout temps et en tout Lieu. Dans un deuxième temps, la dissertation présente et questionne le lien ontologique qui peut exister entre l'Homme et ses Milieux naturels d'inscription. Tout au long de la dissertation, nous observons la complexité de ces rapports au sein de la culture occidentale et nous insistons sur la période de confirmation de la crise qui correspond à la période moderniste du XXe siècle. La dissertation présente également, selon un abordage historique complet, les recherches théoriques qui ont été menées durant la seconde moitié du XXe siècle pour relier la question du Lieu à celle de la ville moderniste. Face à la réalité urbaine et à la majorité des recherches de cette période qui se sont soldées par l'accentuation de la crise du Lieu et l'avènement de l'Atopisme jusque dans la contemporanéité, un courant contraire a prospecté selon un abordage singulier, dont les tentatives orientées vers le Topisme pourraient encore alimenter le discours sur l'urbanité occidentale d'aujourd'hui.

Mots-clés : Ville moderniste, Lieu, Utopie, Topisme.

Resumo

A cidade contemporânea ocidental caracteriza-se por sua dificuldade de definição e apreensão. Às vezes, ela parece escapar a toda apreensão material. Nós a descrevemos pela utilização de termos relacionados à virtualidade, à retística, ou seja, aos sistemas ilimitados pertencentes ao domínio do Global e do universal. Ora, nós também definimos a contemporaneidade urbana ocidental como estando em crise, pois o Homem percebe que ele não parece mais poder se identificar e se orientar nela. Essa crise seria aquela do Lugar, do Local, que tornou-se estrangeiro dentro de um sistema urbano Global, assim nós falamos em Atopismo. Esta crise não é própria da contemporaneidade, ela enraíza suas origens numa estratificação histórica bimilenária, cuja a precipitação dos elementos chaves acelerou-se no decorrer do século XX. Esta crise, que foi nomeada e definida desde o final da segunda Guerra Mundial, refere-se a um problema mais complexo e mais amplo que condicionaria a questão ontológica do Homem sobre a Terra. Num primeiro tempo, a dissertação tenta demonstrar, com a ajuda da análise através da Quadratura de Martin Heidegger, que uma abordagem por meio da filosofia pode revelar umas permanências ricas de sentido para o Homem, em todo o tempo e em todo Lugar. Num segundo tempo, a dissertação apresenta e questiona o elo ontológico que pode existir entre o Homem e os seus Meios naturais de inscrição. Ao longo da dissertação, nós observamos a complexidade dessas relações no seio da cultura ocidental e nós insistimos no período de confirmação da crise que corresponde ao período modernista do século XX. A dissertação apresenta, igualmente, segundo uma abordagem histórica completa, as pesquisas teóricas que foram realizadas durante a segunda metade do século XX a fim de reatar a questão do Lugar àquela da cidade modernista. Diante da realidade urbana e da maioria das pesquisas desse período, que se liquidaram pela acentuação da crise do Lugar e do advento do Atopismo até a contemporaneidade, uma corrente contrária prospectou segundo uma abordagem singular, cujas as tentativas orientadas para o Topismo poderiam ainda alimentar o discurso sobre a urbanidade ocidental de hoje.

Palavras-chaves : Cidade modernista, Lugar, Utopia, Topismo.

Liste des illustrations

Illustration 01 : Schéma représentant la ville traditionnelle comme un "Mundus".....	28
Illustration 02 : Différences fondamentales dans l'interprétation des Milieux naturels entre l'architecture romantique et l'architecture cosmique.....	38
Illustration 03 : Relation directe et entière entre l'architecture du Nord et le Milieu naturel, rapport intérieur/extérieur dynamique. Relation close entre l'architecture du Sud et le Milieu naturel, rapport auto-centré sans lien dynamique.....	38
Illustration 04 : Exemple d'orientation de Milieux naturels. La grotte et sa double orientation (sortie orientée et profondeur souterraine générale). Le désert et sa demi-sphère privilégiant une horizontalité totale et une prédominance céleste.....	38
Illustration 05 : Carte de l'antiquité grecque au Ve siècle av J.C.....	41
Illustration 06 : Carte de la culture Celte au IIe siècle av J.C.....	41
Illustration 07 : Représentation de l'arbre sacré nordique "Yggdrasil", dans la mythologie scandinave. Gravure de Friedrich Wilhelm, 1886.....	42
Illustration 08 : Carte de l'empire romain au Ve siècle ap J.C.	45
Illustration 09 : Carte de la religion chrétienne d'Occident en 2006.....	45
Illustration 10 : Vitrail médiéval représentant la Jérusalem Céleste. Église Saint Laurent, Le Puy en Velay, XIVe siècle.....	46
Illustration 11 : Allemagne, " <i>Hochhausstadt</i> " de Ludwig Hilberseimer, 1924. France, Grand-Ensemble à Paris, 1964. Chine, Grand-Ensemble à Yanjiao, 2010.....	76
Illustration 12 : Vue aérienne du Grand-Ensemble de Massy-Antony, dans la région parisienne, 1959-1969.....	80
Illustration 13 : Urbanisme de consommation. Capture du film : " <i>deux ou trois choses que je sais d'elle</i> " de Jean-Luc Godard, 1967.....	80
Illustration 14 : " <i>Paris Spatial</i> " de Yona Friedman, 1959.....	87
Illustration 15 : " <i>Clouds Manufactured</i> " de Richard Buckminster Fuller, 1968.....	87
Illustration 16 : Constant, " <i>New-Babylon</i> ". Développement territorial cartographique et perspective.....	90
Illustration 17 : Superstudio : Le " <i>Monument Continu</i> ", 1969. Géométrisation universelle.....	94
Illustration 18 : Superstudio : Le " <i>Monument Continu</i> ", 1969. Recouvrement abstrait.....	94
Illustration 19 : Superstudio : " <i>12 villes idéales</i> ", 1971. Géométrisation universelle.....	95

Illustration 20 : Superstudio : " <i>12 villes idéales</i> ", 1971. Recouvrement abstrait.....	95
Illustration 21 : Superstudio : " <i>Happy Island</i> ", 1971.....	96
Illustration 22 : Superstudio : " <i>Supersurface</i> ", 1971.....	96
Illustration 23 : Concept de l'Oblique, 1966.....	104
Illustration 24 : L'Oblique, la dynamique des corps, 1966.....	104
Illustration 25 : Architecture-Principe : Cité " <i>Les Vagues</i> ", 1966.....	106
Illustration 26 : Le concept de ville traditionnelle (à gauche). La reprise et la révision de concept par le Groupe Architecture-Principe (à droite). Principe de la continuité culturelle révisée dans la modernité.....	107
Illustration 27 : Claude Parent, croquis des intersections urbaines de l'oblique, 1966.....	108
Illustration 28 : Claude Parent, affichage urbain à Fontenay-aux-Roses, 1972.....	110
Illustration 29 : Claude Parent, croquis de l'Oblique.....	112
Illustration 30 : Claude Parent, croquis de " <i>l'inclisite</i> " de Charleville, 1966.....	112
Illustration 31 : Grotte d'Harpéa en France. Système géomorphologique anticlinal.....	114
Illustration 32 : Claude Parent, croquis de la ville oblique et de la terre, 1972.....	114
Illustration 33 : Architecture-Principe : Cité " <i>Les Spirales-Ponts III</i> ", 1971.....	115
Illustration 34 : Permanence des caractéristiques romantiques nord-occidentales à travers l'histoire. Église Saint Séverin, Paris, XVe siècle.....	117
Illustration 35 : La croissance de la graine et sa transposition à la formation organique du "Mundus", dans l'œuvre du Groupe Architecture-Principe.....	120
Illustration 36 : Claude Parent, croquis " <i>les 3 types de circulation oblique</i> ".....	122
Illustration 37 : Architecture-Principe : Cité " <i>Villes-Ponts II</i> ", 1972.....	126

Sommaire

INTRODUCTION.....	12
1 L'ÊTRE HABITE LE LIEU : LE TOPISME.....	19
1.1 L'abordage philosophique comme système positif.....	19
1.1.1 Le Quadriparti.....	20
1.1.2 Habiter le Lieu.....	22
1.2 Du Milieu naturel à sa matérialisation dans l'artificiel, le Lieu comme synthèse du Quadriparti.....	23
1.3 La ville traditionnelle comme Lieu.....	28
1.4 Constitution et évolution historique de la culture occidentale sous le regard du Quadriparti.....	34
1.4.1 Sauver la Terre, accueillir le Ciel – divergences Nord / Sud.....	34
1.4.2 Attendre les Divins – le Sacré.....	40
1.4.3 Conduire les Mortels – la nature et la culture de l'Homme.....	48
2 CARACTÉRISTIQUES, CONSÉQUENCES ET CONTINUITÉS DU MODERNISME PROGRESSISTE : L'ATOPISME.....	52
2.1 La ville contemporaine comme héritière culturelle et historique de la crise du Lieu.....	53
2.2 Le Modèle de la ville moderniste progressiste, sa formation, sa domination et son abstraction.....	58
2.3 Analyse du modernisme progressiste selon le Quadriparti.....	61
2.3.1 Sauver la Terre, Accueillir le Ciel. La Charte d'Athènes et son rapport au Milieu naturel.....	61
2.3.2 Attendre les Divins. La désacralisation progressive du Lieu l'avènement du profane.....	65
2.3.3 Conduire les Mortels. L'Homme du modernisme progressiste et ses conséquences physico-physiologiques.....	69
2.4 Le modernisme progressiste et la perte du Lieu : l'Atopisme.....	72
3 LA REMISE EN CAUSE DE LA VILLE MODERNISTE PROGRESSISTE, LE CAS DE LA FRANCE.....	77
3.1 La fin des CIAM. Entre réalisme et critique, une échelle d'intervention urbaine croissante.....	78
3.2 L'urbanisme prospectif après 1960, visionnaire et mégastucturaliste.....	85
3.3 L'urbanisme de la Mobilité totale. La ville comme Œuvre en mouvement....	88
3.4 Superstudio et l'utopie négative – l'Atopisme. L'aboutissement progressiste du cas français.....	93
3.4.1 Analyse de Superstudio selon le Quadriparti.....	98
3.4.2 Conclusions Superstudio.....	100

3.5	Architecture-Principe et l'utopie positive – le Topisme total, une nouvelle modernité française.....	101
3.5.1	La fonction Oblique et le rapport retrouvé entre le Milieu, le Lieu et la Cité.....	104
3.5.2	Analyse d'Architecture-Principe selon le Quadriparti.....	112
3.5.3	Conclusions Architecture-Principe.....	125
	CONCLUSION.....	127
	Bibliographie.....	136
	Biographie des auteurs cités.....	139
	Annexes.....	142

Introduction

La ville contemporaine, dans la culture occidentale, fait l'objet de nombreuses dénominations qui démontrent la grande difficulté à définir le phénomène urbain dans lequel nous évoluons et donc le Lieu où nous vivons. Cela démontre l'emploi actuel de schémas sans références, sans règles communes, où le terme de "systèmes urbains" remplace le terme d'urbanisme. Alors que la ville a toujours été l'espace de l'échange et de la communication, ces nouvelles Technologies de l'Information et de la Communication (TIC) positionnent désormais la ville dans le cyberspace qui, par extension, participerait à la définition d'une ville "universelle". Ces TICs auraient pour conséquence de positionner les individus vivant dans cette ville "universelle", individus tantôt matériels et tantôt immatériels, dans un espace artificiel qui ne constituerait pas un Lieu pour Habiter¹ au sens philosophique du terme. Nous obtenons donc un immense espace interconnecté, sans centre, sans périphérie, sans continuité spatiale et bâtie, aliénant l'objet architectural à son contexte artificiel et naturel. L'ensemble, fonctionnant à la vitesse de la lumière, brouille les frontières de l'espace privé/public, met en crise la notion d'espace-temps humain, et dissocie toujours plus l'Homme de son "Milieu naturel²". Aujourd'hui, cette distanciation amènerait l'Homme occidental à une situation de crise environnementale et écologique, qui le mettrait lui-même en situation de péril du point de vue ontologique. L'Homme occidental, urbain et contemporain, serait alors dans l'Atopisme, qui se caractérise par le refus, le rejet et la négation du Milieu naturel singulier qui, par essence, accueille, oriente et permet à l'Homme de s'identifier. Ainsi, la relation étroite et volontaire avec le Milieu naturel serait une condition nécessaire pour que l'Homme puisse Habiter sur Terre, en y créant un Lieu.

1 Pour définir l'Habiter, il faut faire la distinction entre deux sens. Il y a un « Habiter » philosophique qui évoque le thème de « l'appropriement » et « L'Habiter » dans son aspect physique, qui est celui des anthropologues et des géographes, qui se réfère à des « modes d'habiter » privilégiant « l'appropriation ». Dans la dissertation, L'Habiter en tant que bâti et construit (édifice et ville), sera employé comme étant la matérialisation de l'Habiter philosophique dans le monde physique, dans un système de réciprocité.

2 Dans la dissertation, le "Milieu naturel" est employé dans le sens où il désigne l'ensemble des conditions naturelles définissant un biotope particulier, au niveau Local. Le terme "Biotope" provient de l'association, en grec ancien, de βίος, (bíos - vie) et de τόπος, (tópos – lieu). Ce serait donc un lieu de vie (ou encore un lieu qui permet la vie) défini par des caractéristiques physiques et chimiques déterminées et relativement uniformes. Les caractéristiques d'un biotope peuvent se définir à l'aide des disciplines suivantes : la géographie, la climatologie et la microclimatologie, la pédologie, la géologie, l'hydrographie, l'hydrologie, la topographie et la géomorphologie. Source : Géoconfluences de l'ENS-Lyon.

Selon les historiens et les urbanistes, choisis comme références pour la dissertation, nous serions actuellement dans la continuité du Mouvement moderniste et à la veille d'une nouvelle modification de ce Mouvement. Mais, si ce Mouvement a produit d'une part, la perte du Lieu, et d'autre part, une série de crises entre l'Homme et son Milieu naturel, nous serions donc ici devant un problème à dimension ontologique. La dissertation se positionne dans une trajectoire culturelle occidentale dont la finalité est orientée vers la contemporanéité et sa poursuite dans l'avenir. Elle suit l'adage de l'historien FERNAND BRAUDEL qui considère que : « *il faut savoir d'où l'on vient pour savoir où l'on va* ». En partant du principe que la poursuite de l'urbain dans la culture occidentale est un fait, "l'ambiance" de la dissertation sera définie dans un volume réflexif composé de trois interrogations. Premièrement, quelle(s) relation(s) lie(nt) ontologiquement l'Homme au(x) Lieu(x) ? Deuxièmement, comment en tant qu'Homme sur Terre, a-t-on et peut-on Habiter à l'ère urbaine moderniste occidentale ? Troisièmement, comment l'Homme pourrait-il poursuivre sa quête urbaine et moderniste selon une orientation qui activerait la composante ontologique, par la prise en compte du Milieu naturel ?

Pour exprimer cette ambiance et détacher des éléments ou des combinaisons qui permettraient d'éclairer le volume réflexif, la dissertation se base sur un référentiel documentaire conséquent et sur un croisement de nombreuses disciplines théoriques et empiriques telles que : histoire et théorie de l'architecture, histoire et théorie de l'urbanisme, histoire des religions, philosophie, sociologie, géographie, anthropologie. Parmi ces disciplines, il n'y a pas de classification hiérarchique car il est considéré ici, qu'elles appartiennent toutes intrinsèquement à une sphère réflexive composée par leurs jeux d'interrelations dynamiques. La dissertation ne se situe donc pas dans une démarche scientifique pure aux résultats empiriquement indiscutables. En déterminant un volume réflexif, la dissertation se déploie dans une "trajection", selon les termes d'AUGUSTIN BERQUE³, à mi-chemin entre l'objectif et le subjectif. Entre ces deux pôles, se distingue le "volume réflexif" de la dissertation. En croisant ainsi des disciplines théoriques et empiriques, il apparaît ici, non pas des résultats quantifiables et mesurables, mais plutôt des directions suffisamment

3 Selon AUGUSTIN BERQUE, la relation "trajective" de "l'Étant que" est cette position mouvante et permanente à mi-chemin entre l'Objectif et le Subjectif, dans une relation Géographique et Ontologique qui définit la réalité de la Chose.

claires pour pouvoir les classer comme certitudes. Cependant, la subjectivité fait aussi surgir des directions moins catégoriques, mais suffisamment ouvertes, pour être ré-interrogées périodiquement et entretenir au fil du temps, la dynamique de l'ambiance de la dissertation.

Cependant, à ce niveau de l'introduction, et avant tout autre développement, il est important de préciser que si la dissertation intègre les dimensions théoriques et subjectives, alors il faut aussi remettre ce travail dans le contexte culturel de l'auteur. Il est important de préciser que le raisonnement développé ici est produit et inspiré de la culture européenne nord-occidentale. Tant les choix de la préoccupation initiale, du thème du sujet abordé, du matériel analysé et présenté dans la dissertation, seraient sans aucun doute liés à la culture nord-occidentale. Au long de la dissertation, il sera démontré comment cette culture est traditionnellement définie comme étant particulièrement imprégnée par l'Élément Terre⁴, qui y constituerait la base du Lieu. Il y aurait donc ici une certaine légitimité à chercher et à comprendre pourquoi, une culture originellement basée sur le Lieu, s'en retrouve aujourd'hui dépourvue. Tant par la problématique de fond que par le choix des auteurs⁵ qui sont aussi, en grande majorité, de culture européenne nord-occidentale, le raisonnement est orienté vers une critique et un questionnement de la pertinence du thème de l'Universalité dans cette culture. Au fil des ouvrages, il transparaît un doute collectif chez les auteurs, quant à la légitimité de poursuivre une voie universelle souvent étiquetée comme "positive", inévitable et souhaitable. La dissertation démontre aussi, qu'à travers les disciplines étudiées, et les auteurs consultés, il y a une question sous-jacente et presque commune à tous, quant à la relation entre l'Homme et l'Élément Terre. Hormis GASTON BACHELARD qui y consacre un ouvrage entier, tous les autres auteurs se réfèrent régulièrement, directement ou plus souvent indirectement, à la question du lien à l'Élément Terre. L'observation, la définition, et la compréhension de cet Élément au sein de la culture occidentale sont la récurrence de la dissertation.

4 Dans la dissertation, l'Élément Terre représente le volume du sol naturel en un Lieu et dans un Milieu naturel singulier. Il est compris dans toutes ses dimensions de profondeur, d'épaisseur et de surface, comme un ensemble dans sa "trajectivité". Par extension, lorsque la dissertation emploie le terme d'Élément, elle le charge de cette "trajectivité".

5 L'origine des auteurs de référence étudiés au cours de l'élaboration de la dissertation : France (x15), Allemagne (x4), États-Unis (x1), Italie (x1), Norvège (x1), Roumanie (x1), Royaume-Uni (x2), Suisse (x1). À l'exception des États-Unis et de l'Italie, la dissertation est donc rédigée avec l'appui de 93 % de culture nord-occidentale à laquelle il faut intégrer une interprétation par un lecteur de la même culture. Pour plus d'information sur les auteurs de référence, voir la fiche des références biographiques de la dissertation.

Afin de dégager du concret et de l'informatif, pour produire un résultat exploitable dans un cadre universitaire, la dissertation emploie une méthodologie qui permet de lier l'objectivité et la subjectivité, dans la question du rapport entre le Lieu et l'Homme. Pour comprendre ce phénomène de coupure qui s'est produit au long de l'histoire de la culture occidentale et pour tenter d'en délier les causes et les conséquences à l'heure actuelle, ce travail se base sur un abordage philosophique selon mon interprétation personnelle d'une méthode de compréhension de l'Habiter produite par MARTIN HEIDEGGER en 1951 et qu'il avait destiné prioritairement aux concepteurs du domaine de l'habitat (architectes, urbanistes...). Cette méthode que l'on pourrait qualifier de "métaphore" de l'Habiter, est une tentative pour définir cet Habiter du point de vue ontologique et se présente sous l'appellation de QUADRIPARTI⁶. La légitimité de l'emploi du QUADRIPARTI dans la dissertation provient du fait qu'il avait été lui-même conçu durant la période critique de la modernité, où la crise de l'Habiter avait été observée. Par l'analyse du problème initial à l'aide du QUADRIPARTI, nous pourrions réussir à définir et à comprendre le sens ontologique de l'Habiter pour l'Homme. Selon MARTIN HEIDEGGER, Habiter c'est "Être au Monde", c'est réunir les éléments objectifs et subjectifs qui conditionnent le Lieu de la vie harmonieuse sur la Terre. Mais, dans un premier temps, par l'analyse du contenu du QUADRIPARTI, nous arriverons à définir le sens du Lieu à travers ses quatre composantes suivantes : sauver la Terre, accueillir le Ciel, attendre les Divins, conduire les Mortels. Dans cette association, l'Homme se lie à son Milieu naturel d'inscription dans des relations objectives et subjectives, qui définiraient une histoire et une culture singulière, et dont les proportions devraient varier selon l'influence des Milieux naturels. Cette diversité et cette singularité de l'Habiter sur Terre, en Harmonie avec un Milieu naturel donné afin d'y créer un Lieu, c'est ce que l'on nommera ici, le Topisme.

La dissertation confrontera tout au long de son développement, le concept d'Atopisme et le concept de Topisme, comme les deux grandes relations ontologiques que l'Homme entretient avec le Milieu naturel. Cette méthodologie d'analyse à l'aide du QUADRIPARTI sera appliquée systématiquement dans les trois chapitres de la dissertation, à des échelles différentes et dans des contextes différents, démontrant aussi de ce fait la légitimité à définir

6 Le QUADRIPARTI se traduit en portugais par la QUADRATURA. "Sauver la Terre" se traduit par "Salvar a Terra". "Accueillir le Ciel" se traduit par "Acolher o Céu". "Attendre les Divins" se traduit par "Aguardar os Divinos". "Conduire les Mortels" se traduit par "Acompanhar os Mortais".

le QUADRIPARTI comme étant une méthode appropriée en relation aux sujets abordés. Utilisé dans un premier temps pour analyser le grand thème général et atemporel du Lieu, il sera utilisé dans un deuxième temps pour analyser toute la période historique moderniste progressiste et dans un troisième et dernier temps, il sera employé pour analyser des solutions prospectives de définition du Lieu, durant la période de remise en cause de la modernité. Dans l'optique de déterminer une valeur positive et capitale de l'Élément Terre, présupposé comme étant fondamentale pour définir le Lieu dans la culture occidentale, la dissertation propose une trajectoire historique en trois temps et selon une méthode dialectique.

Le premier chapitre est la thèse. Il traite de la première question du volume réflexif de la dissertation : quelle(s) relation(s) lie(nt) ontologiquement l'Homme au(x) Lieu(x) ? Le premier chapitre traite du rapport ontologique entre l'Homme et le Milieu naturel où il s'implante. Cette question ne se limite pas au territoire occidental en particulier. L'ontologie sous-entend ici des phénomènes communs à l'Humanité entière. Ce chapitre démontre, à l'aide du QUADRIPARTI, que lorsque l'Homme Habite pleinement, en Harmonie et dans la Tranquillité, cela lui permet d'atteindre le degré "d'Être au Monde", de "Dasein". Par l'emploi du QUADRIPARTI, on découvre que celui-ci met l'Homme et l'acte de vivre, dans une compréhension globale de la singularité du Lieu naturel par sa retranscription dans le Lieu artificiel, dans l'objectif de créer un Milieu Total, un "Mundus". Ici, l'emploi du QUADRIPARTI est justifié comme méthode. Ce "Mundus" ainsi défini est singulier et caractérise le Topisme. En partant du général, la dissertation se focalise progressivement sur le territoire occidental. Ce chapitre contient une étude historique et remonte dans les temps pré-occidentaux, afin d'y découvrir les valeurs traditionnelles que les Hommes entretenaient avec les Milieux naturels. Puis, il y est présenté les étapes successives de formation de la culture occidentale afin de définir des permanences, des évolutions, des transformations, des influences extérieures, des substitutions ou des disparitions. Ce chapitre contient aussi une étude physique des Milieux naturels dans l'objectif d'y déceler des influences et des conséquences culturelles objectives et subjectives qui conditionnent le(s) Lieu(x).

Le deuxième chapitre est l'antithèse. Il traite de la deuxième question : comment en tant qu'Homme sur Terre, a-t-on et peut-on Habiter à l'ère urbaine moderniste occidentale ? Ici, la question que porte ce chapitre se focalise principalement sur le territoire occidental.

Après avoir défini et caractérisé la contemporanéité urbaine occidentale, nous y décelons et nous y définissons la perte du Lieu. Or, cette contemporanéité serait la continuité de l'une des nombreuses formes de la modernité du XXe siècle. Toujours dans la trajectoire historique, la dissertation présente le mode d'apparition de cette modernité et son évolution à travers le Modèle utopique moderniste progressiste qui produira notre contemporanéité. En l'analysant progressivement selon les critères du QUADRIPARTI, énoncés et détaillés dans le chapitre précédent, on déterminera plus précisément les défaillances, les raisons et les conséquences de la perte du Lieu dans la culture de la modernité urbaine occidentale, qui produit de ce fait, l'Atopisme. Le conflit entre l'objectivité et la subjectivité, marque profondément cette période et perturbe la traditionnelle harmonie du QUADRIPARTI. Les quatre composantes du QUADRIPARTI sont affectées. Mais les changements de proportions entre ses composantes sont aussi le résultat de phénomènes historiques. La période moderniste progressiste semble l'aboutissement et la conséquence de phénomènes anciens qui prennent forme à cette période. Dans cette période, vont se concrétiser les termes du Global, de l'universel, de l'idéal, dans une optique dite positiviste. Il se laisse déceler, dans cette période, une forme d'illégitimité culturelle par rapport à la constitution concrète des Milieux naturels. Contrairement au premier chapitre, cette période moderniste progressiste se fonde sur un rapport profondément bouleversé avec les Milieux naturels, et inscrira ce déséquilibre dans l'urbain. Durant la modernité progressiste, la crise de l'Habiter est principalement urbaine.

Le troisième chapitre est la synthèse. Il traite de la dernière question : comment l'Homme pourrait-il poursuivre sa quête urbaine et moderniste selon une orientation qui activerait la composante ontologique, par la prise en compte du Milieu naturel ? Dans ce chapitre, nous focalisons dans une zone particulière du territoire nord-occidental : en France, où des recherches précises ont été entreprises quant au rapport entre l'Homme et le Lieu au sein de l'urbanisme. Pendant la modernité, au long de l'évolution du mouvement moderniste progressiste, il y a eu des tentatives pour remédier aux premières secousses annonçant la perte du Lieu. L'abordage philosophique allait être un des moteurs de motivation de ces tentatives, qui prendraient forme dans l'emploi de l'utopie. Dans l'histoire de la modernité, l'utopie est la source même de l'apparition de ce mouvement et aussi la marque des évolutions historiques majeures de ce mouvement. Activer l'utopie sur une base philosophique née de la dénonciation du "manque d'Habiter", était une association prometteuse. Toutefois, le courant

utopique principal va rester dans le Global, sans apporter de solutions viables au problème. Cette fois, l'utopie n'a pas su apporter son rôle positif au règlement de la perte du Lieu qui se caractérisait alors par la perte de l'Homme. Les utopies prospectives vont entrer en action pour dénoncer l'utopie Classique. Ce sera dans l'une d'elles, que nous trouverons l'image absolue de l'anti-QUADRIPARTI et de l'effacement définitif du Lieu dans la culture occidentale. L'analyse de ce courant par le QUADRIPARTI permet d'y observer qu'il anticipe certaines caractéristiques de notre civilisation urbaine contemporaine actuelle. Dans la seconde utopie prospective, nous retrouvons un travail particulier qui cherche à relier l'Homme à son Milieu naturel au sein du QUADRIPARTI, en insistant particulièrement sur l'Élément Terre. Le choix de cet Élément est distingué par le fait qu'il est le premier critère du QUADRIPARTI : "sauver la Terre" et, pourtant, il a été omis à travers l'histoire du modernisme progressiste. Passé du statut majeur de caractérisation du Milieu qui permettait l'implantation de la ville "Œuvre des Hommes", à un pur objet de consommation, l'Élément Terre semble être une des clés, parmi d'autres, pour la reconquête de la notion de Lieu. L'utopie positive Topique saura lui rendre ses valeurs premières comme Élément majeur du QUADRIPARTI. Par rapport à notre contemporanéité, il serait possible que cette utopie prospective Topique contienne encore des valeurs d'analyse positives, c'est ce que le QUADRIPARTI révèle. En cela, cette utopie serait encore une analyse valable aujourd'hui, dans l'objectif de la définition du Lieu dans un Milieu naturel singulier. Cette utopie validerait l'harmonie du QUADRIPARTI dans une proportion particulière, en rapport au Milieu naturel d'inscription, permettant l'implantation de l'Homme et la réalisation de son Œuvre qui est la Ville.

Au-delà de la question de l'abordage par la philosophie du thème de l'Habiter, la question de la valeur de l'emploi de l'utopie se pose également à nouveau. Il y aurait donc un intérêt majeur à questionner cette association puisque, d'une part, elle semblerait capitale lorsque l'on traite de la remise en question de la modernité et de l'évolution de cette dernière et que, d'autre part, la contemporanéité urbaine occidentale serait la poursuite légitime de la modernité urbaine occidentale. C'est aussi cette étude sous-jacente que se propose d'aborder la dissertation.



1 L'Être Habite le Lieu : le Topisme

1.1 L'abordage philosophique comme système positif

L'Histoire est un tissu polyphonique complexe dans lequel des courants et des époques sont reconnaissables et où, sous des formes différentes, perdure "Le Même" (NORBERG-SCHULZ, 1997). Par un abordage philosophique dans la dissertation, nous pourrions tenter de décrire et de comprendre ce fondement propre à la vie, ce "Même". Par cet abordage, nous pourrions saisir le "qualitatif" qui définirait ce "Même", dans une compréhension "constante", sans cesse renouvelée. Durant le XIXe siècle et la première moitié du XXe siècle, la modernité progressiste a progressivement amené l'architecture et l'urbain vers les sciences du mesurable. En coupant celles-ci de leurs dimensions "existentielles" et "qualitatives", la modernité progressiste a engendré une crise profonde de "l'Habiter", ne satisfaisant plus la condition d'être un Homme sur la Terre. Afin de réintégrer cette dimension qui semblerait capitale dans le domaine de l'architecture et de l'urbanisme, MARTIN HEIDEGGER oriente un pan de ses réflexions en direction de thèmes dont dépend l'architecture, afin de retrouver dans le construit, la dimension de cette "permanence" qui est nécessaire pour que puisse se réaliser "l'Être au Monde", autrement nommé le "Dasein".

Pour CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, le "Dasein" a une portée ontologique. Déterminer la dimension existentielle, [...] déterminer les significations existentielles qui ont des racines bien plus profondes et qui sont précisées par les structures de "l'Être au Monde" (NORBERG-SCHULZ, 1997). Il permettrait de comprendre les fondements existentiels dans l'architecture et par extension, dans l'urbanisme. Il renvoie au Sujet qui est constitué par la temporalité et éclaire la signification de l'Être. Il est le fait pour l'Homme d'être le "Là" de l'Être, une ouverture et une présence à cet Être. Ainsi, le "Dasein" est un "Étant" en étroite relation avec ce qui le dépasse et ce qu'il porte : l'Être. Par l'emploi du "Dasein", MARTIN HEIDEGGER entend faire apparaître les "existentiels" spécifiques à l'existence humaine. "L'Être au Monde" n'a pas le sens d'un positionnement dans un espace, mais celui d'un "Habiter", une façon d'être à l'espace, ou encore d'habiter un monde dans lequel "l'Être au Monde" a ses aises.

En réaction à l'acceptation de la reconnaissance d'une crise de "l'Habiter" qui se répandait dans la culture moderniste progressiste occidentale, MARTIN HEIDEGGER prononce en 1951 un texte intitulé « *Bâtir, Habiter, Penser* ⁷ » où il s'agit de définir le "Bâtir", non plus du point de vue de la tectonique et de la technique, mais de "tout ce qui est", c'est-à-dire du point de vue ontologique. Bâtir, c'est se poser la question : « *qu'est-ce qu'Habiter ?* ». Dans cette définition, l'Habiter ne serait pas un comportement que l'on pourrait identifier, mesurer et isoler au sein d'une série de comportements possibles égaux entre eux, tel que l'entendait le modernisme progressiste à travers la méthode atomiste. En requestionnant ce thème, MARTIN HEIDEGGER se positionne en rupture avec les théories fonctionnalistes du mouvement moderne et en particulier avec celle de la représentation purement fonctionnelle de l'Habiter, décrite dans La Charte d'Athènes de 1933. Habiter, ce n'est pas une fonction, c'est une condition, c'est le trait fondamental de la condition humaine (HEIDEGGER, 1958). Habiter, ce n'est rien d'autre que la manière "d'Être au Monde" de l'Homme, c'est être Homme sur la Terre. Ainsi, pour définir une circonstance favorable à l'Habiter, il faut respecter un rapport entre des composantes d'une "métaphore de l'Habiter", qu'il nomme le QUADRIPARTI et qui se compose de l'articulation entre les quatre comportements suivants : "sauver la Terre, accueillir le Ciel, attendre les Divins, conduire les Mortels".

1.1.1 Le Quadriparti

Le QUADRIPARTI de MARTIN HEIDEGGER se compose de l'harmonie de quatre composantes dont les proportions ne sont pas définies, mais dont la hiérarchie et le quantitatif sont précisés. La première composante à prendre en compte est la Terre et cela est capital. La seconde composante est le Ciel, la troisième composante sont les Divins et la dernière composante est l'Homme. En ce qui concerne le quantitatif, dans la suite de ces quatre composantes, la Terre et le Ciel sont au singulier, ils sont à prendre dans leur symbolique comme dans leur particularité physique, chacun comme un "Tout". Les Divins, représentant éventuellement le sacré, sont au pluriel. Cependant, MARTIN HEIDEGGER n'évoque pas directement un polythéisme ou un monothéisme, mais plutôt une dimension spirituelle, encore

⁷ « *Bâtir, Habiter, Penser* ». Texte prononcé par MARTIN HEIDEGGER le 5 août 1951 à Darmstadt, en Allemagne, dans le cadre d'une conférence intitulée « *Ile entretien de Darmstadt* » sur le thème de « *L'Homme et l'Espace* ».

à définir, que l'Homme devrait entretenir avec les Choses. De ce fait, il semblerait repositionner le sacré dans la diversité, dans la proximité, mais surtout dans une globalité. Quant aux Hommes, ils sont aussi présentés au pluriel et en cela ils partageraient tous une particularité similaire, une condition d'existence commune en tant qu'individus dans une collectivité.

"Sauver la Terre", c'est être sur la Terre. Elle est celle qui porte et qui sert, celle qui fleurit et celle qui fructifie. Les végétaux et les êtres vivants y sont inclus. "Sauver" signifie libérer une chose, la laisser revenir à son être propre. Cela implique un acte de l'Homme, une immersion de celui-ci avec la Terre et faire qu'il soit dans la dimension de la Matière. "Accueillir le Ciel", c'est être sous le Ciel qui contient la course du soleil, la lune, les étoiles, les saisons, les conditions de l'atmosphère et toutes leurs nuances. "Accueillir" signifie laisser venir comme tel, sans une obligation d'action indispensable de l'Homme si ce n'est celle de prendre conscience de cette présence et de permettre le contact avec la Terre selon une certaine dimension de verticalité. "Attendre les Divins", c'est être devant les Divins. Ce sont ceux qui nous font signe, ce sont les messagers de la Divinité, dans le sens de globalité et non de particularité unique et monothéiste. "Attendre" signifie laisser venir les Divinités, les espérer et leur laisser une place. Leur présence n'est pas aussi forte que celles de la Terre et du Ciel, mais elle est nécessaire. Être devant les Divins, c'est développer la dimension horizontale et statique. "Conduire les Hommes", c'est guider les Hommes dans leur condition de mortels, dont la vie serait un cycle à rendre parfait. Les mortels sont dans le QUADRIPARTI lorsqu'ils habitent et les mortels habitent lorsqu'ils ménagent le QUADRIPARTI. "Conduire" signifie un mouvement, un déplacement. Après l'immersion intégrale dans la Matière Terre, après l'accueil de la verticalité mobile du Ciel, après l'attente horizontale, frontale et statique des Divins, les Hommes sont conduits⁸ dans ces trois composantes où ils les relient entre elles afin de définir l'Habiter. Paradoxalement, du point de vue de la forme, être sur la Terre, sous le Ciel, devant les Divins et accompagner les Mortels, ne semble pas définir un espace orthogonal – "quadri" et "part" – qui limiterait l'aire ou la surface de la vie humaine. Au contraire, cela suggérerait davantage un volume global non-euclidien, composé d'Éléments

⁸ "Conduire" les Mortels suggérerait que le narrateur est extérieur. Qui conduit les Mortels ? Serait-ce l'architecte, le créateur qui agit pour ses semblables, les Mortels ? Nécessité de se distancier pour mieux cerner le problème de l'Habiter ?

objectivement définis qui sont à la fois subjectivement indéfinissables et sensibles, où l'Homme peut évoluer librement pour accomplir son cycle de la vie. Le Lieu créé par l'Homme donne une place au QUADRIPARTI dans un double sens : il l'admet et l'installe. L'installation comme l'admission sont solidaires l'une de l'autre. Le QUADRIPARTI n'est donc pas une création pure, mais c'est la prise de conscience et l'admission de l'existence pré-existante des éléments isolés et constitutifs du Milieu naturel. Lorsque l'Homme bâtit, il édifie des Lieux qui ménagent une place au QUADRIPARTI. Dans le cadre de la dissertation, le bâtit sera étendu à l'échelle de la Ville, car suivant FRANÇOISE CHOAY, nous pouvons transcrire l'Habiter de MARTIN HEIDEGGER à l'échelle de la Ville.

1.1.2 Habiter le Lieu

Selon MARTIN HEIDEGGER, le monde est une demeure où habitent les Hommes et l'Homme habite lorsqu'il réussit à s'orienter dans un Milieu et à s'identifier à lui, puisque l'identification et l'orientation sont la base du "Dasein". L'Homme produit alors un Lieu artificiel, ou une Atmosphère, qui se compose de l'association de la Nature⁹ et des valeurs communes d'une société s'y référant. Il considère que l'Atmosphère est la modalité fondamentale du "Dasein" et le fondement de la présence. Il faut construire le "monde de la vie" en accord avec la compréhension du Lieu naturel, c'est dans la relation que l'édifice (*par extension une Ville*) entretient avec la Terre et le Ciel, que l'édifice trouve son identité. (NORBERG-SCHULZ, 1997). Il s'agit de comprendre et de traduire le paysage à travers l'architecture, de sorte que l'usage¹⁰ du Lieu puisse se réaliser et le paysage naturel se transformer en paysage culturel. Comme dans l'exemple du Pont, que MARTIN HEIDEGGER emploie dans son texte « *Bâtir, Habiter, Penser* », un paysage se révèle à l'aide d'un ouvrage construit qui devient précisément ce qu'il est en accomplissant son rôle. Dans la dissertation, l'abordage philosophique architectural, traduit par le QUADRIPARTI, transmet le principe selon

9 La Nature est considérée comme l'ensemble du réel ignorant les modifications apportées par l'Homme, elles-mêmes qualifiées d'artificielles. La Nature est alors ce qui ne subit pas la mise en forme d'une finalité humaine technique, mais qui comprend l'Homme comme un des maillons de l'écosystème.

10 Selon HENRI LEFEBVRE, la ville traditionnelle portait la valeur d'usage. La ville à valeur d'usage se composait de la ville, de la vie urbaine et du temps urbain. Ainsi, il en résultait une Œuvre collective. Depuis le modernisme progressiste, l'Œuvre est substituée par le Produit et la ville à valeur d'usage est substituée par la ville à valeur d'échange aboutissant ainsi à la perte du message collectif.

lequel l'édifice (par extension, une Ville) rassemble un Milieu Total. Il transforme ainsi la Terre en une contrée habitée, désormais à proximité de l'Homme (HEIDEGGER, 1958). L'architecture et sa matérialisation à travers la ville, est au service de cette Totalité. Face à la perte du "qualitatif" dans le modernisme progressiste, ou autrement dit la perte du respect de ce qui "Est", seule une compréhension selon un abordage philosophique du Lieu pourrait résoudre cette crise. Le QUADRIPARTI peut alors être considéré et employé comme une méthode de compréhension du Lieu, car son harmonie résulte de la compréhension et de la juste proportion hiérarchisée entre ses quatre composantes qui ensemble, définissent un "volume d'habitabilité" qui satisfait la condition terrestre de l'Homme.

1.2 Du Milieu naturel à sa matérialisation dans l'artificiel, le Lieu comme synthèse du Quadriparti

Les réflexions développées par MARTIN HEIDEGGER autour de l'Habiter, remettent en cause la conception moderniste du Lieu que l'on peut qualifier d'espace homogène et universel. AUGUSTIN BERQUE perçoit que MARTIN HEIDEGGER nous amène à l'ontologie du Lieu par rapport à la Chose. Il remet en cause le dualisme Cartésien qui se caractérise par une scission entre le Sujet et l'Objet, dont il résulte un espace purement métrique qui repose sur l'absolue dissociation entre "la Chose étendue" (l'Objet) et "la Chose pensante" (le Sujet). De la sorte, MARTIN HEIDEGGER propose la sortie de l'Être au dehors de soi-même pour se tenir auprès des Choses. Pour comprendre le Lieu dans la modernité il faut remonter à l'origine de son concept et aux conditions de sa création. Selon AUGUSTIN BERQUE, en Occident, le concept du Lieu qui annonce les caractéristiques du Lieu abstrait dans l'architecture Moderniste, se base sur le "Topos" d'ARISTOTE. Dans sa définition, le Topos est la limite immobile de la Chose qui peut changer de Lieu sans que son Être s'altère. Il est une simple localisation qui ne fait pas intervenir l'Être de la Chose. Ici se constitue la préfiguration de l'espace homogène de l'architecture moderne et de ses liens historiques et culturels avec l'antiquité grecque. Cependant, toujours selon AUGUSTIN BERQUE, un autre concept de Lieu, contraire au Topos, existe dans les fondements de la culture occidentale. Il s'agit du concept du Lieu selon la "Chôra" de PLATON. Ce Lieu impliquerait une architecture qui y soit engagée et qui pour cela déploierait un Milieu humain. La Chôra est un Lieu existentiel qui garde le souvenir des puissances archaïques de la Terre (BERQUE, 2009). C'est un Lieu qui participe

de ce qui s'y trouve, qui est dynamique et qui à partir duquel il advient quelque chose de différent. C'est le concept du Lieu selon la Chôra qui serait à employer dans l'abordage philosophique de la dissertation, car d'une part, il y a une imprégnation réciproque entre le Lieu et ce qui s'y trouve et que d'autre part, sur la Terre, il ne peut pas y avoir deux fois le même "ici". Ainsi, dans la Nature, les unités concrètement présentes dans le paysage et les Lieux donnés, déterminent des qualités de formes compréhensibles, fondées sur le gestaltisme¹¹ (NORBERG-SCHULZ, 1997). La Nature constitue donc un Lieu qui, d'après les circonstances locales, acquiert une identité particulière ou un "Esprit". Parmi les ordres de grandeur du Milieu naturel, le paysage constitue l'unité la plus générale mais aussi la plus importante. Pour sa part, MARTIN HEIDEGGER atteint une compréhension existentielle du paysage, qui devrait être préservé en tant qu'Élément fondamental d'individualisation des Lieux naturels. Comme tout Milieu naturel comprend des qualités de formes qui fixent son identité, tout paysage naturel possède donc un "style" naturel particulier. Pour l'Homme, "l'Esprit du Lieu" naturel est ressenti comme riche de qualités et de significations et de tout temps il a été compris en tant que manifestation du "Genius Loci".

Pour CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, la Nature transmet des indications et des orientations. Ces directions du système "axial naturel" se différencient radicalement du système mathématique des coordonnées et ont une diversité qualitative fondamentale pour l'espace du vécu. L'Homme doit utiliser ce qui est "donné", ou encore "offert" par la Nature et doit continuer ce "donné" tout en étant en accord avec la situation présente. La Nature, comprise comme arrière-plan, unit et concrétise le tout. Elle donne l'Atmosphère fondamentale d'un Lieu. Un Lieu se distingue donc par son Atmosphère et, d'un Milieu à l'autre, celui-ci varie. Par ce principe, aucun Lieu n'est semblable à un autre et les Atmosphères sont innombrables. Toutefois, dans cette diversité, il surgit une caractéristique commune, une "permanence". En effet, comme le remarque CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, la Nature aspire à la Tranquillité et le caractère commun de toutes les Atmosphères est la recherche de la manifestation de cette Tranquillité, comme condition favorable à l'Habiter.

¹¹ Le mot allemand de "gestalt" a été donné à la théorie de la forme. Son origine provient de "gestalten", qui signifie mettre en forme et donner une signification. Le mot "gestalt" serait donc une forme structurée, complète et qui prend un sens pour le sujet qui perçoit. Source : Preunet.

L'influence des Éléments Terre et Ciel :

Dans la Nature, les unités concrètement présentes dans le paysage et les lieux donnés, consistent en une relation Terre/Ciel (NORBERG-SCHULZ, 1997). Cette relation permet que l'on puisse se sentir inséré et ouvert au monde en même temps, c'est-à-dire localisé dans le "Genius Loci" naturel et ouvert au monde, en vertu du rassemblement opéré par le "Genius Loci" artificiel. "L'Esprit du Lieu", qui est l'autre nom du "Genius Loci", est donc représentatif de la relation primordiale entre la Terre et le Ciel, où la Lumière joue un rôle déterminant. Mais, "l'Esprit du Lieu" est avant toute autre chose, étroitement lié à la Terre, en tant que substance et matière. Sa manifestation émanerait donc, dans un premier temps, de la Terre. Du point de vue morphologique, les formes naturelles sont dites "topologiques", c'est-à-dire en lien direct avec la Terre. Comme chaque Lieu naturel est doté d'une étendue et d'une élévation, autrement dit d'un relief spécifique, la topographie a donc une valeur essentielle. Toute élévation du site, tout comme son contour, permettent de visualiser la Tension du Lieu dans sa relation Terre/Ciel. Les élévations naturelles ont donc une qualité de forme et sont donc capables de conditionner l'espace. Par exemple, la verticalité d'une colline peut servir de centre à un paysage, ou, lorsque selon MARTIN HEIDEGGER, la Montagne est un centre au travers duquel passe l'Axis Mundi pouvant servir de référence à l'implantation d'une société humaine. Nous verrons plus tard dans la dissertation, à travers la question du Lieu chez le groupe utopique positiviste ARCHITECTURE-PRINCIPE (chap. 3.5), l'emploi du cadre naturel de la montagne où se manifeste la Tranquillité.

Comprendre le Milieu naturel, selon ce rapport objectif et subjectif, serait indispensable, car conformément aux études du docteur WILLY HELLPACH, un paysage compris dans sa totalité Terre/Ciel exerce une influence sur l'Homme. Tant la topographie, que les autres propriétés, concourent à générer une atmosphère particulière qui est un trait fondamental de l'identité du Lieu, et que l'Homme traduit dans son Œuvre. Pour définir le caractère du Lieu, l'Homme doit identifier les constitutions matérielles et formelles du Milieu naturel. Cependant, les formes naturelles sont plus topologiques que géométriques et incluent aussi des directions et des centres. (NORBERG-SCHULZ, 1997). Donc, il semblerait que pour l'Homme, la dimension topologique terrestre soit supérieure à la dimension céleste, car c'est dans le Milieu terrestre que l'Homme a découvert sa place significative à l'intérieur de la

Totalité. Le Milieu terrestre est la scène de la vie quotidienne de l'Homme. Or, CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ précise aussi que dans le monde occidental, où de nombreux Milieux naturels ont une topologie fortement présente, il y a eu depuis l'antiquité une plus grande influence du Ciel, qui représente un "toujours lointain" et qui, à travers la géométrie, matérialise et projette une mesure céleste à la surface de la Terre.

Évolution du Lieu et du temps :

Au-delà de sa forme et de sa constitution, le caractère du Lieu a également une fonction temporelle fixe et changeante. D'une part, il garde son identité à travers tout changement provoqué par les continuelles modifications de l'existence de l'Homme, en ce sens, il est atemporel. Mais d'autre part, la compréhension du Lieu par l'Homme est également déterminée par le temps, puisque quels que soient les changements, elle émane du Lieu lui-même. Pour l'Homme, cette perception ce serait "le sens du passé" qui est exprimé par la continuité et le changement et que présente le schéma suivant :

Changement (temporel)	Continuité (atemporel)		
	Monumentalité	+	Régionalisme
	↓		↓
	<i>mémoire et symbole</i>		<i>nécessité de s'enraciner</i>
	<i>qui enracinent l'Homme</i>		<i>dans l'espace</i>
	<i>dans le Temps</i>		<i>= LIEU</i>
		→	Humanisation
			↓
			<i>(rapport entre</i>
			<i>l'Homme</i>
			<i>et son Milieu)</i>

Du Lieu artificiel au Lieu comme totalité :

Selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, les Lieux artificiels créés par l'Homme se réfèrent à la Nature selon trois modalités. Premièrement, l'Homme aspire à préciser la structure naturelle et il construit ce qu'il a vu. Ainsi, les éclaircissements apportés par l'Homme ont pour but de définir les données naturelles. Deuxièmement, l'Homme exprime par

des Symboles¹² sa reconnaissance de la Nature. Et troisièmement, l'Homme a besoin de rassembler les significations qu'il a expérimentées afin de se créer un microcosme qui concrétise et qui représente le monde, c'est "l'Imago Mundi". Ainsi, l'Homme reçoit le Milieu et le traduit sur les édifices. La traduction n'est pas la copie mais une interprétation du Milieu. Les édifices - et les villes - créés par l'Homme, expliquent et expriment le Milieu naturel. En manifestant son caractère, ils deviennent significatifs à leur tour, dans une logique que l'on peut qualifier de cyclique. Le Lieu artificiel rentre alors en communication avec le Lieu naturel et inversement, dans un rapport trajectif entre le Dedans et le Dehors. Le Lieu est un "phénomène Total" qui ne peut être réduit à une de ses caractéristiques. Il y a l'obligation d'une Totalité unifiée pour faire un Lieu (NORBERG-SCHULZ, 1997). Il y a une cohérence spatiale et une forme unitaire qui font que les éléments du Lieu sont déterminés par l'ensemble. C'est pourquoi la Nature et la vie sont les éléments complémentaires d'une totalité associant la mémoire, l'orientation et l'identification, qui forment le "Genius Loci". Selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, la structure fondamentale de la totalité unificatrice du Lieu, est représenté par ce tableau :

Mémoire :	+	Orientation :	+	Identification :
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nature</i> • <i>Paysage</i> • <i>Nature + Édifice</i> • <i>Édifice particulier</i> 		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Permet de s'orienter dans l'espace.</i> 		<ul style="list-style-type: none"> • <i>S'identifie aux formes concrètes.</i> • <i>Se produit par le caractère particulier du Milieu.</i>

12 Selon HENRI LEFEBVRE, les Symboles faisaient partie de la société traditionnelle et étaient exprimés à l'échelle urbaine. A l'ère moderne, l'Homme est privé de Symboles et est livré aux choses, aux bruits et aux signaux. Les signaux, inventés par la société industrielle, envahissent la quotidienneté et ont remplacé les Symboles.

1.3 La ville traditionnelle comme Lieu

Selon ALEXANDRE MELISSINOS, la ville traditionnelle occidentale comportait l'association de la Centralité, de la Délimitation, de l'Orientation, du Sacré, de la Pénétrabilité et de la Transmission d'un message collectif. Du point de vue de GEORG SIMMEL, la ville traditionnelle fournissait une entité sociologique cohérente et formée spatialement, contrairement à la ville moderniste progressiste qui proposait une entité spatiale aux conséquences sociales. Et d'après HENRI LEFEBVRE, les villes traditionnelles occidentales étaient des centres de vie sociale et politique, où s'accumulaient des richesses, des connaissances, des techniques et des œuvres collectives. Le mélange des fonctions de la ville faisait l'urbanité où se conservait un caractère organique de communauté. Les différentes disciplines étudiées dans la dissertation, s'accordent pour définir la ville traditionnelle comme une unité référentielle forte et multi-dimensionnelle, du point de vue objectif et subjectif.

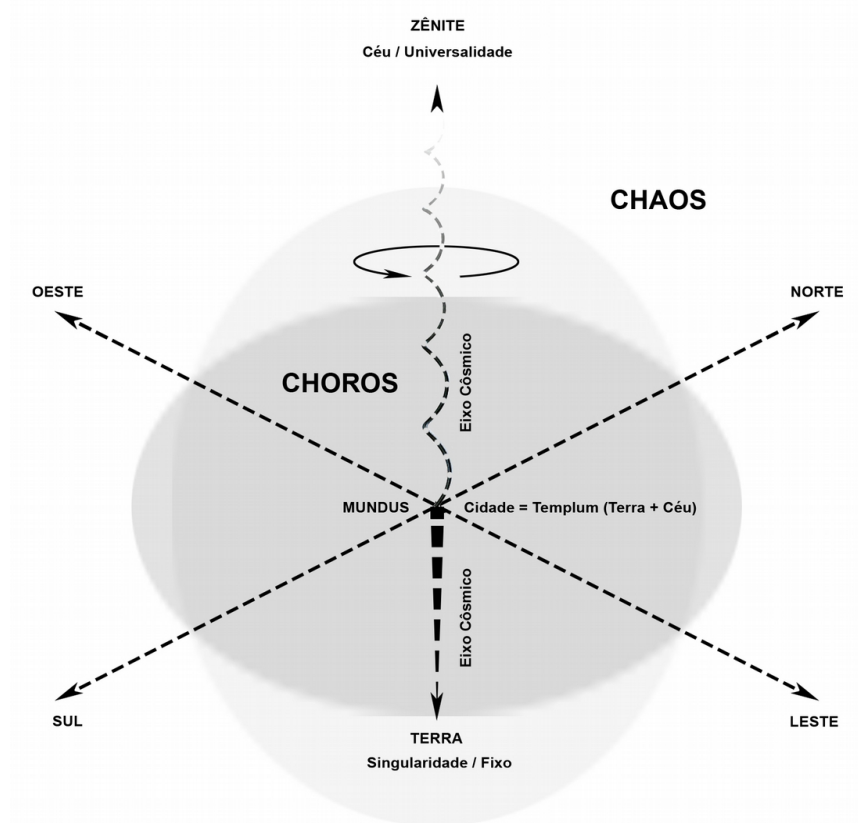


Illustration 1:
Schéma représentant la cité traditionnelle comme un "Mundus".
Élaboration personnelle.

Pour revenir sur la caractéristique de la symbolique, exprimée précédemment dans les cultures les plus diverses, le monde s'originait dans un nombril, un "Omphalos", qui entérinait sa naissance. La ville y était perçue comme un "Mundus" qui matérialisait une forte relation à l'Élément Terre. Par exemple, FRANÇOISE CHOAY évoque la « *Pierre des origines* » qui fonde l'implantation du monde. Elle était un centre à partir duquel la ville matérialise le "Mundus". Cette « *Pierre des origines* » était extraite du site d'implantation et prenait la valeur d'édifice sans recevoir d'altération par l'outil de l'Homme. De notre point de vue contemporain, un tel édifice symbolique qui émerge du site d'inscription, sans être altéré par la mécanisation de l'Homme, est en rupture totale avec la condition urbaine à l'heure du modernisme progressiste défini comme déterritorialisé, mécanisé et industrialisé.

Le Lieu, L'Homme et son Œuvre : l'Architecture.

Suivant CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, "l'Esprit du Lieu" naturel est à l'origine de l'architecture. Il existerait un "quelque chose" de permanent qui demeure caché dans la Nature environnante et que l'architecture traditionnelle rassemblait et révélait. De tout temps, cela aurait été la condition naturelle de l'Homme qui crée sur la Terre. Les attitudes personnelles, les mentalités et les attitudes collectives ont été influencées par le Milieu (HELLPACH, 1944). Quant au lien entre la nature et l'architecture et leur union dans la ville, la rencontre avec le Lieu est d'abord la reconnaissance d'une totalité diffuse qui possède une qualité de forme dépendant à la fois des données naturelles et des éclaircissements apportés par l'Homme. L'espace architectural a donc toujours été compris comme une image de l'espace naturel. La morphologie architectonique s'explique à travers les conditions géographiques des Lieux où surgissent les monuments (ZEVI, 1959). La reconnaissance de la variété des unités naturelles est une introduction à la compréhension des formes architecturales. Avant d'être une construction pure, l'architecture est davantage une traduction de son Milieu naturel d'inscription. Dans sa conception traditionnelle, la ville était une Œuvre collective, dont les constituants exprimaient une vie collective et des affinités d'une manière d'Être au Monde. Selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, c'est ainsi que naissait un "Genius Loci" qui permettait l'identification humaine. La ville moderniste a perdu cette valeur d'usage symbolique et concret qui permettait l'identification. Elle se caractérise davantage par une valeur d'échange d'unités mesurables, quantifiables et abstraites. Selon HENRI LEFEBVRE, lorsque la ville était

une Œuvre qui relevait de la valeur d'usage, la ville, la vie urbaine et le temps urbain permettaient d'inscrire l'expérience émotionnelle, la compréhension logique, le comportement physique et l'impression sensorielle, dans le Lieu. Malgré des fonctions pourtant semblables, les villes traditionnelles se différenciaient entre elles car elles s'implantaient dans des Lieux aux caractéristiques diverses, tant par les conditions du Milieu naturel que par les traditions culturelles et sociales qui en dépendaient. Le Lieu construit - représenté par la ville - était alors dans ce rapport équilibré entre le Milieu naturel et le Social. Dans une vision positiviste tournée vers l'avenir, CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ affirme que la modernité et sa continuité dans laquelle nous nous trouvons historiquement, pourrait encore se nourrir du concept du Lieu de la ville traditionnelle. Respecter le Genius Loci ne signifie pas recopier les Modèles anciens, mais cela signifie mettre au jour l'identité du Lieu et l'interpréter de façon nouvelle (NORBERG-SCHULZ, 1997). En sachant associer de nouveau le Milieu naturel et son interprétation sociale dans l'Œuvre collective, il serait produit un art du Lieu que la ville matérialiserait par l'architecture. Selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, c'est en tant qu'art du Lieu que l'architecture peut contribuer à résoudre la fracture occidentale entre Pensée et Sentiment.

La ville sous l'influence de la Terre et du Ciel :

Le caractère du Lieu est largement déterminé par les modalités concrètes, du fait de reposer sur la Terre et de s'élever vers le Ciel. Il y a des villes où les forces de la Terre se ressentent de manière forte et des villes où ressort la capacité d'un ordre imposé par le Ciel. Mais parmi toutes les variétés des Milieux naturels, les villes doivent y posséder quelque chose de ces catégories de signification du rapport Terre/Ciel, afin qu'il soit possible à l'Homme d'Habiter. Selon les définitions de CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, ce schéma exprime la relation que la ville, comprise comme un Lieu, doit entretenir dans le rapport Terre/Ciel :

Ville = Habitat = Manifestation du Vécu = Identité singulière = Lieu		
Topologie	+	Géométrie
<i>La Terre, (dans son étendue et son relief)</i>		<i>Le Ciel, (dans son volume)</i>
<i>Horizontalité et Rythme</i>		<i>Verticalité et Tension</i>

1.3.1 Implantation, identité et transmission du message collectif :

L'essence de l'implantation réside dans le rassemblement qui signifie réunir des significations différentes (NORBERG-SCHULZ, 1997). Comme dans l'exemple du pont de MARTIN HEIDEGGER, les actes qui permettent de visualiser, de compléter, de symboliser et de rassembler, sont en fait des processus généraux d'implantation. Mais pour s'implanter, il faut avant tout pouvoir s'orienter. Rien ne peut se faire sans une orientation préalable, et toute orientation implique l'acquisition d'un point fixe (ELIADE, 1988). Réaliser le "monde de la vie" repose donc sur l'hypothèse que l'Homme a su élire son point d'appui par la découverte ou la projection d'un point fixe, d'un centre, ce qui équivaut à la création du monde. Dans le Milieu naturel, les points cardinaux du plan horizontal et la verticale de l'axe du monde, sont les caractères fondamentaux de l'espace vécu de l'Homme. Ainsi, le module le plus simple de l'espace existentiel est donc le plan horizontal, coupé par un axe vertical. C'est sur ce plan horizontal que l'Homme constitue l'espace concret de son quotidien. Le plan horizontal sera défini par une limite, qui s'oppose à un horizon toujours fuyant, afin de garantir un "endroit où être". L'architecture, quant à elle, a pour but de visualiser cet espace vécu en marquant des centres et en orientant les bâtiments. De la sorte, les villes diffèrent dans les contenus de ce qu'elles rassemblent et représentent des implantations variées, c'est-à-dire des "Genius Loci" variés. S'implanter, c'est donc reconnaître l'Identité du Lieu, et par elle, l'identité de l'Homme. Lorsque l'identité est définie et assumée, un message peut être transmis. Traditionnellement, selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, en fonction de son architecture et de sa relation au Milieu, tout habitat possédait une identité propre, et transmettait un message pour la collectivité. C'est ce que confirme également FRANÇOISE CHOAY à l'échelle de l'architecture et de la ville.

Le Paysage culturel et l'onirisme de la ville traditionnelle :

En partant du Milieu naturel, le paysage habité est un paysage "compris" où l'œuvre de la Nature et les réalisations de l'Homme entrent en résonance. Il devient donc un paysage conscient où l'Homme prend place entre la Terre et le Ciel. Quand le paysage habité est proche de l'Homme, l'espace, la forme et les figures coopèrent et conditionnent ainsi une intensité du Lieu qui caractérise le "Genius Loci". La totalité de l'interprétation de la Nature

produite par l'Homme, passe alors du statut de paysage habité à celui de paysage culturel, constitué d'un ensemble d'endroits construits à différentes échelles, de l'habitat, à la ville, au paysage et inversement selon le rapport cyclique exprimé précédemment.

La Ville traditionnelle se liait à la Terre et au Ciel dans des proportions correspondantes à la localisation géographique de Milieu naturel d'inscription. Mais, selon HENRI LEFEBVRE, la ville traditionnelle était également liée à l'histoire, à l'art, et plus particulièrement à la philosophie. C'est dans ce sens que la dissertation introduit l'image de la "racine" de GASTON BACHELARD et l'y associe afin d'illustrer le concept philosophique du rapport Terre/Ciel, dans la ville. La racine et la ville traditionnelle ont cet objectif en commun de lier la Terre et le Ciel, en renforçant l'attachement organique et énergétique à un Lieu d'inscription. Pour GASTON BACHELARD, la racine travaille dans les deux directions : vers la Terre et vers le Ciel. La symbolique de la racine, dans son œuvre, est une image dynamique qui reçoit les forces les plus diverses. Elle est à la fois la force de maintien et la force pénétrante. Elle stabilise les éléments fuyants et elle représente un grand désir de stabilité. D'après GASTON BACHELARD, en psychanalyse, la racine est un mot inducteur, un mot qui fait rêver. Elle fait descendre la personne dans son passé le plus profond, dans l'inconscient le plus lointain, au-delà même de tout ce que fut sa personne. L'image de la racine révélerait en nos rêves tout ce qui fait de nous des habitants de la Terre. La racine est en quelque sorte, un axe de la profondeur. Elle nous renvoie à un passé lointain, « *au passé de notre race* », selon les propres termes du philosophe. Elle est aussi associée intrinsèquement à l'image de l'arbre, qui sera développé dans le chapitre de la dissertation dédié au sacré (chap. 1.5). Pour fonder le choix de l'association entre la racine, l'arbre et la ville traditionnelle, nous trouvons dans l'œuvre du philosophe, une citation de VICTOR HUGO qui détermine dans cette relation tripartite, la définition philosophique de la ville traditionnelle : la Ville pousse comme une forêt. On dirait que les fondations de nos demeures ne sont pas des fondations, mais des racines, de vivantes racines où la sève coule (BACHELARD, 2010).

Comme FRANÇOISE CHOAY qui considère que l'Habiter de MARTIN HEIDEGGER est transposable à l'échelle de l'urbain, nous pouvons de la même manière transposer l'idée de la "maison onirique" de GASTON BACHELARD à l'échelle de la ville où habite l'Homme. La maison onirique a la cave comme racine et un nid sur son toit. Le toit représenterait la tête du

rêveur ainsi que les fonctions conscientes, alors que la cave représenterait l'inconscient, la force obscure mais aussi la source de vie. Au-delà du rapport Terre/Ciel qui semble évident, la maison onirique est décrite comme un être humain vivace et non dans une position statique et neutre. Notons à cette occasion que l'association de l'anthropologie à l'édifice est une caractéristique culturelle occidentale. La cave de la maison onirique représente la nuit et la fraîcheur sous la maison, "la nuit murée". La Terre y est noire et humide et c'est d'elle que pousse et que croît la maison - ou la ville - selon l'interprétation de la dissertation. GASTON BACHELARD y associe clairement la maison à un organisme vivant végétal où la Terre est l'Élément primordial, comme dans la hiérarchie du QUADRIPARTI. Le grenier est la représentation du Ciel où règne le soleil, le vent, la sécheresse, en opposition à l'humidité de la Terre.

Sous le rapport de la Terre et du Ciel de la maison onirique, nous retrouvons le couple "dedans/dehors" du Lieu artificiel de CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ. La vie renfermée du dedans et la vie exubérante du dehors, sont l'une et l'autre, deux nécessités psychiques de l'Homme. La vie renfermée et la vie exubérante doivent être des réalités psychologiques avec un cadre et un décor. Pour ces deux vies, il faut la maison et les champs (BACHELARD, 2010). Dans cette citation, en transposant la maison par la ville et les champs par le paysage naturel environnant, nous rencontrons à nouveau le concept du "Genius Loci" de CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ. La maison onirique illustrerait donc les concepts philosophiques de l'Habiter urbain qui renforce ce rapport dialectique et indissociable entre la Terre et le Ciel. D'autre part, pour renforcer la primauté de l'Élément Terre dans la définition du Lieu, GASTON BACHELARD lui associe l'image de la Mère :

Dès que l'on touche aux images de la maison onirique, qui ont de lointaines racines dans l'inconscient des Hommes, la moindre vibration porte ses résonances partout. L'image de la Mère se réveille sous les formes les plus diverses, les plus inattendues (BACHELARD, 2010, p.199).

1.4 Constitution et évolution historique de la culture occidentale sous le regard du Quadriparti

1.4.1 Sauver la Terre, accueillir le Ciel - divergences Nord/Sud

Dans l'analyse du rapport entre la Terre et le Ciel selon le QUADRIPARTI, la dissertation part du constat que des divergences existent à travers le monde occidental. Selon des disciplines diverses et des auteurs variés, tels que HENRI LEFEBVRE, BRUNO ZEVI, EDWARD TWITCHELL HALL et surtout CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, la divergence la plus caractéristique est entre les Milieux naturels du Nord et les Milieux naturels du Sud du monde occidental. Dans le territoire occidental, ces auteurs caractérisent le Milieu naturel Nord comme producteur du "Romantique" et le Milieu naturel Sud comme producteur du "Classique" (cf. Annexe A).

Les caractéristiques du Nord, du Sud et leurs matérialisations :

CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ et BRUNO ZEVI vont être les principaux théoriciens à décrire les variations des caractéristiques architecturales entre les Milieux naturels du Nord et les Milieux naturels du Sud du monde occidental. Au-delà de distinction "Romantique" et "Classique", ils vont aussi définir les zones semi-désertiques et désertiques, situées à l'extrême zone sud-est et limitrophes à l'occident, comme "Cosmiques". Nous verrons plus tard dans la dissertation, notamment dans le chapitre du sacré (chap. 1.5), pourquoi il est important d'inclure cette troisième caractéristique dans un Occident identifié comme étant uniquement composé du Romantique et du Classique. Le contenu de ce chapitre est la synthèse des fiches situées dans les annexes B et C.

La zone nord-occidentale est dite "Romantique". Ce Milieu naturel possède un climat tempéré avec un ensoleillement moyen. L'intensité des saisons change rapidement ainsi que les conditions météorologiques. La permanence et la stabilité du Ciel n'existent pas. Les valeurs de variations d'intensités lumineuses, les valeurs d'occupation du Ciel par la nébulosité, ne permettent pas de fixer dans l'Élément Ciel une valeur de référencement pour une orientation suffisante. La variété des sols est importante et procure la possibilité de

culture végétale systématique, rendue possible par une humidité des sols favorable. La faible activité volcanique ou sismique n'entraîne pas de craintes ou de méfiances particulières vis-à-vis de l'Élément Terre. Les lignes géomorphologiques sont dynamiques et organiques. Couplées à la richesse géologique, elles augmentent les possibilités et les variétés d'occupation, dans de grands mouvements fluides et ondulatoires. Le relief global pousse à une égale répartition de présence entre la Terre et le Ciel. Les conditions climatiques, alliées à de bonnes conditions naturelles de sol, favorisent une production végétale importante qui permet une valorisation positive des sols. Les végétations forestières naturelles et natives ont côtoyé les végétations agricoles domestiquées. Les conditions naturelles du Milieu sont favorables à l'installation d'une culture sédentaire qui s'est développée dans un rapport cyclique, organique, et équilibré entre l'Élément Terre et l'Élément Ciel. Culturellement, l'Élément Terre sera primordial et de première importance. Il sera compris comme positif et complémentaire, en égale proportion, à l'Élément Ciel.

La zone sud-occidentale est dite "Classique". Ce Milieu naturel possède un climat de tempéré à méditerranéen et chaud, avec un ensoleillement fort pouvant être presque le double de celui du Nord dans le cas de la Grèce. L'intensité des saisons est moins forte que dans le Nord et les conditions météorologiques y ont une transition moins marquée. La permanence et la stabilité du Ciel est encore plus importante en Grèce qu'en Italie. La forte luminosité, les valeurs de variations d'intensités lumineuses et les valeurs d'occupation du Ciel par la nébulosité, permettent de fixer dans l'Élément Ciel une valeur de référencement suffisante pour servir d'orientation. La variété des sols est encore importante dans le cas de l'Italie mais plus faible dans le cas de la Grèce. Dans les deux cas, la variété des sols commence à procurer des difficultés pour la culture agricole systématique, rendue plus complexe par une humidité des sols aléatoire et plus sèche que dans le Milieu du Nord. En ce qui concerne le climat et la qualité des sols, la Grèce est en général moins favorable à l'agriculture que l'Italie. La position de l'Italie et de la Grèce le long de deux plaques tectoniques provoque une activité volcanique importante en Italie et une forte activité sismique en Grèce. Les conséquences volcaniques et sismiques peuvent entraîner des craintes ou des méfiances particulières vis-à-vis de l'Élément Terre. Les formes géomorphologiques sont tendues, étirées, linéaires, droites et suivent une orientation commune selon un axe NO/SE. L'Élément Terre des Milieux du Sud présente une certaine rigidité et une rectitude par rapport à l'organicisme du Milieu du Nord. Le relief

global, identique en Italie et en Grèce, selon une symétrie le long de l'axe central représentant une colonne vertébrale surélevée, est limité par la mer. Cette configuration réduit la présence de la Terre par la présence de l'eau, tout en augmentant la part de présence du Ciel. Les conditions climatiques qui varient du favorable à l'aride, couplées à des conditions naturelles parfois médiocres des sols, ne favorisent pas une production végétale importante amenant à une valorisation positive des sols. Les végétations natives naturelles, composées de petites forêts et de végétations basses et éparses, démontrent les efforts à produire pour une agriculture efficace. Ces conditions naturelles, peu favorables à l'agriculture, ont toutefois permis l'installation d'une culture sédentaire qui s'est développée dans un rapport où l'Élément Terre, difficile et instable, est minimisé par rapport à l'Élément Ciel, plus stable et plus clément. Culturellement, l'Élément Terre sera encore positif mais dans une intensité moindre qu'au Nord et l'Élément Ciel sera plus important. L'ensemble reste complémentaire mais dans une proportion où l'Élément Terre sera inférieur à l'Élément Ciel.

La zone sud-est extra-occidentale est dite "Cosmique". Cette zone qui se situe en Proche-Orient, représente le Milieu naturel où est apparu le sacré qui s'étendra dans la culture occidentale et qui caractérise cette dernière jusque dans la contemporanéité. Ce Milieu naturel possède un climat dit méditerranéen et allant jusqu'au climat désertique. L'ensoleillement y est quantifiable de fort à puissant et bien supérieur au double de la valeur du climat du Nord. Les climats changent moins rapidement qu'en Grèce ou en Italie et les conditions météorologiques ont une transition encore moins marquée. La permanence et la stabilité du Ciel est encore plus importante qu'en Grèce. L'homogénéité du Ciel est également supérieure à celle de la Grèce. La forte luminosité, les variations d'intensités lumineuses et l'occupation du Ciel par la nébulosité, permettent de fixer dans l'Élément Ciel, une valeur de référencement suffisante pour servir d'orientation. La variété des sols redevient importante en comparaison avec le cas grec, mais intègre des sols pauvres et arides. La variété des sols procure des difficultés importantes pour la culture agricole systématique qui est rendue complexe par la faible, voire inexistante, humidité. En ce qui concerne le climat et la qualité des sols, les conditions sont donc peu favorables à l'agriculture et nécessitent des aménagements artificiels. La position de la zone étudiée, à l'intersection de trois plaques tectoniques, provoque une forte activité sismique. Les conséquences sismiques peuvent entraîner des craintes ou des méfiances particulières vis-à-vis de l'Élément Terre. Par la présence d'une faille profonde et

continue qui structure l'ensemble, la forme géomorphologique est tendue, étirée, droite et suit une orientation quasi parfaite Nord/Sud. L'Élément Terre présente une géométrie d'une totale rigidité qui est encore plus marquée que dans le cas de la Grèce ou de l'Italie. L'orientation globale parfaite, conjuguée aux difficiles conditions terrestres, favorise un fort référentiel au Ciel et à l'adoption de son caractère géométrique. La faille semble confirmer la projection du Ciel sur la Terre. Les conditions climatiques, qui varient du peu favorable à l'aride, couplées à des compositions naturelles parfois très stériles des sols, ne favorisent pas une production végétale importante, amenant à une valorisation positive des sols. Les végétations naturelles de petites forêts, de végétations basses et éparées et de zones stériles, démontrent les efforts à produire pour une agriculture suffisante. Ces conditions naturelles qui, dans l'ensemble, ne sont pas favorables à l'agriculture, ont toutefois permis l'installation d'une culture sédentaire localisée (le Croissant Fertile, berceau de la civilisation occidentale) qui s'est développée dans un rapport où l'élément Terre, très difficile et instable, est fort minimisé par rapport à l'Élément Ciel, très stable et très présent. D'autre part, le reste du territoire est occupé par des zones totalement désertiques qui rendent impossible toute installation sédentaire. Le Milieu naturel désertique amène logiquement l'Homme au nomadisme. Dans le désert, la Terre chaude, dure ou meuble, déshydratée, impropre à l'agriculture ne peut pas avoir de valeur positive d'implantation collective dans le sens traditionnel. Le Ciel est la seule référence d'orientation pour les populations nomades. Contrairement aux religions polythéistes et agraires, liées à la Terre et au Ciel, c'est dans le Milieu naturel désertique que le peuple nomade Hébreux composera la première religion monothéiste. Une religion purement céleste où la cité idéale et donc l'implantation idéale des Hommes, sera lumineuse et dans le Ciel. Ici, l'Élément Terre n'est pas inclus dans l'identité et dans l'implantation pour constituer un Lieu pour Habiter.

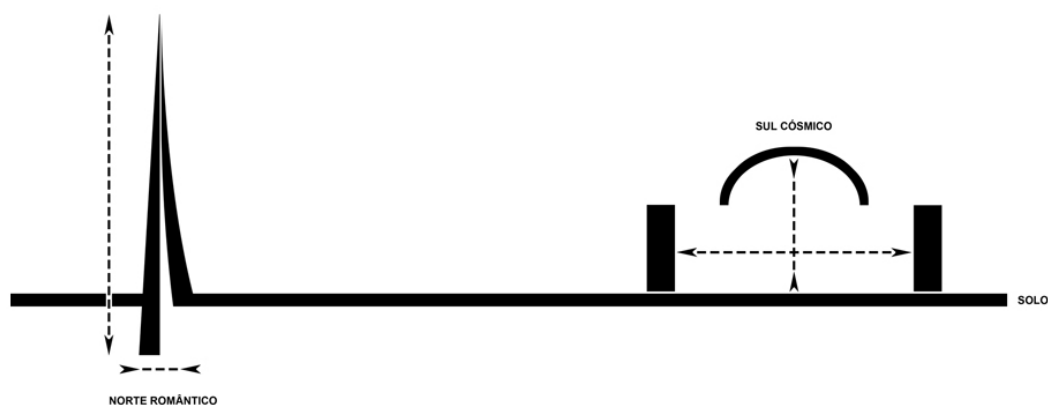


Illustration 2: Différences fondamentales dans l'interprétation des Milieux naturels entre l'architecture Romantique et l'architecture Cosmique. Élaboration personnelle.

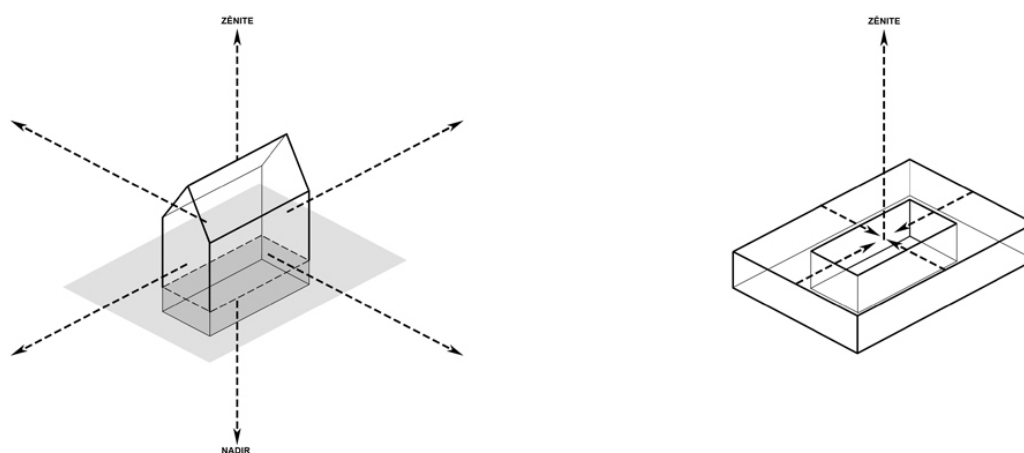


Illustration 3: Relation directe et entière entre l'architecture du Nord (à gauche) et le Milieu naturel Nord, rapport intérieur / extérieur dynamique. Relation close entre l'architecture du Sud (à droite) et le Milieu naturel Sud, rapport auto-centré sans lien dynamique. Élaboration personnelle.

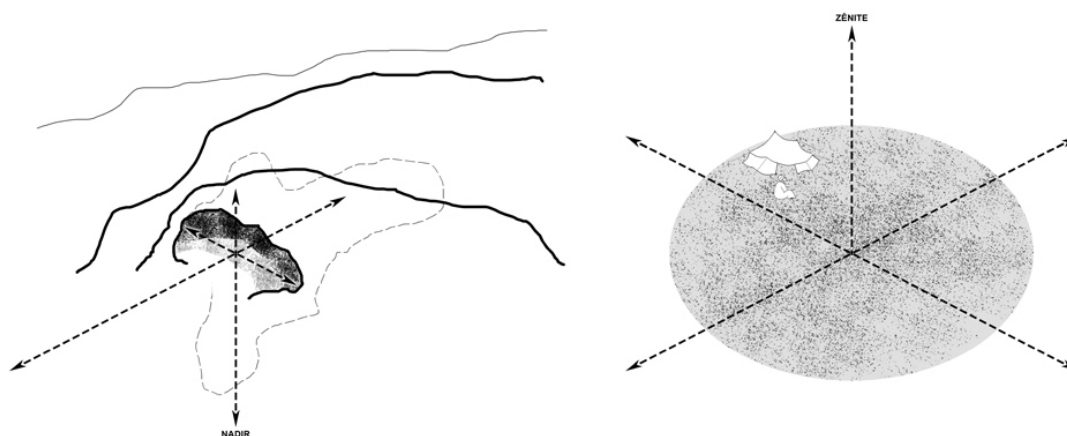


Illustration 4: Exemple d'orientation de Milieux naturels. La grotte et sa double orientation (sortie orientée et profondeur souterraine générale). Le désert ouvert et sa demi-sphère privilégiant une horizontalité totale et une prédominance céleste. Élaboration personnelle.

Les villes du Nord et du Sud et la suprématie du Lieu Classique :

CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ et EDWARD TWITCHELL HALL vont être les principaux théoriciens à décrire les villes entre les Milieux naturels du Nord et les Milieux naturels du Sud du monde occidental. Ils distinguent ainsi le Nord que l'on peut définir comme "organique" et le Sud qui favorise la "grille" et la "trame régulière" (cf. Annexes D et E).

Les villes européennes sont héritières des villes de l'antiquité Romaine et Grecque (PINON, 2009). L'étude de leur caractéristique en ce qui concerne le Lieu dans l'Occident est donc indispensable puisque le Modèle global de l'antiquité préfigure le modernisme occidental. Dans un premier temps, dans l'antiquité grecque, les forces de la Terre se sont soumises aux nouveaux Dieux et le Milieu naturel s'est plié à une complète transformation Classique. Ce qui a été gagné en sens humain, a été perdu en contrepartie dans une séparation avec la réalité locale existante. Par exemple, à l'image de la ville, le temple grec se confrontait à la Nature. Dans un deuxième temps, la conquête de l'empire romain, dans le territoire de ce qui sera plus tard l'Occident, a été menée avec "l'accord des Dieux". La conquête permanente et l'implantation manifestaient donc un Ordre Cosmique préétabli qui, par essence, se référait à un "ailleurs" spirituel, temporel et géographique. Le langage Classique dans l'antiquité, tire son origine de l'espace solaire du Sud qui appartient au Milieu méditerranéen, dont la forme caractéristique des villes est le plan quadrillé. Cette trame géométrique appartient à l'universalité et représente la connaissance. Cependant, d'après CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, ce Modèle de ville qui se répand à travers les Milieux naturels variés du monde occidental, du Sud, vers le Nord, ne permet pas la concrétisation d'un Genius Loci. Durant l'évolution historique de la modernité, le Modèle géométrique Cosmique/Classique antique, sur lequel s'est fondé l'urbanisme moderniste progressiste, a dégénéré en systèmes spatiaux qui concrétisent les structures politiques, économiques, sociales. D'autre part, la ville (*moderniste progressiste*) est étrangère au paysage et au site d'inscription avec la forme en échiquier symbole de l'absence d'âme (SPENGLER, 1948). Ainsi, à la critique d'une géométrie d'origine Cosmique/Classique qui se répand indifféremment sur tout le territoire occidental, il est intégré la question de la perte de l'âme qui est à rapprocher de la perte du sacré, troisième élément du QUADRIPARTI.

1.4.2 Attendre les Divins – le Sacré

Il n'y a pas de sacré dans la Nature en elle-même, le sacré est le propre de l'Homme (BERQUE, 2013). De par sa propre nature, l'Homme a besoin de valeurs immatérielles pour conduire et pour agir. Le sacré est une de ces valeurs. D'autre part, selon MIRCEA ELIADE, tous les peuples, indépendamment de leurs Histoires, ont sacralisé leur environnement. Les Humains se sont traditionnellement inscrits dans leurs Milieux naturels en y définissant un espace spécialisé et sacré qui définissait leur monde, du village à la ville. L'expérience religieuse de la non-homogénéité de l'espace constitue une expérience primordiale homologable à une fondation du monde (ELIADE, 1988).

En choisissant un point d'implantation par rapport au Milieu naturel, les Hommes définissaient un centre du monde marqué par la hiérophanie, qui est la mise en communication des trois niveaux du "Mundus" : les profondeurs de la Terre, la surface de jonction entre la Terre et le Ciel, et le Ciel. L'"Axis Mundi" est la colonne universelle qui matérialise cette hiérophanie et la Totalité du monde s'étend autour d'elle (cf. illustration 1). Il y a un double intérêt à étudier la dimension du sacré dans la dissertation. D'une part, elle est une des composantes du QUADRIPARTI et, d'autre part, elle est indissociable de l'essence de la ville car, suivant MIRCEA ELIADE, « *la cité est un espace sacré.* » Le problème est que la ville moderniste a minimisé le sacré. Avec la rupture occidentale entre le Sujet et l'Objet, le sujet moderne a focalisé "l'Être" sur le "Je", sur le seul individu. Ce qui reste de sacré est l'individu seul et non plus "le Mundus" dont la ville est la matérialisation. Toutefois, selon MIRCEA ELIADE, la religion fait partie de l'Homme, qu'il soit ancien ou moderne. Ainsi, dans la modernité, il resterait encore une part de sacré enfouie au plus profond de l'Homme. La faible religiosité de l'Homme moderne ne lui permet pas de se hisser à la hauteur du "mythe", car pour cela il faut être un Homme Total (ELIADE, 1988). Être un Homme Total serait donc la réactivation d'une dimension spirituelle entre l'Homme et son Milieu d'inscription. Réactiver la dimension du sacré permet de dépasser la situation particulière (*de l'individu*) pour accéder à une situation exemplaire, en fondant un Comportement (*collectif*) (ELIADE, 1988). La question serait alors de redécouvrir le lien entre le sacré et le Milieu naturel. Ou, selon un autre point de vue, quel est le sacré qu'un Milieu naturel particulier peut produire chez l'Homme. Dans la continuité de la dialectique entre le Nord et le Sud du monde occidental, on

peut opposer le psychisme de la sombre forêt du Nord et le psychisme de l'aridité lumineuse du Sud, l'un et l'autre étant liés à deux conceptions du monde inconciliables. Il s'agit de deux représentations distinctes du sacré, chacune issue d'un Milieu naturel particulier, mais qui pourtant se sont confrontées au cours de l'histoire. Le sacré du Sud s'est répandu, s'est imposé puis s'est substitué au sacré du Nord selon des faits politiques et religieux, non naturels. Le sacré du Nord, à vocation Romantique et Local, a été substitué par le sacré du sud à vocation Cosmique et Universalisante.

La logique religieuse universalisante du Sud aurait donc accompli sa propre vérité en se diffusant progressivement dans l'ensemble du territoire qui formerait l'Occident. Le sacré traditionnel et polythéiste du Nord a donc été substitué. Il était composé de la complémentarité et de la co-présence des Divinités de la Terre dits "chthoniens" et des Divinités du Ciel dits "ouraniens", et cela en diverses proportions selon les caractéristiques et les singularités des Milieux naturels qui composent le Nord. Selon les analyses de MIRCEA ELIADE, les Dieux chthoniens s'associent à l'identité d'une race par rapport à son sol. C'est ce qu'il confirme au sujet de l'Homme occidental. Chez les Européens, il subsiste le lien mystique à la Terre natale, une autochtonie qui signifie se sentir être du Lieu (ELIADE, 1988). Il y persiste (toujours) aussi le symbolisme de la "Femme", de la "Terra Mater", de la "Terra Genetrix". Les Dieux ouraniens, eux, se situent dans l'éternité de l'infinité du Ciel, dans les régions supérieures et inaccessibles à l'Homme. Davantage masculinisés, les Dieux célestes s'éloignent progressivement des Hommes en se retirant dans le Ciel, en marquant une distanciation physique croissante.



Illustration 5:
Carte de l'antiquité grecque au Ve siècle av J.C.
Élaboration personnelle, source : Wikipedia.

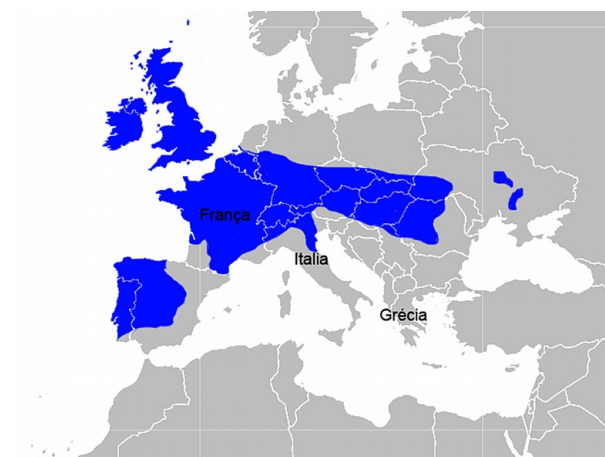


Illustration 6:
Carte de la culture Celte au IIe siècle av J.C.
Élaboration personnelle, source : Wikipedia.

Le sacré moniste du Nord et le thème de l'arbre :



Illustration 7:
Représentation de l'arbre sacré nordique "Yggdrasil",
dans la mythologie scandinave.
Gravure de Friedrich Wilhelm, 1886.
Source: in-terre-active.

La cosmogonie traditionnelle nord-occidentale était en adéquation avec le Milieu naturel Local. Dans le rapport de la Terre et du Ciel, l'image de l'arbre sacré est la représentation caractéristique du sacré traditionnel du Nord que l'on situera historiquement avant l'invasion de l'empire romain. Lorsque l'empire romain étendait son emprise dans les terres nord-occidentales celtiques, lors du premier siècle avant J.-C., PLIN L'ANCIEN écrivait que dans cette culture, les arbres ont été les premiers Temples des Dieux. Le thème de l'arbre, qui se retrouve dans toutes les mythologies indo-européennes (mythologies celtiques, scandinaves...), s'articule toujours autour de l'idée du "Mundus" vivant qui est en

perpétuelle régénérescence. Symbole de vie, en évolution constante, puisant ses forces de la Terre et en ascension vers le Ciel, il est l'image de la verticalité, de la mort et de la régénération, il symbolise ainsi le caractère organique et cyclique de la vie. La vision indo-européenne du monde est moniste¹³, elle est unité (VIAL, 2008). Les Indo-européens intègrent dans un tout homogène, cohérent et indissociable, les forces de la Terre et les forces du Ciel. Cette conception du monde moniste s'exprime à travers l'image de l'arbre sacré qui met en communication et en symbiose, les trois niveaux du "Mundus" : la Terre des profondeurs où s'enfoncent ses racines, l'interface entre la Terre et le Ciel par son tronc et le Ciel par les branches supérieures et sa cime. L'arbre est une mise en relation du monde chthonien avec le monde ouranien. Il réunit tous les éléments alchimiques par lesquels s'expliquaient les

¹³ Le monisme est une conception philosophique et même métaphysique. C'est une doctrine défendant la thèse selon laquelle tout ce qui existe – l'univers, le cosmos, le monde – est essentiellement un tout unique, donc notamment constitué d'une seule substance.

phénomènes de la vie : l'eau circule avec sa sève, la Terre s'intègre à son corps par ses racines, l'air nourrit ses feuilles, le feu jaillit de son frottement. La forêt est par excellence la demeure des Dieux. Le "Mundus" lui-même est vu sous la forme d'un arbre géant, symbole organique et permanent de la vie. Dans le QUADRIPARTI, lorsque MARTIN HEIDEGGER évoque l'attente des Divins, il les présentent au pluriel. L'attente pouvant valoir une forme de présence, il repositionne les Divins dans la proximité, dans le lointain, il les multiplie dans l'espace et recrée ainsi, tel l'arbre sacré, un volume singulier composé de différentes caractéristiques divines participant à un ensemble proche du monisme traditionnel.

Du point de vue philosophique, GASTON BACHELARD questionne la symbolique de l'arbre et il semble y révéler cette trace du sacré qui persiste dans l'imaginaire de cette figure. Il associe à l'arbre, l'image de la maison onirique, que nous avons relié à la ville dans la dissertation. Il y associe également une image primitive et une image maternelle, sans doute les mêmes que les peuples celtes ont développées. Mais peut-être se réfère-t-il à la culture indo-européenne sans l'avoir mentionné explicitement. A travers l'imaginaire et donc par la réactivation de la subjectivité (symbolique, sacré), entre l'Homme et son Milieu naturel, on retrouve les caractéristiques traditionnelles que le Milieu nord-occidental produit chez les Hommes de ces régions.

Le tronc caverneux, couvert de mousse, c'est un refuge, une maison onirique. Le rêveur voyant l'arbre creux se glisse dans la crevasse, il éprouve précisément par le bénéfice d'une image primitive, une impression d'intimité, de sécurité, de maternelle protection (BACHELARD, 2010, p.132)

À l'aide de l'image du rêveur, GASTON BACHELARD traite de l'imagination et illustre son point de vue sur l'arbre en le définissant comme un "Mundus", ce qui nous permet de l'associer à la conception sacré moniste et traditionnelle nordique :

L'imagination est un arbre. Elle a les vertus intégrantes de l'arbre. Elle est racine et ramure. Elle vit entre Terre et Ciel. Elle vit dans la Terre et dans le vent. L'arbre imaginé est insensiblement l'arbre cosmologique, l'arbre qui résume un univers, qui fait un univers. [...] Le rêveur est alors au centre de l'arbre, au centre d'une demeure, et c'est à partir de ce centre d'intimité, qu'il a vu et conscience de l'immensité du monde (BACHELARD, 2010, p.132).

L'arbre sacré, représentatif d'une sacralité moniste, serait sans doute la représentation qui s'approche le plus de l'ambiance que MARTIN HEIDEGGER semble proposer dans le sacré

du QUADRIPARTI. Plus proche du concept polythéiste que monothéiste, ce type de sacré produit une globalité équilibrée et dynamique, composée de particularités divines singulières et complémentaires. Selon le QUADRIPARTI, nous pourrions définir que d'une part, ces particularités seraient les messagers de la Divinité et que d'autre part, la globalité équilibrée et dynamique de l'image de l'arbre sacré, serait la Divinité qui est non mesurable et non quantifiable. Cette globalité serait "l'idée" agglomérée de l'ensemble des singularités qui composent le monde.

La sacré monothéiste, universel et Cosmique du Sud :

Durant le premier siècle avant J.-C., lors de la conquête par l'empire romain des territoires celtiques qui deviendraient le Nord de l'Occident, le sacré moniste celtique s'est vu substitué par un autre polythéisme dont la proportion était davantage céleste. Toutefois, la logique polythéiste se perpétuait malgré la nouvelle proportion de Dieux chthoniens et ouraniens. Mais, lorsque l'empire romain s'effondre au Ve siècle après J.-C., le christianisme qui est une religion monothéiste¹⁴ provenant des régions voisines de l'extrême sud-est de l'Occident actuel (Proche-Orient), devient progressivement la religion principale sur tout l'ancien territoire de l'empire romain d'Occident. Ainsi, en cinq siècles, l'Occident, et plus particulièrement le Nord de l'Occident, s'est vu progressivement passer d'un monisme en rapport direct au Milieu naturel Romantique, à un polythéisme colonial Classique privilégiant davantage l'ouranien par rapport au chthonien, à un monothéisme purement ouranien provenant des Milieux naturels Cosmiques. Le sacré du Nord à vocation Locale, a ainsi fait place au sacré du Sud à vocation Cosmique et Globale. Quelles sont donc les conséquences lorsqu'un sacré Global qui se réfère à un "ailleurs", s'impose sur un territoire ontologiquement Local. Il est donc intéressant, dans le cadre du QUADRIPARTI, de caractériser cette composante du sacré qui participe de la culture occidentale durant le modernisme. Contrairement au QUADRIPARTI qui présente l'Élément Terre comme étant la première composante pour définir un Habiter, dans la religion chrétienne, l'Élément Ciel est la première composante. Dans la série du Pentateuque, le Livre de la Genèse décrit le déroulement de la création du monde par

14 Le monothéisme est une religion qui affirme l'existence d'un Dieu unique et la transcendance de Dieu, créateur du monde. Le christianisme comme religion monothéiste, affirme sa supériorité morale et spirituelle spécifique vis-à-vis des autres croyances antiques, de manière exclusive.

Dieu : « *Au commencement, Dieu créa les cieux et la terre [...].* » Si le Ciel est le premier Élément exprimé et créé, la Terre, comme Élément habitable, n'apparaît qu'au troisième jour de la Création et en cinquième position dans l'ordre des Éléments créés. La séquence qui suit résume la chronologie des faits :

1/ Le Ciel → 2/ La Terre Inhabitable → 3/ La Lumière → 4/ L'Eau → 5/ La Terre Habitable



Illustration 8:
Carte de l'empire romain au Ve siècle ap J.C.
Élaboration personnelle, source : Wikipedia.

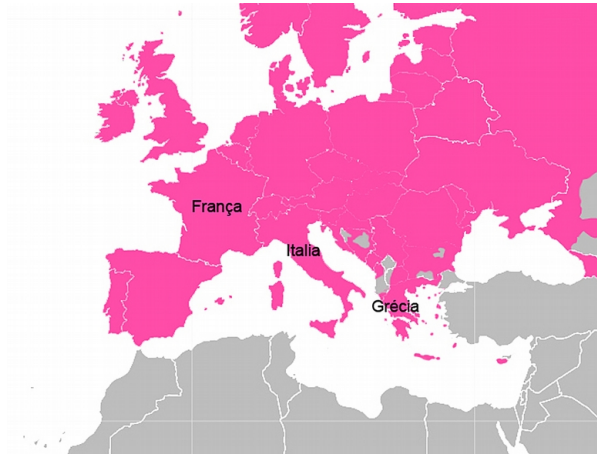


Illustration 9:
Carte de la religion chrétienne d'Occident en 2006.
Élaboration personnelle, source : Wikipedia.

Au cours de son implantation sur ce qui deviendra le territoire occidental, le christianisme va motiver l'achèvement du symbolisme des arbres sacrés. Dans les territoires du Nord, à la suite de la chute de l'empire romain au Ve siècle après J.-C., puis tout au long du Haut Moyen-Âge qui s'étend du Ve siècle au XIe siècle après J.-C., l'instauration du christianisme comme religion officielle et obligatoire, s'accompagne d'une révolution culturelle (politique, religieuse) totale. Tout ce qui perpétue encore les croyances traditionnelles monistes et qui avait encore perduré partiellement sous les invasions de l'empire romain, devait disparaître. Les clercs vont éliminer les traces du monisme que représentait encore la forêt. Selon PIERRE VIAL, de nombreux récits racontaient l'encouragement à la destruction d'arbres vénérables qui étaient encore considérés comme des "Mundus", et comme des "Axis Mundi". Toujours d'après cet auteur, si beaucoup d'arbres sacrés ont été abattus, certains ont été christianisés pour produire un effet de transfert. Cependant, il s'agit de cas particuliers qui ne remettent pas en cause l'image négative de la

forêt et de l'arbre que l'Église catholique romaine veut inscrire dans les mentalités. Peu à peu, une image répulsive a réussi à être imposée, venant à la fois d'une vision quelque peu pessimiste de la Nature ancrée dans le christianisme - la nature, la matière, le monde sont souvent le domaine du mal et du péché - et d'une volonté de dévalorisation du Milieu naturel qui produisait le monisme chez les populations traditionnelles. En éloignant les civilisations nord-occidentales traditionnelles du sacré légitimement produit par ces Milieux naturels correspondants, le christianisme a imposé une forme de déracinement culturel. Toutefois, à l'époque du modernisme, quand GASTON BACHELARD emploie les termes de la racine et de la maison onirique organique, cela serait la marque qu'il persiste encore dans l'imaginaire collectif nord-occidental, une symbolique de l'arbre et de la forêt comme habitat. Ainsi, jusqu'à nos jours, l'inconscient collectif des populations nord-occidentales serait encore marqué d'un symbolisme moniste de l'arbre, chargé de valeurs positives, qui est recouvert et en conflit avec une interprétation chrétienne chargée de valeurs opposées. À travers l'image de l'arbre, une permanence symbolique et atemporelle est ainsi détectée à travers l'histoire d'un Milieu naturel singulier.



Illustration 10:

Vitrail médiéval représentant la Jérusalem Céleste. Église Saint Laurent, Le Puy en Velay, XIVe siècle, France. Source : www.vitrailndoduc.com

Dans le christianisme, le Ciel est la référence positive. C'est là que sont implantées la ville idéale et la patrie. La Bible y fait référence positivement à de très nombreuses reprises. Pour le chrétien, le Ciel est le Lieu de sa destinée éternelle. Le Ciel spirituel est le séjour de Dieu, des anges, des archanges et des créatures célestes. C'est là que se manifeste directement la présence glorieuse de Dieu. Le Fils de Dieu est descendu du Ciel et, après son ministère terrestre, il y est remonté. Le Ciel est l'aboutissement, l'achèvement et le Lieu à

rejoindre dans le monothéisme chrétien. La Bible parle d'un Ciel réel qui n'est pas de l'ordre de la création visible, mais comme le Lieu de ceux qui croient en Dieu et dans lequel ils demeureront éternellement. Ce Lieu immatériel, situé dans une autre dimension, n'est absolument pas lié avec la Terre. Ainsi, dans la Bible il est dit aux Colossiens : « *affectionnez-*

vous aux choses d'en haut, et non à celles qui sont sur la Terre. » La Bible situe Dieu et son royaume dans le Ciel. Les chrétiens y trouveront leur demeure dans la ville idéale. La Bible parle du Fils de l'Homme qui en est descendu, où il est remonté, où il demeure et où il prépare une place pour ses disciples dans la Cité Céleste. Notre Cité à nous est dans les cieux (BIBLE). Dans la religion chrétienne, la ville idéale, donc qui serait la mieux adaptée à l'Homme, n'est pas terrestre mais céleste et lumineuse. Toujours représentée mais jamais réalisée concrètement, elle serait faite de lumière et non de matière. En ce qui concerne la localisation du royaume de Dieu, la Bible le situe au-dessus des cieux, inaccessible à l'être humain, c'est-à-dire que sa composition n'est pas matérielle et n'appartient pas à la dimension physique humaine. Le Ciel est donc présenté spirituellement comme le Lieu de la demeure de Dieu qui le remplit ontologiquement. Cette Cité Céleste est universelle. Elle n'est pas limitée à une culture, à une région ou à des particularités de Milieux naturels, mais elle est destinée à l'ensemble des êtres humains car le Ciel enveloppe la Terre. Dans la plus pure logique Cosmique, le Ciel est perçu comme un élément homogène et universalisant qui recouvre et unit des territoires hétérogènes. Le Ciel cristallise l'idée du Global.

Après cela je regardai, et voici une grande foule que nul ne pouvait compter, de toute nation, de toutes tribus, de tous peuples et de toutes langues. Ils se tenaient devant le trône et devant l'Agneau, vêtus de robes blanches, et des palmes à la main (BIBLE, Apocalypse 7:9).

Au-delà de la question de la ville idéale dans le christianisme, le Ciel est aussi proposé comme une patrie, qui dans la culture occidentale civique, était rattachée traditionnellement à l'Élément Terre. C'est donc le monde entier de l'Habiter qui est projeté dans le Ciel. Dans la Bible, la citoyenneté est céleste. Enfant de Dieu et né de l'Esprit, le chrétien appartient et fait partie intégrante d'un peuple nouveau, d'un royaume qui n'est pas de ce monde « *ils cherchaient et désiraient une patrie céleste.* » Le chrétien vit sur la Terre, mais il appartient en réalité au royaume qui n'est pas de cette dimension. Durant leur séjour sur Terre, les chrétiens sont des étrangers en exil, car ils vivent temporairement loin de leur patrie céleste. Sur Terre, le chrétien est donc un être déraciné et son Habiter est dans le Ciel. La cité qu'il habitera ne sera pas l'Œuvre de l'Homme mais celle de Dieu. Cette cité est sa patrie. Nous avons dans le Ciel un édifice qui est l'ouvrage de Dieu, une demeure éternelle qui n'a pas été faite de main d'Homme (BIBLE).

1.4.3 Conduire les Mortels – la nature et la culture de l'Homme

Liens entre l'Homme et l'environnement :

À l'origine, l'individu fait partie de la Nature, il est subordonné aux forces naturelles, se construit, se hiérarchise dans un tout (NORBERG-SCHULZ, 1997). L'Homme est partie intégrante de cette Totalité. D'autre part, en psychologie transactionnelle, l'Homme et son environnement sont indistincts et font partie intégrante d'un système unique (HALL, 1978). À l'origine, les Hommes sont nomades dans des micro-sociétés de chasseurs-cueilleurs. Les phénomènes de sédentarisation sont plus récents, autour du Xe siècle av. J.C. L'agriculture et le travail de la Terre entraînent de nouvelles relations entre l'Homme et son Milieu naturel. L'Homme se met en relation avec le paysage, il découvre une âme dans le paysage (SPENGLER, 1948). En cultivant la Terre, l'Homme y prend racine aux sens propre et figuré. L'Homme y perçoit qu'un "Mundus" pourrait se réaliser. Lors du processus de sédentarisation, la Terre est devenue la Mère. En créant peu à peu une Totalité, apparaît un "Mundus" qui inclut le Milieu Naturel. C'est ainsi qu'apparaissent des différences entre les "Mundus" issus de la variété des Milieux naturels, car l'identité humaine dépend généralement de sa croissance dans un Milieu caractéristique (NORBERG-SCHULZ, 1997).

Ce serait donc à travers la compréhension du Milieu naturel que l'Homme acquiert son identité en créant un Lieu singulier qui permet l'Habiter. Pour MARTIN HEIDEGGER, « *l'Homme habite en poète* » sur la Terre. Et, on aurait pas les véritables rêves du poète si l'on cherchait seulement des valeurs utilitaires (BACHELARD, 2010). L'acte d'Habiter se couvre alors de valeurs inconscientes et subjectives, liées aux rapports avec le Milieu naturel que l'inconscient n'oublie pas. Pour GASTON BACHELARD, on ne peut pas déraciner l'inconscient. D'autre part, la structure ontologique de l'Être humain implique que nos pieds sont dirigés vers la Terre et portent sur un Sol (BERQUE, 2000). L'Élément Terre, dans la particularité du Milieu naturel, est donc une composante nécessaire à "l'Être sur Terre" qui permet d'initier un Habiter. En ce qui concerne les valeurs inconscientes et subjectives liées aux rapports avec le Milieu naturel, EDWARD TWITCHELL HALL et CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, vont décrire les variétés culturelles humaines issues des Milieux naturels du Nord et des Milieux naturels du Sud du monde occidental (cf. Annexe E).

Les différences culturelles dites "traditionnelles" ou "légitimes", suggèrent que les variétés des Milieux naturels aient produit des rapports infinis et complexes entre ces Milieux et les Hommes. Les variétés culturelles initiales seraient les conséquences naturelles de ces rapports et les Lieux en seraient la représentation. Lorsque l'Homme a rompu le lien avec son Milieu et a donc dégradé la qualité du Lieu, il s'est produit une perte d'identité. La perte du Lieu et l'aliénation de l'Homme sont concomitantes (NORBERG-SCHULZ, 1997). Milieu, Lieu et culture sont un "Tout" qui se prolonge dans l'ensemble de la collectivité humaine. Les lignes de force d'une culture, pénètrent les structures d'une société à tous ses niveaux (HALL, 1978). Les variétés culturelles représentées par les langues¹⁵, les fonctions humaines, etc. sont aussi des modes perceptifs et de représentation du Milieu naturel. Quant à l'architecture et la réalisation du Lieu, une des fonctions de l'artiste est d'aider le profane à structurer son univers culturel (HALL, 1978). Si l'architecte est l'artiste, entendu comme un créateur, sa première tâche est d'être le récepteur du Milieu naturel singulier afin de produire un Lieu singulier et ainsi participer à une culture singulière. Rappelons ici que le premier objectif de l'architecture est d'offrir à l'Homme un enracinement dans l'Espace et dans le Temps (NORBERG-SCHULZ, 1997). Si la symbiose s'opère entre le Milieu naturel et le Lieu construit pour Habiter, alors l'Homme, à travers la conséquence culturelle, pourra aussi s'orienter et s'identifier. L'orientation est ancrée dans l'Homme. Être désorienté dans l'espace est une aliénation, mais chaque culture a sa perception (HALL, 1978).

Cependant, MIRCEA ELIADE précise que les réactions de l'Homme devant la Nature sont souvent conditionnées par la culture, donc par l'histoire. Cela suppose que le rapport entre l'Homme et son Milieu naturel a pu se modifier suite aux crises et aux conflits. L'inadéquation a pu rentrer dans la culture et devenir règle avec le temps. Toutefois, si la "permanence" et la "relation" inconsciente qui lient l'Homme à son Milieu naturel d'inscription ne peuvent pas s'épanouir et restent bridées à cause de faits culturels externes à la propre logique du Milieu naturel, peut-être qu'à ce moment une crise pourrait naître de cette contradiction.

15 Par exemple, pour EDWARD TWITCHELL HALL, une langue structure le monde perceptif de ceux qui la parlent. Alors en retour, on pourrait se poser la question suivante : quel est l'impact d'une langue universelle comme l'anglais à travers les cultures ? Les perceptions du monde, du Milieu naturel, seraient-elles altérées dans ces cultures ?

Constitution physique et production psychique :

L'Être humain¹⁶ est un être géographique, il est disposé sur la Terre et sous le Ciel (BERQUE, 2000). Il se grave dans la Terre et il en est gravé en retour, selon un mouvement cyclique. L'Être Humain de référence de la dissertation n'est donc pas celui de la grande fracture occidentale de RENÉ DESCARTES, qui dissociait le sujet de l'objet, le corps de l'esprit et fondait l'individualité au détriment du collectif. Si l'on revient à l'Homme traditionnel, celui-ci n'était pas perçu comme un individu unique mais comme rattaché à une collectivité humaine. Dans les sociétés traditionnelles, le corps médial dépassait l'échelle de l'individu seul et s'étendait dans un collectif conscient du Milieu naturel. Dans le Milieu naturel la vie quotidienne est faite de phénomènes concrets et d'émotions en lien avec les récepteurs sensitifs de l'Homme (NORBERG-SCHULZ, 1997). Ce sont les données et le contenu de notre existence où, peu à peu, en lien avec le Milieu naturel, le développement des qualités mentales de l'Homme passe du stade des sensations diffuses à celui des expériences plus complexes où, chaque partie et chaque relation, sont comprises à l'intérieur d'un tout. Une totalité se dessine...

Dans le Milieu naturel, l'Homme définit un espace et lui donne une dimension immatérielle afin d'y produire un Habiter. Ce territoire est un prolongement de l'organisme, marqué de signes visuels, olfactifs et vocaux (HALL, 1978). Au quotidien, l'Homme a acquis le sentiment de son existence dans l'espace avec tous ses sens. La perception de l'espace par ses sens est dynamique, liée à l'action et non à partir d'un point de vue fixe dans une contemplation passive. Chez l'Homme, le vécu de l'espace n'est ni statique, ni en rapport avec la perspective linéaire élaborée à la Renaissance et qui représente le monde depuis un individu immobile, dont le subjectif a été réduit et dissocié de l'objectif. Le sujet, qui depuis lors est un individu isolé, regarde les choses devenues distantes et statiques en utilisant l'unique sens de la vue. En isolant ce sens et en l'employant dans une statique rigide, la perception du monde a été dénaturée. La vue est un sens actif et le premier sens de l'interaction entre l'Homme et son environnement (HALL, 1978).

16 AUGUSTIN BERQUE précise aussi que l'Être humain se compose d'un corps animal et d'un corps médial. Ce dernier se compose de l'association de trois principes : l'écologique, le technique et le symbolique.

Du point de vue psychique, selon MIRCEA ELIADE, tout être humain est constitué à la fois par son activité consciente et par ses expériences irrationnelles. Le sentiment du sacré naîtrait chez l'Homme à ce moment là. MIRCEA ELIADE nous confirme que les structures de l'inconscient produisent naturellement des "mythes", car l'inconscient présente une "aura" religieuse tant dans son contenu que dans sa structure. L'Homme produirait donc du sacré de par sa propre constitution physiologique, ou en d'autres termes, il serait initialement programmé pour sacraliser les Milieux dans lequel il évolue. Désormais, la totalité de l'Homme par rapport à son Milieu naturel s'achève en y intégrant la dimension du sacré. Ici, toutes les conditions sont réunies pour produire un "Mundus".

Selon MIRCEA ELIADE, la création et l'emploi des Symboles est de la propre nature de l'Homme, mais il s'agit également d'une nécessité psychique. Après la capacité de l'Homme à produire du "mythe" dans son inconscient, il produirait la représentation de ce mythe à travers le Symbole. Les symboles participent et ont pour but d'assurer l'équilibre de la psyché ou de la rétablir (HALL, 1978). Le Symbole prend part à la perception du réel et à la richesse de la vie quotidienne. Il est indissociable à la constitution du "Mundus" qui permet d'Habiter et le Lieu ne pourrait pas être réalisé sans son intervention. Or, pour que le "Mundus" se constitue, il faut activer la subjectivité de l'Homme à travers une forme de spiritualité. Dans les cultures traditionnelles, le Symbole servait à hausser l'Homme à la spiritualité et à lui révéler une des structures du réel. Il rendait le monde ouvert et aidait l'Homme traditionnel, considéré comme religieux, à accéder à l'universel. Mais, nous avons vu dans la dissertation que l'Homme traditionnel n'est pas un individu isolé, il s'étendait dans la collectivité. C'est par l'emploi du Symbole que cette extension a été possible. Grâce au symbole, l'Homme sort de sa situation particulière et s'ouvre à l'universel (ELIADE, 1988). Les Symboles ont alors la qualité d'activer l'expérience individuelle et de la transformer en acte spirituel qui permet de saisir la "métaphysique" du monde.



2 Caractéristiques, conséquences et continuités du modernisme progressiste : – l'Atopisme

Selon FRANÇOIS ASCHER, la ville contemporaine est la continuité de la ville moderniste. Dans la dissertation, les descriptions et les critères qui définissent la ville contemporaine, nous permettent d'affirmer que nous sommes actuellement dans la continuité du Modèle de la ville moderniste progressiste. Pour mieux comprendre la ville contemporaine et la question du Lieu qui s'y rapporte, il est important de retracer l'évolution de la notion d'espace dans l'Occident qui remonte à la chute de l'empire romain au Ve siècle après J.-C. Selon MICHEL FOUCAULT, dans un premier temps qui se situe du Bas Moyen-Âge jusqu'à la fin de la période médiévale, l'espace est perçu comme un ensemble hiérarchisé de Lieux dialectiques : sacré/profane, urbain/campagnard, terrestre/céleste, fermé/ouvert. L'espace médiéval est un espace de "localisation" qui se constitue par les notions de hiérarchie, d'opposition et d'entrecroisement de Lieux. Dans un deuxième temps, à partir du XVIIe siècle, sous l'influence de RENÉ DESCARTES et de GALILEO GALILEI, l'espace devient infini et infiniment ouvert. Le Lieu d'une chose n'est plus qu'un point dans son mouvement. L'espace du XVIIe siècle est un espace où "l'étendue" se substitue à la "localisation". On retrouve ici les caractéristiques et les débuts de l'emploi du Topos d'ARISTOTE qu'AUGUSTIN BERQUE décrit pour définir l'origine du concept de Lieu dans la culture occidentale. Puis dans un troisième temps, à partir de la seconde moitié du XXe siècle, "l'emplacement" se substitue à "l'étendue". L'espace de la fin du XXe siècle est une simple relation de voisinage entre des points ou des éléments. Ainsi en quinze siècles, comme l'Homme, l'espace occidental est passé de la continuité à l'isolement, de l'inter-dépendance à l'individualisation.

2.1 La ville contemporaine comme héritière culturelle et historique de la crise du Lieu

Selon FRANÇOISE CHOAY, FRANÇOIS ASCHER et ALEXANDRE MELISSINOS, il devient difficile de définir la ville contemporaine qui s'est éloignée des caractères anciens de la définition du mot "ville". L'emploi d'un nouveau vocabulaire comme "expansion infinie", "mégapole", ou encore "mégapolopole", essaie de caractériser la ville contemporaine mais, tous les auteurs concordent sur le fait que le mot "ville" ne peut plus être employé dans son sens premier. Selon ALEXANDRE MELISSINOS, le nouvel enjeu de l'architecture est la perte de la règle urbaine qui était reconnue et appliquée collectivement. D'autre part, la morphologie de la ville était liée à une collectivité sociale cohérente. Mais, face à un éclatement du social, la ville ne peut qu'éclater également. Selon ANTHONY GIDDENS notre société est dite "réflexive", car l'Être humain est devenu producteur d'artificialisation et est lui-même artificialisé, intellectualisé, objectivé. Pour FRANÇOIS ASCHER, nous avons même dépassé le stade de l'urbanisme. Face à l'artificialisation intense de l'Homme et de l'artificialisation de son environnement qui est l'extension de son "être", le méta-urbanisme se substitue désormais à l'urbanisme. Dans ce méta-urbanisme, la "mégapolopole" est pensée à travers les Technologies de l'Information et de la Communication qui modifient la société contemporaine en profondeur. Selon FRANÇOIS ASCHER, la période urbaine contemporaine est l'ère de la Mobilité extrême. Nous serions donc aujourd'hui dans ce que le grand mouvement utopique de la Mobilité de 1960 (chap. 3.3) avait pressenti et anticipé si l'urbanisme d'alors poursuivrait le Modèle du modernisme progressiste. Ici se confirme que la contemporanéité urbaine occidentale est l'héritière du Modèle urbain moderniste progressiste.

D'après CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, la situation actuelle est le résultat de l'aspiration à une amélioration de la condition humaine dans la ville industrielle et des conditions d'habitat dans l'architecture moderne. Ces améliorations qui s'originent dans l'utopie, caractérisent aujourd'hui le Milieu de l'Homme. L'Homme de la grande ville est devenu nomade et intellectuellement achevé. Le monde abouti se réduit alors à la ville seule (SPENGLER, 1948). La ville perçue comme un monde est aussi une accumulation critique d'individus. EDWARD TWITCHELL HALL voit dans la sur-population urbaine devenue non maîtrisable, l'atteinte d'une densité critique qui provoque une première situation spatiale de

crise. Mais ce fait, qui parmi tant d'autres nous permet d'identifier une crise, ne serait qu'une des nombreuses conséquences d'un problème plus profond. La cause initiale proviendrait de la grande coupure occidentale historique avec le Milieu naturel. L'Homme occidental s'est auto-proclamé maître de ce monde, en faisant de celui-ci un ensemble quantifiable de ressources exploitables. Mais cela semblait être le propre désir de l'Occident. L'Homme moderne a longtemps cru que la science et la technologie l'avaient libéré d'une dépendance directe du Lieu (NORBERG-SCHULZ, 1997). Cette certitude ne serait finalement qu'une illusion et la crise environnementale actuelle sous-entend de remettre la question du Lieu dans la contemporanéité occidentale. Mais, la crise environnementale porterait plus loin que sur le seul aspect qualitatif du Lieu, elle serait une crise ontologique des Êtres. La crise de l'Environnement implique une crise de l'Homme (NORBERG-SCHULZ, 1997). Ce problème est particulièrement grave car il se poursuit. De par sa propre essence universalisante, la culture occidentale est toujours en processus d'extension, le phénomène d'occidentalisation en est le révélateur. Cependant, à terme, ce processus entraînerait avec lui la crise à l'échelle mondiale. À ce sujet, HENRI LEFEBVRE nous laisse des indices pour que, d'une part, nous prenions conscience de ce dysfonctionnement et que, d'autre part, nous sachions quels seraient les éléments à ré-activer dans la recherche de l'identification et de la définition du problème. La crise continue toujours plus fort et nous oblige à revenir à l'histoire, à la philosophie, à l'art (LEFEBVRE, 1962).

Les réseaux, la limite et l'avènement du signe :

La contemporanéité occidentale n'est plus dans la logique fluide et organique de la continuité spatiale et temporelle. Elle est à un moment où le monde s'éprouve moins comme une grande vie qui se développerait à travers le temps que comme un réseau qui relie des points (FOUCAULT, 1966). La maille, la trame, le point et la ligne la caractérisent et mettent en cause la question de la "limite" traditionnelle, car les réseaux et les limites sont antinomiques. Désormais, la grande ville a pour limites celles qu'atteint l'ensemble des actions qu'elle exerce au-delà de ses limites (CHOAY, 1965). La question traditionnelle de la limite urbaine est bouleversée et la période contemporaine se caractériserait par la perte de cette limite suite à l'omniprésence de réseaux. Ces derniers, en devenant des potentiels d'action à distance et des extensions immatérielles mais actives, entraînent l'influence de la grande ville

au-delà de sa dimension physique. Les grandes villes s'identifient désormais par l'immatérialité du réseau qui les constitue : c'est la "société des réseaux" qui est définie par JEAN BAUDRILLARD. Si la ville est liée à l'espace et que le réseau immatériel la caractérise, ce n'est pas pour cela qu'elle se désatialise. Le réseau produit un autre espace, qualifié de cyberspace. Le réel est lié à l'imaginaire et nous vivons dans la simulation, le cyberspace (BAUDRILLARD, 1985). La société de l'image, ou encore de la lumière artificielle, est l'aboutissement de la progressive suprématie de l'Élément céleste sur l'Élément terrestre. Cependant, la lumière n'est plus celle qui est naturelle et qui provient du Ciel, mais celle issue de la technicité absolue : la lumière artificielle. La ville contemporaine occidentale aurait-elle déjà surpassé les caractéristiques du Classique et du Cosmique. Serait-ce une méta-cosmicité ? Ainsi, le réel n'existe plus et l'Homme est lui-même devenu réseau (BAUDRILLARD, 1985). Cette vision qui paraîtrait appartenir davantage à un imaginaire subjectif, semblerait être en réalité le résultat de l'hyper-technicité objective et peut-être même son aboutissement.

Dans l'espace urbain contemporain, la subjectivité s'efface au profit de l'intense objectivité. Dans le cyberspace le signe remplace le symbole (BAUDRILLARD, 1985). Or, ce fait n'est pas nouveau, cela est la caractéristique même de l'évolution et de l'épanouissement de la modernité occidentale. Depuis le XVIII^e et la mesurabilité de la Nature, il y a une perte et un abandon immense des références aux symboles (BERQUE, 2000). En poussant la réflexion plus en amont, on pourrait avancer que la modernité occidentale naît de la perte du Symbole. En effet, durant le XX^e siècle, selon HENRI LEFEBVRE, il n'y a aucune trace de travail d'élaboration symbolique. Durant la modernité, l'Homme a été privé de Symboles et a été livré aux choses, aux bruits et aux signaux. Dès le début du XX^e siècle, GEORG SIMMEL démontrait que dans les grandes villes, l'usage exclusif du sens de la vue entraînait l'usage massif des Signes. Dans la métropole, il y a une exacerbation du sens de la vue. Pour se démarquer, il faut contraster, pour cela l'individu moderne est un support de signes (SIMMEL, 2013). Tout au long de la modernité HENRI LEFEBVRE décrit que la ville moderniste progressiste est composée d'objets réduits à des signaux. En se substituant aux Symboles, nécessaires à la condition de l'Habiter sur Terre, les signaux inventés par la société industrielle envahissent la quotidienneté des individus isolés. Loin d'élever les Hommes du point de vue psychique, les Signes et les signaux imposent aux individus des comportements

stéréotypés et manipulés qui ne dépassent pas le simple domaine de l'objectivité. Ainsi, selon HENRI LEFEBVRE, si la ville traditionnelle était une Œuvre collective qui relevait de la valeur d'usage et du Symbole, la ville moderniste progressiste est un Produit industrialisé qui relève de la valeur d'échange et du Signe. Toutefois, selon MIRCEA ELIADE, la présence du Symbole n'aurait pas totalement disparu dans le modernité et dans la contemporanéité, mais cette faible présence n'éveille plus la conscience totale qui rendait l'Homme "ouvert" à l'universel. Mais malgré tout, il laisse une note positive pour l'avenir. L'activité inconsciente de l'Homme moderne comme de l'Homme religieux, continue à lui présenter d'innombrables symboles (ELIADE, 1988). La question serait alors comment les réactiver dans la sphère du conscient ?

Objectivation de la Nature et développement urbain :

Suite à l'analyse par le QUADRIPARTI, il en résulte que la ville moderniste progressiste et la ville contemporaine se situent dans la dimension objective de l'Élément Ciel et, que par conséquence, elles n'aient pas activé le rapport subjectif avec l'Élément Terre. Ces villes sont de grandes consommatrices de sol. Ce dernier est alors perçu comme un objet et un produit, réduit à une valeur d'échange. L'immense consommation des sols n'a pas produit de la ville, mais de la rurbanisation¹⁷ (MELISSINOS, 2010). L'immensité des extensions a produit des ruptures, mais elles se relient entre elles par les réseaux matériels et immatériels. Il en résulte une ville mondiale abstraite qui est la conséquence de l'extension totale du phénomène d'occidentalisation. Il se caractérise comme un phénomène intrinsèquement colonial, car cosmique et dénué de toute subjectivité. La ville mondiale, ville de l'Esprit affranchi, réduit le paysage à la soumission alors qu'il était la Mère de leur culture (SPENGLER, 1948). Une rupture systématique se produit entre l'Homme moderniste qui est totalement céleste et son Milieu naturel singulier. Elle s'observe à l'échelle mondiale via le phénomène croissant d'extension de la zone d'influence de l'occidentalisation. Ainsi, dans la ville mondiale sans limite, il n'y a plus aucun rapport avec les singularités naturelles locales et donc plus aucun rapport aux paysages traditionnellement référents. Ainsi, la prise de conscience de la construction du Lieu artificiel disparaît et entraîne avec elle la disparition de la prise de

17 La rurbanisation est un néologisme constitué de l'association du mot "rural" et du mot "urbain". Elle désigne le processus d'urbanisation rampante de l'espace rural et le processus d'imbrication des espaces ruraux et des zones urbanisées. Source : Géoconfluences de l'ENS-Lyon.

conscience du Lieu naturel. Quand la limite de la ville disparaît, le Lieu perd en identité, et dans le même temps l'arrière plan que constitue le paysage, propriété très importante de fond, se délite à son tour (NORBERG-SCHULZ, 1997). Toutefois, les tentatives de la modernité et de la contemporanéité pour renouer avec la nature à l'échelle urbaine, peuvent nous laisser penser que l'Élément Terre serait réactivé peu à peu. Les phénomènes de développement durable, d'environnement, d'écologie, semblent aller dans ce sens. Mais cela ne paraît rester que dans une pensée purement objective. L'Élément Terre, en étant seulement objectivé, ne semble pas accomplir pleinement son rôle dans le QUADRIPARTI. La nature actuelle est comprise comme un objet et cet objet c'est l'Environnement objectif, l'écologie actuelle est une vision purement scientifique (BERQUE, 2013). Nous serions alors encore dans la pure tradition moderniste progressiste.

L'incompréhension de la culture occidentale, par rapport à la subjectivisation du Milieu naturel d'inscription, maintient la ville contemporaine dans l'Élément Ciel et donc, dans la dimension de la Mobilité qui s'origine dans le nomadisme. Selon FRANÇOIS ASCHER, nous serions à la veille d'une nouvelle révolution urbaine qui a pour origine l'hyper-technicité et l'hyper-communication contemporaine, dans une échelle Globale, voire mondiale, car l'occidentalisation ne s'arrêtera que lorsque l'ensemble des territoires disponibles auront été conquis. Toutefois, la période urbaine contemporaine est aussi un phénomène dialectique car, alors que l'expansion urbaine tend vers une ville mondiale Globale, on y revendique désormais le Local. D'après FRANÇOIS ASCHER, le Modèle de l'urbain va se poursuivre et s'amplifier. Selon lui, la société contemporaine occidentale a un besoin intrinsèque de l'urbain et que, par conséquence, elle lui conférerait une valeur de confiance envers l'avenir. Ce phénomène de cristallisation de la foi en l'avenir, dont la ville serait le Symbole, permet de lui conférer un rôle majeur quant à sa participation dans la post-contemporanéité. Mais, si elle assume ce rôle, elle ne pourra plus nier le concept de Lieu, tel qu'il a été défini dans le premier chapitre de la dissertation, car c'est selon ces caractéristiques qu'il permettrait à l'Homme d'Habiter.

2.2 Le Modèle de la ville moderniste progressiste, sa formation, sa domination et son abstraction

Puisque la ville contemporaine présente une crise du Lieu et que ce dernier est une clé pour l'urbanisme à venir, il est important de présenter l'apparition de ce dysfonctionnement typiquement occidental au cours de l'histoire urbaine de cette culture.

Dans une première période, qui se situe de la Renaissance, de la fin du XVe siècle jusqu'au milieu du XVIIIe siècle, la ville est mise en scène spatialement et devient un "spectacle". Contrairement à la ville médiévale qui la précédait, la ville de la Renaissance se caractérise par la perte progressive du sens du religieux et du sacré. Au cours du XVIIe siècle, les villes centrées et limitées vont s'ouvrir et rayonner. Leurs accroissements organiques successifs continueront à fonctionner dans la poursuite de la forme initiale, par des additions concentriques. Si le sens du sacré s'était déjà éloigné des villes, le monde y était encore à l'image de la Ville et le Milieu naturel était encore considéré comme un Modèle non-mesurable et chargé de subjectivité.

Dans une deuxième période, qui se situe du milieu du XVIIIe siècle jusqu'à 1859, la ville est hygiénisée. Dès 1750, apparaît un phénomène puissant de croissance urbaine, motivé par les débuts de l'industrialisation et les premiers exodes ruraux massifs. L'apparition du courant hygiéniste s'origine de ces premiers dysfonctionnements urbains qui affectaient tous les composants de la société. Concomitamment, le Milieu naturel devient mesurable et il y a une volonté forte de soumettre les formes de la ville à des exigences issues des sciences mesurables et quantifiables. Les méthodes scientifiques modifient la société et les sciences humaines accompagnent ces méthodes. Ainsi, au XVIIIe siècle, les évolutions sociales amènent à la recherche de l'émergence et à la libération de l'individu qui était encore attaché à la notion de collectif. Cette période s'achève par une rupture de la tradition de la constitution et de la représentation de l'urbain. Selon ALEXANDRE MELISSINOS, en 1859, le "*Plan Cerdà*" de Barcelone en Espagne, marque la concrétisation de la première théorie de ce qui deviendra l'urbanisme en Occident, basé sur les concepts de la territorialisation et du décentrement.

Dans une troisième période, qui se situe de 1860 à 1905 et que FRANÇOISE CHOAY nomme de pré-urbanisme, la ville semble devenir un phénomène désormais extérieur aux individus, elle leur devient étranger. D'après HENRI LEFEBVRE, l'industrialisation croissante

profite de l'absence de toute règle collective et va produire ses propres villes, sans souci de cohésion et de continuité culturelle ou historique. Parallèlement, l'individu se détache toujours plus du collectif et gagne sa liberté par son attachement à l'industrialisation. Le désordre de la ville industrielle aura pour conséquence d'amener au désordre social, architectural et urbain. En réaction à ces désordres, deux Modèles utopiques majeurs émergent dans le champ de la conception urbaine : le Modèle progressiste et le Modèle culturaliste. Les villes vont profondément se transformer durant cette période et vont rompre tout rapport avec les concepts de la ville traditionnelle. Selon HENRI LEFEBVRE, depuis l'industrialisation, la production de Produits commence à remplacer la production d'Œuvre. Les nouvelles masses habitantes ont perdu leur traditionnelle valeur d'usage qui leur permettait de produire la ville comme une Œuvre. La ville se transforme en valeur d'échange par les phénomènes d'espaces achetés ou vendus, de consommation des produits, des biens, des Lieux et des signes (LEFEBVRE, 2009). Apparaissent alors d'immenses zones monofonctionnelles (les banlieues) en périphérie des villes, qui détruisent l'urbanité et qui mettent la fonction de l'habitat et des sols en simples valeurs d'échanges. Face aux puissantes modifications urbaines et sociales produites par l'industrialisation, seul l'usage de l'utopie était capable d'apporter des solutions suffisamment efficaces et de puissance équivalente. L'utopie du Modèle du pré-urbanisme progressiste s'est avéré le mieux adapté à la situation. C'est en 1905 que, selon HENRI LEFEBVRE, prenait fin la pré-modernité

FRANÇOISE CHOAY situe la création de la notion d'urbanisme au début du XXe siècle. L'urbanisme se substitue au pré-urbanisme et marque le choix définitif du Modèle progressiste. Apparaît alors l'urbanisme progressiste dans lequel se perpétue l'utopie. Comme le Modèle pré-urbaniste progressiste, le Modèle urbaniste progressiste est aussi une utopie. Au début du XXe siècle, l'industrialisation caractérise totalement la société moderniste qui renonce désormais à toute référence et à tout souvenir de la ville traditionnelle. Pour FRANÇOISE CHOAY, l'urbanisme progressiste marque une rupture historique radicale et deviendra le Modèle de conception urbaine le plus suivi. Face à l'ampleur de l'impact et de la présence du phénomène industriel dans l'urbain, la ville progressiste a dû accomplir elle-même sa propre révolution industrielle en intégrant les concepts d'industrialisation, de standardisation et de mécanisation. Sont donc apparus de nouveaux changements d'échelles et de nouvelles typologies. Peu à peu, les concepts pratiques vont se concrétiser et vont devenir

théoriques. Les concepts théoriques de LE CORBUSIER, de LUDWIG HILBERSEIMER, de ROBERT AUZELLE vont prédominer durant cette période. Selon SIEGFRIED GIEDION, jusqu'en 1930, période qu'il qualifie de « *première phase de la modernité* », l'urbanisme vise l'aspect fonctionnel du Logement et écarte le principe de continuité formelle et historique. CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ décrit cette période comme étant encore qualitative. Loin de l'aspect purement fonctionnel, la modernité était originellement un mouvement à caractère artistique qui visait l'union entre la Fonction et l'Expressivité. Cependant, toujours selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, il y a eu une mauvaise interprétation de l'Art Moderne qui avait pour but de réduire les fractures Pensée/Sentiment, Objectivité/Subjectivité qui s'originaient dans la culture occidentale depuis RENÉ DESCARTES. La fin de la première phase de la modernité coïncidera avec la consécration et la concrétisation du Modèle moderniste progressiste appliqué à l'urbanisme, par les Congrès Internationaux d'Architecture Moderne (CIAM) lors de la Déclaration de la Sarraz de 1928 puis de la Charte d'Athènes de 1933.

Au XXe siècle, l'esprit objectif prend le dessus sur l'esprit subjectif (SIMMEL, 2013). Il en résulte une transformation des Choses en simples objets. HENRI LEFEBVRE ajoute également que la modernité marque le moment critique où l'abstraction se fait sensible et le sensible abstrait. Au-delà du concept du Lieu moderne, comme pur espace qui s'origine dans le Topos d'ARISTOTE, la référence à l'antiquité grecque se poursuit dans les méthodes de compréhension du monde. Selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, le Modèle atomiste grec est la méthodologie d'acquisition des connaissances qui a dominé à l'époque moderne et ce Modèle s'accompagne de la quantification pure de la Nature. La méthode atomiste ramène toute chose à une simple structure objective, homogène et non hiérarchisée, qu'il s'agisse d'atomes ou de données sensorielles. L'atomisme est une méthodologie qui part principalement du bas de la chose à étudier et qui construit la connaissance comme une somme ou une superposition d'atomes sans faire intervenir quelconque aspect qualitatif. Appliquée à l'urbanisme, cette méthode traite le quantitatif, le fonctionnel et le traduit en espaces et en dimensionnements. Ce serait en lien avec cette méthode que le fonctionnalisme analytique du mouvement Moderne a segmenté la ville en usant du zonage systématique. Pour AUGUSTIN BERQUE, il se produit une perte de l'unité collective par la séparation des fonctions et les systèmes du zoning et de l'échiquier marquent l'identité de l'urbanisme moderniste progressiste. Après avoir isolé les fonctions de la ville et après avoir individualisé les

Hommes, le modernisme individualise les créateurs et les édifices. Il s'agit d'une cacophonie de l'architecture sans dialogue entre les bâtis, dont il résulte une monotonie, où chaque concepteur comme individu, croit avoir un discours à prononcer, c'est anti-urbain (ZEVI, 1959). Par la suite, le style moderne dit "International" concrétisera cette architecture idéale dans le plus pur principe du modernisme progressiste. Après l'application de l'échiquier urbain "ouvert" qui favorisait les déplacements mécanisés, la trame de l'édifice fonctionna à son tour comme un système "ouvert". Le système urbain idéal du modernisme progressiste s'est donc épanoui en devenant totalement "ouvert", tant dans sa structure (la planification) que dans sa constitution (les édifications). Un tel système qui se base et qui ne se développe que dans la thématique de "l'ouvert" ne peut qu'évoquer psychiquement l'évasion permanente, le départ, c'est-à-dire le thème de la Mobilité qui s'origine dans la dimension céleste.

2.3 Analyse du modernisme progressiste selon le Quadriparti

2.3.1 Sauver la Terre, Accueillir le Ciel. La Charte d'Athènes et son rapport au Milieu naturel

Pour HENRI LEFEBVRE, la période effervescente de la modernité débute vers 1905 et se termine vers 1930. La rédaction de la Charte d'Athènes, en 1933, a constitué l'aboutissement théorique des concepts de l'urbanisme moderniste progressiste, afin de pouvoir les appliquer concrètement dans le monde occidental et dans les territoires en cours d'occidentalisation. Dans l'objectif de questionner le rapport Terre/Ciel dans l'urbanisme moderniste progressiste selon le QUADRIPARTI, dans un premier temps, il est capital de présenter le contexte de la rédaction de la Charte afin d'y déterminer des éventuelles répercussions ou conséquences dans les contenus des articles qui la composent.

La Charte d'Athènes a été rédigée lors du CIAM 4 qui s'est tenu pendant un voyage maritime entre Marseille et Athènes, durant les lumineux mois d'été de Juillet et d'Août 1933, sous l'égide de LE CORBUSIER. Les thèmes étaient « *la ville fonctionnelle* » et les extensions rationnelles des quartiers modernes. Les idées ont été rassemblées sur un paquebot, le "Patris-2", qui était une machine moderne en cours de déplacement, donc en totale Mobilité. Le paquebot glisse le long de l'axe géométrique Ouest/Est, passe au large de l'ancienne antiquité

romaine et poursuit en direction de l'ancienne antiquité grecque. Il maintient son cap sur l'étendue plane infinie, uniforme et bleue de la mer méditerranéenne. Le déplacement horizontal du navire suit l'axe vertical du déplacement du soleil qui dans le ciel se fixe au zénith ardent, formant l'ombre dure qui contraste avec l'horizontale blanche de la machine d'acier. Le ciel est immense, lumineux et profond, caractéristique des climats du Sud occidental. L'absence totale de la Terre, le glissement sur l'instabilité de l'élément liquide et l'omniprésence du ciel lumineux et immense, caractérisent la prédominance de l'Élément Ciel et du Sud Cosmique, comme le relate la fiche des Milieux naturels du Sud extra-occidental (cf. Annexe B). Lors de l'élaboration de la Charte, nous retrouvons à travers les récits de participants, cette fascination collective pour la Cosmicité de l'ambiance de la croisière et pour la Classicité de l'antiquité grecque. Par exemple, SIEGFRIED GIEDION relate les déclarations de LÁSZLÓ MOHOLY-NAGY :

Personne n'avait jamais tenté, aussi bien que MOHOLY-NAGY, d'exprimer à ce point l'intangible lumière matérielle de la Grèce auparavant. C'est la lumière qui aida MOHOLY-NAGY à comprendre le phénomène grec. MOHOLY-NAGY aurait confié devant le Parthénon que jamais, depuis le temps de ses études, il n'avait été aussi conscient de la façon dont le monde grec parlait à ses contemporains (FINDELI, 1995, p.36).

Les 95 articles de la Charte d'Athènes ont été élaborés dans cette ambiance "d'ailleurs", dans le Milieu naturel méditerranéen. Après avoir adopté le Topos grec pour définir le Lieu et la méthodologie atomiste grecque pour définir le Milieu, le modernisme progressiste allait désormais se référer aux caractéristiques Classiques des Milieux naturels du Sud liés à la naissance de l'antiquité grecque, pour définir l'avenir urbain de l'Occident et de l'occidentalisation. Pour HENRI LEFEBVRE, la philosophie de la ville du XXe siècle a été orientée vers la recherche d'un Modèle de ville idéale. C'est pourquoi la ville Moderne a été conçue selon le Modèle de la cité antique, en y accordant une vision métaphysique au fonctionnalisme. LE CORBUSIER base la Charte d'Athènes sur l'analyse de 33 villes¹⁸. Elles illustrent l'histoire de la race blanche sous les climats et les latitudes les plus divers (JEANNERET-GRIS, 1971). Ainsi, la Charte cherche à produire un Modèle unique pour les Hommes exclusivement de race blanche, répartis dans le monde occidental, dans la continuité

18 Les villes situées sur le territoire occidental sont : Amsterdam, Athènes, Baltimore, Bandoeng, Barcelone, Berlin, Bruxelles, Budapest, Charleroi, Cologne, Côme, Dalat, Dessau, Détroit, Francfort, Gênes, Genève, La Haye, Littoria, Londres, Los-Angeles, Madrid, Oslo, Paris, Prague, Rome, Rotterdam, Stockholm, Utrecht, Varsovie, Vérone, Zagreb, et Zurich. Soit 29 villes sur le territoire occidental et 4 villes extra-occidentales (3 aux Etats-Unis, 1 au Vietnam) qui constituent le processus d'occidentalisation.

de la logique des empires de l'antiquité. Cependant, la Charte ne se réfère pas à l'idée de poursuivre la longue continuité culturelle et historique. Dès la préface, il y est précisé que la Charte a deux moteurs uniques : l'imagination et l'enthousiasme, tournés vers l'avenir. En ce qui concerne la spatialité, l'échelle de l'Homme idéal sera la base des mesures et la course quotidienne du soleil sera l'échelle des horaires du quotidien. Quant à la population, elle doit être lancée dans sa force sur cette aventure entre soleil et glace (JEANNERET-GRIS, 1971).

Dans la Charte d'Athènes, l'Élément Terre n'est plus une source de référence dans le quotidien de l'Habiter. Les trois seules conditions essentielles de la Nature (*qui sont à prendre en compte*) sont l'Espace, l'Air et le Soleil (JEANNERET-GRIS, 1971). Ces trois Éléments « *qui doivent se plier au progrès* » se situent tous dans l'Élément Ciel. À travers les thèmes de la "Ville et Région", de "l'Habitation", des "Loisirs" et du "Travail", la dimension d'épanouissement est uniquement celle du Ciel, dans la verticalité. Durant la lecture de la Charte, nous identifions que l'Élément Ciel est le premier Élément pris en considération. Nous sommes ici à l'opposé de l'ordre des composantes du QUADRIPARTI, où la Terre est le premier Élément évoqué. Dans la Charte, l'Élément Ciel est perçu positivement dans sa totalité objective et encore quelque peu subjective, alors que l'Élément Terre est arrière-plan et uniquement objectivé. Lorsque la référence à l'Élément Terre est évoquée, seule la surface géométrique abstraite et économique la caractérise. La dimension Romantique et culturelle du domaine de la grotte et de la racine, qu'évoquait GASTON BACHELARD pour définir des relations qu'entretenaient les Hommes et les Milieux naturels dans la zone Nord du territoire occidental, ne transparaît pas dans la Charte. Seuls les mondes Cosmiques et Classiques du Sud la caractérisent. L'anecdote des paysans qui ne résisteraient pas à la suprématie "volatile" qui s'originerait du Cosmique du Sud, résume l'ambiance de la Charte. Le paysan lui-même sera peut-être trop imprégné de l'effluve du siècle pour que le protocole de la nature suffise à le protéger (JEANNERET-GRIS, 1971).

Cette anecdote sous-entend que les paysans vont disparaître et que la longue tradition de la culture sédentaire européenne, qui avait engendré la sacralité et les Dieux chthoniens, va disparaître avec eux. L'Élément Terre sera définitivement oublié et volontairement omis. Que la Nature soit un "protocole", qu'elle soit réduite à un simple terme juridique, qu'elle soit systématique, immuable, non-adaptable et dominable, démontre la rupture culturelle radicale que la modernité entretient avec les Modèles traditionnels précédents. En argumentant que la

Nature ne puisse pas lutter face à la force du progrès tout puissant, cela démontre que d'une part, le progrès est perçu comme libérateur, lumineux, positif, c'est-à-dire comme céleste et que d'autre part, la Nature d'ordre terrestre est négativée, lourde, contraignante et qu'elle implique des limites. Dans la Charte, comme dans la religion monothéiste qui caractérise le sacré dans la culture occidentale, l'Élément Ciel est triomphant et devient la seule référence. Pour fonder ces observations, la dissertation présente un tableau de synthèse de l'analyse comparative des Éléments Terre et Ciel dans la Charte d'Athènes (cf. Annexe G).

Dans les quatre catégories de la ville moderniste progressiste de la Charte, la dimension subjective de l'Élément Terre est niée. Elle y est présentée comme un bien de consommation, abandonnée par le machinisme, sans épaisseur et sans passé. Elle est décrite des points de vues monétaire, économique, métrique, géométrique, programmatique et administratif. La Terre est indéterminée ou indéfinie et son abstraction se réduit à un support homogène de valeur d'échange. Elle est un pur produit, dans le sens donné par HENRI LEFEBVRE. L'habitat est même encouragé à quitter le sol et à s'élever à la verticale, vers le Ciel, dans la dimension élue du modernisme. Avec l'Élément Terre, tel qu'il est considéré dans la Charte, nous sommes dans le Topos d'ARISTOTE. Quant au Ciel, il est l'Élément idéal où l'Homme moderniste s'y réalise et s'y épanouit. Dans le modernisme progressiste occidental, comme dans la religion qui le définit, l'habitat est dans le Ciel, dans l'abstraction Classique et Cosmique. Dix années auparavant, en 1923, LE CORBUSIER déclarait déjà dans son livre « *Vers une architecture* », que l'architecture est le jeu savant, correct et magnifique des volumes assemblés sous la lumière (JEANNERET-GRIS, 1995). Dans la Charte d'Athènes il allait appliquer concrètement ce concept à l'échelle urbaine. Ce changement d'échelle progressif sera aussi l'autre manifestation caractéristique du phénomène expansionniste du mouvement moderniste progressiste. À une expansion géométrique et spatiale s'additionne aussi une expansion d'influence dans la structure culturelle. Rappelons ici que la logique de conquête et d'expansion qui s'originent dans l'Élément Ciel, sont des caractéristiques intrinsèques du phénomène de l'occidentalisation. Le dernier chapitre de la dissertation traitera de cette observation à partir des thèmes des utopies modernistes.

En ce qui concerne la relation entre le Milieu naturel et la ville modernisme progressiste, le monde de l'Homme se réduit et se centre sur lui-même. Le Milieu social se substitue au Milieu naturel. L'anti-nature, l'artificiel, devient le Milieu social et s'établit dans

la ville moderne (LEFEBVRE, 2009). Le thème de l'anti-nature dans la modernité est commun aux théoriciens, géographes et sociologues, ce qui laisserait transparaître que l'Élément Terre ne peut pas être ignoré en Occident. Pour sa part, FRANÇOISE CHOAY critique l'indépendance de l'urbanisme par rapport au site. Elle évoque même une négation consciente de la Terre. Une négation des déterminations et des variétés topographiques (CHOAY, 1965). D'autre part, AUGUSTIN BERQUE relève que le fonctionnalisme analytique du mouvement Moderne a usé abusivement « *d'ingrédients non-urbains* » telle la trinité "Lumière / Air / Verdre¹⁹", qui sont les Éléments célestes favorisés par la Charte d'Athènes. Il précise aussi que la ville moderniste a substitué l'unité collective à cette seule trinité et qu'il résulterait de cette perte, l'impossibilité pour l'Homme d'Habiter sur la Terre. La perte de l'unité collective équivaut à la fin de la condition terrestre (BERQUE, 2009). L'Élément Terre serait donc indispensable à l'Habiter et confirmerait la logique de l'équilibre des composantes dans le QUADRIPARTI, dont les proportions devraient probablement varier selon les singularités des Milieux naturels où l'Homme s'inscrit pour produire un Lieu.

2.3.2 Attendre les Divins. La désacralisation progressive du Lieu par l'avènement du profane

Le modernisme a exclu la dimension existentielle (NORBERG-SCHULZ, 1997). Il se caractériserait par la destruction consciente du "Mundus". Quant à lui, AUGUSTIN BERQUE considère que la perte du "Mundus" est contenue dans le principe même de ce qui a défini la modernité en rompant ainsi avec la valeur traditionnelle de la ville. Elle n'a donc plus cette valeur d'usage qui permettait à la collectivité sociale de la réaliser comme une Œuvre collective. L'Homme moderniste se coupe consciemment des valeurs traditionnelles car sa propre culture occidentale porte cette rupture dans sa constitution. Toutefois, cette culture serait le résultat d'une organisation hiérarchique de valeurs contradictoires où, dans un ensemble à caractère Global, il subsiste encore des traces de caractère Local qui ré-émergent périodiquement. Les valeurs fortes qui caractérisent le Global objectif, universalisant et abstrayant, sont issues de concepts produits par les Milieux naturels sud-occidentaux et extra-

19 Dans la Charte d'Athènes, la verdure a pour objectif de participer à la qualité de l'air, en ce sens elle est incluse entièrement dans la dimension de l'Élément Ciel.

occidentaux. Quant aux valeurs dominées qui caractérisent le Local subjectif, elles sont issues de concepts produits par les Milieux naturels nord-occidentaux et subsistent conjointement, mais discrètement, dans la culture occidentale. Le désordre, Romantique et Local, produit alors des perturbations périodiques dans l'immense trame Cosmique et Globale. Afin de garder le contrôle de sa position dominante dans la structure hiérarchique de l'ensemble, l'Élément Ciel oblige la culture occidentale à détruire d'une part, la subjectivité de l'Élément Terre et d'autre part, à mettre sous contrôle la totalité de la troisième composante du QUADRIPARTI : le sacré. Il est entendu qu'il s'agit ici du sacré représentatif de la culture occidentale qui a permis de donner corps au modernisme : le christianisme. Pourtant décrite comme profane, la culture moderniste occidentale va malgré tout conserver des traces structurelles de la dimension du sacré provenant du christianisme, dans un objectif bien particulier. Dans cette culture, le christianisme n'est plus entendu comme une religion dans son ensemble subjectif/objectif mais uniquement dans sa dimension objective. Ainsi, sont maintenues dans la structure de cette culture, les traces des concepts universalisants et les structures psychiques objectives purement liées aux caractéristiques Cosmiques de l'Élément Ciel. C'est ainsi que tout en gardant une structure qui provenait du sacré, le modernisme va extraire la part subjective de ce sacré (la croyance) pour n'en conserver que la part objective (la géométrie) et déboucher à une forme apparente de désacralisation. Le sacré qui sublime le céleste persiste donc, mais sous une forme non décelable de premier abord.

Ainsi, dans un premier temps, l'Homme moderniste se coupe de la véritable dimension du sacré qui semblerait se trouver dans la subjectivité. L'Homme moderniste ne devient Homme que dans la mesure où il se désacralise et désacralise le monde (ELIADE, 1988). Dans un deuxième temps, l'Homme moderniste crée un nouveau rapport avec son Milieu totalement dé-subjectivé, tant dans les Éléments Terre et Ciel que dans la dimension du sacré et rompt ainsi avec toute sa continuité subjective historique et culturelle : l'Homme des sociétés occidentales modernes assume une nouvelle situation existentielle, il ne se reconnaît uniquement sujet et agent de l'Histoire et refuse tout appel à la transcendance (ELIADE, 1988).

Le modernisme progressiste, dès ses origines, aurait produit un rapport déséquilibré. En favorisant les concepts de "l'Ailleurs" et de la "Mobilité", pour constituer la culture occidentale, l'Homme moderniste s'est coupé de ses Milieux naturels qui lui permettaient de produire un "Mundus", un Lieu pour Habiter. La véritable Présence qui rend le monde proche a rarement été comprise par la première architecture moderne (NORBERG-SCHULZ, 1997). La ville moderniste désacralisée, industrialisée, réduite à un produit isolé et interchangeable n'a plus l'onirisme qui permet à l'Homme d'Habiter. Ainsi, en reprenant la transposition de l'image de la ville à celle de la maison onirique, l'interprétation de la citation suivante de GASTON BACHELARD laisse suggérer qu'il résiderait dans l'onirisme une part de sacré qui s'avère nécessaire pour que puisse se constituer un "Mundus" :

La maison des grandes villes n'a que des symboles sociaux où importe le nombre de pièces. Toutes ces pièces en enfilade, toutes ces portes toujours ouvertes qui s'offrent à n'importe qui. Cela est petit rêve ! Cela n'approche point du profond onirisme de la maison complète, de la maison qui a des puissances cosmiques (BACHELARD, 2010, p.117)²⁰.

Le profane moderniste :

L'Homme moderne a désacralisé le monde et a assumé une existence profane (ELIADE, 1988). La culture moderniste progressiste a désacralisé le "Mundus" traditionnel par la pensée scientifique et la méthodologie atomiste. En séparant la Totalité, l'Homme a isolé les parties et les a traitées sous l'angle de leur seule objectivité. L'Homme s'est volontairement individualisé pour trouver son sens propre et s'est séparé de la collectivité. L'Homme se fait lui-même et il n'arrive à le faire que dans la mesure où il se désacralise et désacralise le monde (ELIADE, 1988). La perte de la sacralité n'est pas une conséquence non-maîtrisée ou une résultante hasardeuse, mais elle aurait été le propre objectif de la culture moderniste. Afin de mieux comprendre ce qui composait la Totalité, l'Homme moderniste a éliminé les liaisons subjectives non-mesurables qui joignaient les éléments objectifs quantifiables de cette Totalité, afin d'en isoler ces derniers. La méthode atomiste a saisi individuellement chacun de ces éléments et les a placés un à un sur l'espace neutre du Topos grec. Mise à la lumière crue du Ciel immense et cosmique du Sud, ce qui était autrefois une

²⁰ Dans ce texte, cosmique = cosmos traditionnel = "Mundus". Voir l'illustration 1 de la dissertation.

Totalité, est désormais l'espace homogène et neutre où le profane tente de se localiser. Dans l'espace moderniste profane, il n'y aucune différenciation, aucune orientation. Toute orientation disparaît (ELIADE, 1988). Mais selon lui, les conséquences pourraient être plus graves et pourraient même entraîner la désorientation de l'Homme occidental ou occidentalisé. L'Homme se meut dans l'homogénéité fragmentée et la relativité de l'espace dans la société industrielle (ELIADE, 1988).

Profane ne signifie pas athée. La disparition des religions dans la culture occidentale n'implique pas la disparition de la religiosité (ELIADE, 1988). Dans cette distinction il résiderait encore en chacun des Hommes profanes occidentaux, une faible part de sacré. Toujours selon lui, cette part enfouie du sacré qui réside chez l'individu profane moderniste, serait ré-activable. Peut-être que cette part est la preuve de la permanence propre à la constitution physiologique naturelle de l'Homme qui crée des mythes dans les structures de l'inconscient et qui s'associe à la part objective restante de ce qui fut autrefois la sacralité épanouie. Mais MIRCEA ELIADE donne un indice quant au type de sacralité qui se manifeste dans les profondeurs de l'Homme. Il s'agit de quelque chose de la conception traditionnelle du monde qui se prolonge encore aujourd'hui dans son comportement, même si il n'en est pas conscient (ELIADE, 1988). On pourrait comprendre ici que le sacré qui se manifeste ne serait pas seulement celui qui subsiste dans la part objective et Cosmique de la culture actuelle, mais peut-être aussi la forme du sacré traditionnel et total qui résiste et surgit du rapport direct de l'Homme avec son Milieu naturel d'inscription et qui, par exemple, est d'ordre subjectif et Romantique pour le cas nord-occidental. Éventuellement, on pourrait suggérer que ce serait cette forme de sacré qui se produit en lien avec le Milieu naturel, qui serait ce mythe produit par les structures de l'inconscient et propre à la constitution physiologique naturelle de l'Homme. Précédemment, la dissertation a présenté le lien étroit qui existe entre le mythe et le Symbole. Si l'un serait la résurgence de l'autre, alors nous pouvons suggérer que si la part de sacré qui est enfouie est ré-activable, par conséquence, la ré-activation du mythe entraînerait le ré-emploi du symbolique. Cependant, selon MIRCEA ELIADE, la modernité a trop individualisé et fragmenté, pour produire chez l'Homme moderne une « *mythologie privée de l'Homme moderne* » et qui soit aussi présente que chez celle de l'Homme traditionnel « *Homme Total religieux* ». Le constat est que l'expérience religieuse des populations urbaines modernistes est gravement appauvrie. Toutefois, ce serait par l'usage des caractéristiques

subjectives et positives de la ville traditionnelle : le religieux, l'art, la philosophie, l'œuvre collective... qu'il serait éventuellement possible de retrouver des bases qui permettraient à l'Homme d'Habiter sur Terre, dans un Lieu singulier, en s'inscrivant dans l'histoire longue de la permanence humaine qui produit des singularités toujours renouvelées, liées aux variétés des Milieux naturels.

2.3.3 Conduire les Mortels. L'Homme du modernisme progressiste et ses conséquences physico-physiologiques

Le Ciel qui est purement Cosmique, est la dimension de l'Homme moderniste devenu individu. Mais son statut d'individu va se modifier au cours de la modernité. GEORG SIMMEL précise que dans un premier temps préparatoire au modernisme, des phénomènes contraires à la vie vont amener l'Homme "subissant" à se positionner en Homme "réagissant". Il aurait produit ainsi, un système davantage de survie, plutôt que de vie épanouie dans la Tranquillité. Face aux situations contraignantes, il n'aurait pas constitué un système positiviste orienté pleinement vers le "mieux", mais un système moins positiviste orienté vers le "au mieux". Nous pourrions positionner ces phénomènes contraires à la vie épanouie comme les causes du dysfonctionnement du QUADRIPARTI et l'excès de l'Élément Ciel :

Au début de la modernité, il y a une prétention de l'individu à affirmer l'autonomie et la spécificité de son existence face aux excès de pouvoir de la société, de l'héritage historique, de la culture et de la technique venues de l'extérieur de la vie (SIMMEL, 2013, p.39).

Au début du modernisme, l'Homme devenu individu "tout puissant", est en partie caractérisé pour avoir longtemps exalté la condition intellectuelle de Nomade. Elle était pour lui la méthode d'être libre et de conquérir des espaces lointains à l'aide de la technique qui lui promettait alors le bonheur immémorial. Mais, l'Homme a subi, lui aussi, l'atomisme et le Topos grec. Selon GEORG SIMMEL l'individu moderne perdra progressivement sa part de sujet pour se résumer entièrement à celle d'objet. La division du travail, la division de l'individu, la division de l'espace, l'individu résiste de moins en moins bien à une civilisation objective de plus en plus envahissante (SIMMEL, 2013). L'individu comme objet apparaît alors. FRANÇOISE CHOAY parle d'un Homme type à l'échelle d'un espace planétaire homogène. En 1925, à l'Exposition Internationale des Arts Décoratifs de Paris, LE CORBUSIER présentait "le

Pavillon de l'Esprit Nouveau" comme une « *habitation pour n'importe quel Homme* » et qui recevait ses principes de « *Vers une Architecture* » édité en 1923. Comme pour le cas du phénomène de la Charte d'Athènes, un glissement d'échelle s'est produit. De l'Homme idéal qui proportionne l'architecture blanche positionnée sous le soleil, on passe à la masse anonyme d'individus stéréotypés dans la nouvelle "ville lumière", idéale et éclatante. Par l'euphorie de la technique et de la mobilité, elle coupera davantage le rapport entre l'Homme et son Milieu naturel.

Au cours du modernisme, l'individu persiste, mais il se situe dans la masse anonyme qui est la seule à pouvoir accéder à la condition d'existence et donc à la représentativité. Pour HENRI LEFEBVRE, l'individu et la masse sont rendus passifs dans le processus du modernisme. Ils ne sont plus une collectivité qui produit une Œuvre. Au contraire, ils sont manipulés à des fins particulières et sur lesquelles ils n'ont pas de pouvoir d'action. Modernité et culture de masse, tout devient spectacle et non-participation (LEFEBVRE, 2009). Dans la modernité, l'individu est perdu par la logique de sa propre culture, caractérisée par sa capacité à détruire toute subjectivité et à ne produire que de l'objectivité quantifiable et mesurable. Il y a eu l'émergence de l'individu durant la modernité et puis sa perte à nouveau par le processus d'abstraction et de redéfinition par l'usage des signes et des objets (BAUDRILLARD, 1985). La pure culture occidentale aurait-elle une propriété d'auto-anéantissement ? S'étendrait-elle infiniment afin de pouvoir continuer à se nourrir et d'exister après avoir épuisé toutes les ressources objectives et subjectives des zones sur lesquelles elle s'est superposée ? La pure objectivité urbaine occidentale serait-elle sa propre fin ? Déjà au début du XXe siècle, OSWALD SPENGLER supposait une fin funeste à cette logique moderniste productiviste et consumériste. L'Occident est en déclin : nous sommes dans le confort matériel de la civilisation (SPENGLER, 1948). Par les caractères initiaux d'urgence et de "survie" qui caractériseraient les origines du modernisme, le couple "positif-subjectif" est en trop faible proportion par rapport au couple "négatif-objectif". L'urgence s'est faite permanence, la crise serait apparue de ce déséquilibre.

Modifications physiologiques de l'Homme moderniste urbain :

Selon GEORG SIMMEL et EDWARD TWITCHELL HALL, les grandes villes modernistes agissent sur la condition mentale et la constitution naturelle de l'Être humain. Ils ont observé des conséquences psychologiques et physiologiques qui amènent à des modifications comportementales et physiques. La caractérisation de la mentalité métropolitaine est la modification physiologique (SIMMEL, 2013). Les grandes villes modernistes se caractérisent par des poussées démographiques dont la surpopulation entraîne des modifications dans la chimie de l'organisme (HALL, 1978). Toutefois, il précise que les formes de réactions divergent selon les peuples. Peut-être pourrait-on émettre l'hypothèse que ce phénomène serait éventuellement traduisible comme une manifestation de la "permanence" des traces culturelles anciennes qui se sont formées lors des relations intenses aux Milieux naturels et qui sont encore en activité dans l'inconscient. Plus l'inadéquation entre la culture et le Milieu naturel est grande et plus les réactions physiologiques seraient fortes. Plus concrètement, GEORG SIMMEL va déterminer trois thèmes de modification de l'Homme dans les grandes villes modernistes. Selon lui, il y a tout d'abord une intellectualisation des échanges, puis une impersonnalité des échanges et enfin la production d'un caractère blasé.

Dans un premier temps, il distingue une forte abstraction de l'environnement urbain issue de l'économie et des mathématiques, qui remplacent le rythme naturel. Il en résulte une dématérialisation du monde qui amène à une indifférence généralisée par rapport à l'environnement traditionnel. La pure objectivité qui se situe dans l'Élément Ciel se traduirait par la suprématie du commun universel et de l'impersonnel. En conséquence, l'Homme ne peut plus utiliser sa propre constitution naturelle pour faire face à l'artificialité abstraite et totale. Il doit s'adapter au nouveau système qui est son nouvel environnement. Dans un deuxième temps, l'hyperstimulation nerveuse produite par la grande ville, modifierait l'appareil sensoriel et développerait l'intellect. Selon GEORG SIMMEL, l'intellect est "l'organe" psychique le moins sensible et qui s'écarte le plus des profondeurs de la personnalité. Ainsi, l'Homme doit s'écarter consciemment de sa vraie nature, en s'auto-modifiant volontairement. Mais, en contrepartie, il va réduire ses récepteurs sensibles. La véritable acuité de la perception de l'ensemble des sens décline au fur et à mesure que s'améliore la civilisation (SIMMEL, 2013). Les grandes villes modernistes privilégient certains sens au détriment

d'autres et réduit notre capacité à les mobiliser. C'est à ce moment que les sens naturels sont altérés, alors que selon EDWARD TWITCHELL HALL, ils sont les premiers moyens de se relier au Milieu naturel. À l'inverse des autres, seul le sens de la vue est sur-exploité. Dans un troisième temps, en se modifiant psychologiquement et physiologiquement, l'Homme se déracinerait. L'agressivité du Milieu extérieur développe l'auto-crédation d'un organe de protection contre le déracinement (HALL, 1978). L'excès de stimulations amènerait à une distanciation avec l'environnement spatial et social et la nouvelle réorganisation des sens du citoyen est désormais destinée à créer de la distance. L'expérience traumatique de la modernisation amène le citoyen à adopter des comportements asociaux (SIMMEL, 2013). Le déracinement de EDWARD TWITCHELL HALL pourrait être mis en parallèle avec le besoin imaginaire de la racine de GASTON BACHELARD. Le déracinement est lourd de conséquence et affecte toute la sphère du monde de l'Homme tant du point de vue objectif que subjectif. La modification des sens serait un déséquilibre grave qui perturberait la remise en relation saine de l'Homme avec son Milieu naturel. Mais, peut-être que comme dans le cas du sacré, il resterait encore dans l'Homme une permanence enfouie et intacte qui sommeillerait, et qui serait prête à être ré-activée.

2.4 Le modernisme progressiste et la perte du Lieu : l'Atopisme

Depuis la seconde Guerre Mondiale, tous les Lieux ont subi un changement. Les qualités traditionnelles qui avaient caractérisé les implantations humaines sont soit irrémédiablement altérées soit totalement disparues (NORBERG-SCHULZ, 1997). Il continue sa réflexion en précisant que la crise du Lieu se caractérise particulièrement à l'échelle urbaine et que la modernité a abouti à cela par le fait qu'elle ne comprenait pas assez, intrinsèquement, le concept de Lieu. Il considère que la crise est due à un double phénomène. Elle surgit lorsque la perte de la subjectivité de l'espace, dans la conception urbaine, s'additionne avec sa matérialisation dans le concept de style international. Cette perte dans la conception urbaine est caractérisée dans un premier temps, par l'emploi du Topos grec qui entraîne la disparition des structures spatiales qui assuraient l'identité de l'implantation traditionnelle et dans un deuxième temps, par l'impossibilité de reproduire ce Modèle en réduisant consciemment le

Milieu naturel à un rapport purement physique de Lumière, d'Air et de Verdure (liée à la qualité de l'air). Quant au concept de style international qui apparaît dans les années 1920, il impose systématiquement que l'architecture moderniste doit reproduire un principe unique qui ne doit avoir aucun caractère Local.

De l'extension chronique à l'omission des paysages :

À l'échelle de la ville moderniste, le style international provoque, de par sa propre logique atomiste, un système éclaté et dispersé qui contredit intrinsèquement la notion d'implantation comme "Mundus" singulier et qualitatif. Par ces critères qui s'originent dans l'Élément Ciel du Sud Cosmique, l'Élément Terre est totalement absent. Une fois encore, il est supposé une fin funeste à ce déséquilibre de l'Habiter moderniste déraciné. Quand les mégaloïles rompent le lien qui lie une civilisation à son sol de naissance, c'est la marque de la vieillesse et de la fin de cette civilisation (SPENGLER, 1948). Un siècle plus tard, cette civilisation se poursuit toujours dans sa logique initiale, mais on ne lui prédit plus une fin tragique ; on cherche davantage à mieux déterminer ses caractéristiques. Le QUADRIPARTI est une de ces méthodes de détermination que se propose de développer la dissertation. En ce qui concerne la poursuite du système moderniste progressiste, si de par sa propre constitution objective, la culture moderniste occidentale adopte l'attitude de l'extension pour survivre et échappe ainsi à son auto-destruction par la dé-subjectivation chronique et l'appauvrissement ontologique de ses conquêtes, il y a encore suffisamment de Terre et de Ciel disponibles à ce jour. Mais, lorsque la conquête sera totale²¹, le problème se reposera très certainement à nouveau. Avant de proposer une formulation arbitraire, la première étape serait l'étude des concepts intrinsèques du modernisme, en vue de leur révision. Le QUADRIPARTI y participe pleinement.

La définition du Lieu en rapport au paysage est perdue et l'identité propre n'est plus possible (NORBERG-SCHULZ, 1997). Les villes modernistes ne s'harmonisent plus et ne dialoguent plus avec les formes naturelles qui associent les Éléments Terre et Ciel dans une

²¹ La poursuite de l'extension semblerait désormais se poursuivre dans le système solaire, ce qui démontre également que l'attachement de la culture moderniste progressiste à l'Élément Terre est bien faible en comparaison à son attrait pour l'Élément Ciel.

harmonie singulière et constante. On pourrait même suggérer qu'il y a une volonté de la ville moderniste progressiste à s'opposer aux formes naturelles du paysage. La silhouette des villes contredit les lignes de la Nature (SPENGLER, 1948). Peu à peu, avec la disparition de la structure urbaine traditionnelle, le paysage a perdu son sens "d'extension compréhensive" d'une Totalité harmonieuse, il est désormais subordonné. Si autrefois le paysage naturel inspirait la ville et que celle-ci lui répondait en un langage qui permettait une compréhension mutuelle, dans le modernisme, la ville produit un monologue en dissonance avec le paysage environnant qui est réduit au silence. Si la ville est produite par l'Homme, ou pour l'Homme et si elle n'est plus en accord avec son paysage naturel d'accueil, c'est que l'Homme lui-même n'est plus en accord avec le paysage naturel. Quand l'Homme moderniste ne conserve que la dimension objective de l'Élément Ciel et rompt avec l'Élément Terre, il se coupe de son rapport traditionnel d'orientation et rassemble toutes les conditions nécessaires pour redevenir mobile. Isolé des puissances du paysage, l'Homme des villes se rapproche du nomadisme (SPENGLER, 1948). Alors, ce que l'on ressent comme la perte du Lieu dans la modernité, attesterait que le Milieu naturel ne peut pas être oublié ou omis. La dimension du Lieu pour Habiter, imposerait, au minimum, que le Milieu naturel soit considéré dans sa totalité objective et subjective, et selon le rapport Terre/Ciel.

La désorientation volontaire et l'homogénéisation :

Dans le modernisme, l'espace neutre remplace le Lieu et l'on s'approche de la condition du système cartésien. La ville n'est plus l'Œuvre collective des citoyens. La modernité occidentale entraîne leur passivité et les positionne dans un rôle de spectateur. En quelque sorte, ils "subissent" les effets d'un environnement non-adaptable et donc non-appropriable. L'artificialisation croissante du milieu urbain, entraîne la modification psychique et physiologique du citoyen qui, en retour, va développer son intellect au détriment de ses organes sensitifs traditionnels. Cette intériorisation totale de la perception et donc de la compréhension du milieu urbain, va désactiver l'usage des récepteurs traditionnels situés en périphérie du corps et en contact direct avec le milieu urbain. La désactivation de cette interface avec le milieu environnant, proche ou lointain, isole l'Homme total de son Milieu. Seul son intellect qui est situé à l'intérieur de son corps, est capable de traiter les données reçues principalement par la vue. En cela, ces modifications participeraient à l'isolement

interne de l'Homme, par rapport à son environnement extérieur et renforcerait son individualisation. Pour OSWALD SPENGLER, l'augmentation de la capacité intellectuelle à analyser les données de l'environnement direct, pousse l'Homme à s'affranchir du Milieu. Par la réduction de la surface physique de perception et le traitement des données reçues par un analyseur interne plus abstrait, il en résulterait une diminution du diamètre de la sphère réceptive naturelle qui permettait à l'Homme de produire un "Mundus". L'individualisation est un retour au microcosme qui amène à la perte du "Mundus" (SPENGLER, 1948). L'orientation traditionnelle de l'Homme est altérée car elle est incapable de produire une identité en lien avec son Milieu naturel. Dans ce cas, l'Habiter authentique, au sens psychologique, est remplacé par l'aliénation (NORBERG-SCHULZ, 1997). Modifié psychiquement et physiologiquement, l'Homme est aliéné et va s'éloigner du Milieu naturel qu'il considère comme inadapté et donc non-nécessaire. Il va produire son propre Milieu artificiel de manière à ce qu'il puisse lui permettre son épanouissement. En contrepartie, cette artificialisation va réduire la capacité de l'Homme et de son Être ontologique à se sentir liés à une Totalité et va augmenter la tension défensive de son Être éveillé. Selon OSWALD SPENGLER, ce processus de réduction ontologique et d'augmentation protectrice entraînerait la « *stérilité du civilisé.* »

D'après JEAN BAUDRILLARD, l'Occident se définit comme une forme d'homogénéisation, une force d'opposition systématique à la tradition et aux cultures antérieures ou traditionnelles. Elle posséderait cette force de projeter ses idées au-delà de son territoire d'origine de par le fait qu'elle ne contient pas la notion de Lieu, comme il est défini traditionnellement. La culture occidentale et l'occidentalisation comprennent la totalité du monde comme une seule chose, comme un seul espace, car elles n'incluent pas le Local et n'ont pas conscience de la Limite. Pour exister pleinement, l'espace occidental doit être pleinement rempli. Tout espace encore disponible, même encore sous l'influence d'une autre dimension culturelle est "a priori" déjà inclus dans l'occidentalisation. La quête est continue, la grille homogène doit s'étendre irrémédiablement et être remplie. Le phénomène d'occidentalisation se base sur l'universalité et ainsi, il se distancie de tout rapport aux Milieux naturels rencontrés. Le territoire a perdu toute détermination par l'homogénéisation, l'aseptisation des constructions et la coupure avec l'extérieur (HALL, 1978). Mais, comme il l'a été précisé plus en amont dans la dissertation, les territoires occidentalisés ne parviennent

pas à une homogénéisation totale et pacifique des espaces conquis. Les heurts entre les cultures mais également à l'intérieur d'une même culture sont les conséquences d'une homogénéisation (HALL, 1978). La nappe uniforme, homogène et continue de l'occidentalisation subit régulièrement des perturbations qui indiquent que là où se produisent ces perturbations, ils s'agirait de phénomènes locaux d'émergence des "permanences" des cultures traditionnelles pré-existantes qui sont en harmonie par rapport à leurs Milieux naturels singuliers. Sans conditions de temps et de localisations géographiques, ces perturbations chroniques et locales, seraient la marque de l'incapacité du phénomène d'occidentalisation à se substituer totalement aux singularités des cultures et des Milieux conquis.



Illustration 11:
 Allemagne, "*Hochhausstadt*" de LUDWIG HILBERSEIMER, 1924. France, Grand-Ensemble à Paris, 1964. Chine, Grand-Ensemble à Yanjiao, 2010. Élaboration personnelle.



3 La remise en cause de la ville moderniste progressiste, le cas de la France.

C'est en France que la dissertation propose de faire apparaître la remise en cause du Lieu dans la modernité. Ce choix a été motivé pour deux raisons. La première est qu'il y règne une ambiance des Milieux naturels qui caractérise le Romantisme. La deuxième est qu'il s'y est légitimement produit des re-questionnements théoriques et fondamentaux du Lieu, au moment où cette modernité cherchait des orientations positives pour se prolonger vers l'avenir.

À la fin de la 2ème Guerre Mondiale en 1945, les destructions d'immeubles et d'infrastructures sont généralisées²². L'urgence de l'habitat était total. Face à cette situation matérielle et politique, le Gouvernement provisoire de la République française de CHARLES DE GAULLE crée en octobre 1944 le Ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme (MRU²³). Un plan de modernisation et de reconstruction à grande échelle fut lancé sur l'ensemble du territoire national. Toutefois, le rapport entre les intentions politiques et architecturales restait vague. En ce qui concerne la question de l'habitat, la première phase de la Reconstruction fut souvent celle des barres isolées au sein de vagues parcs pour réduire au plus vite les habitats d'urgence et précaires. Les propositions de l'urbanisme progressiste moderniste d'avant guerre sont de nouveau appliquées pour la Reconstruction, car elles apportaient des solutions aux problèmes urgents du manque de logements, d'hygiène et de fonctions. Le nouvel ordre économique semblait alors voué à construire des objets autonomes et dispersés, souvent dépourvus d'identité et définitivement sans égards particuliers pour les Modèles traditionnels des villes européennes.

22 En ce qui concerne l'habitation, 74 départements métropolitains sur 90 ont subi des dommages importants et plus de 20% du capital immobilier a été détruit. Près d'un million de ménages (sur ~12,5 millions en France métropolitaine) se trouvent sans abri. Des villes ont été sévèrement détruites (Le Havre à 82 %, Caen à 75 %...). 2 100 000 bâtiments ont été endommagés dont 462 000 totalement détruits. Source: ABRAM.

23 Le Ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme (MRU), est un ministère français créé en octobre 1944 par le Gouvernement provisoire de la République française. Ce ministère est représenté dans chaque département par une délégation dont la mission est l'approbation et le contrôle des plans de reconstruction et d'aménagement (PRA) du bâti détruit par fait de guerre.

3.1 La fin des CIAM. Entre réalisme et critique, une échelle d'intervention urbaine croissante.

C'est dans ce contexte qui caractérise la France, mais aussi la majorité des pays nord-occidentaux, qu'entre 1947 à 1956²⁴ a eu lieu, selon KENNETH FRAMPTON, la troisième et dernière période des CIAM. Cette période a remis en cause l'absolutisme universaliste et Cosmique des deux périodes précédentes du CIAM. Durant le CIAM 6, qui se tint à Bridgewater en Angleterre en 1947, une première remise en cause est énoncée. Des membres du CIAM critiquent la « *stérilité abstraite* » de la ville fonctionnelle et cherchent à retrouver dans l'urbanisme et l'habitat, « *les besoins émotionnels et rationnels de l'Homme* ». Le CIAM 7, qui se déroule à Bergame, en Italie en 1949, reviendra sur l'intérêt de la mise en pratique de la Charte d'Athènes de 1933. C'est à nouveau en Angleterre, durant le CIAM 8 de Hoddesdon en 1951, qu'une nouvelle remise en cause est énoncée. Le thème des « *besoins émotionnels et rationnels de l'Homme* » à travers l'urbanisme et l'habitat, est approfondi par le groupe organisateur de ce congrès : le groupe anglais MODERN ARCHITECTURE RESEARCH GROUP (MARS). Face à un urbanisme moderniste progressiste qui situait la ville nouvellement construite dans l'Atopisme, le Groupe MARS choisit pour thème « *le cœur de la ville* »²⁵. Il incita le congrès à s'orienter vers la conscience sociale et la vie collective d'un peuple, sous des aspects pas simplement fonctionnels. L'autre thème abordé par la Groupe MARS, est la notion du besoin de monumentalité et de l'élévation de l'âme.

Pourtant, ce nouveau tournant d'aspect "philosophique" voulu par les membres de la jeune génération du CIAM, ne sera pas appuyé par les membres des anciennes générations. Et, si la question du Lieu semblait revenir dans les débats à travers la question du Régionalisme, finalement elle serait développée à l'échelle de l'habitat individuel mais pas à l'échelle de la ville. Durant le CIAM 9, qui a lieu à Aix-en-Provence en France en 1953, la

24 Selon KENNETH FRAMPTON, la première période (1928 à 1933), fut la plus doctrinaire, dominée par les germanophones de la "Neue Sachlichkeit". La deuxième période des CIAM (1933 à 1947), fut dominée par la personnalité de LE CORBUSIER, qui orienta délibérément les débats vers l'urbanisme. Cette période est marquée par l'édition et l'application de la Charte d'Athènes.

25 Notons que les villes anglaises avaient subi des destructions urbaines d'une importance moindre par rapport au contexte français. Les destructions étaient plus ponctuelles dans un tissu urbain qui avait gardé globalement son homogénéité, alors qu'en France certaines villes étaient presque anéanties.

rupture est décisive. La nouvelle génération, menée par les anglais ALISON et PETER SMITHSON et le hollandais ALDO VAN EYCK (à la culture anglophone²⁶), remet en cause les fonctions de la Charte d'Athènes. Selon KENNETH FRAMPTON, ils ont cherché à définir les principes structurels de la croissance urbaine et l'unité signifiante qui se situerait juste au-dessus de la cellule familiale.

L'Homme peut aisément s'identifier à son propre foyer, mais difficilement avec la ville dans laquelle celui-ci est situé. "L'appartenance" est un besoin psychologique fondamental. "L'appartenance", "l'identité", engendre le caractère enrichissant du voisinage. Les petites rues étroites des taudis ont réussi là où des rénovations peu denses échouent souvent.
(FRAMPTON, 2008, p.291)

Mais, à ce stade, le sentiment d'appartenance qui réapparaît dans le discours de l'habitat en ville, ne dépasse pas encore l'échelle des cellules qui composent un bâtiment de Logement. En France, après avoir relogé les victimes des destructions de guerre, l'heure était venue de passer de la Reconstruction à la Construction. A partir de 1955, un phénomène d'accélération de l'urbanisation commence. Il ne s'agissait plus, dès lors, de loger les victimes des destructions de la guerre, mais les nouveaux arrivants issus des campagnes françaises et des pays limitrophes, motivés par le refleurissement économique et industriel qui se matérialisait autour des villes. Les nouveaux besoins en habitat se sont révélés immenses. Les Français réclamaient leur droit à l'habitat et leur droit à la ville, ce qui a entraîné la mise en place d'infrastructures et d'équipements nouveaux à une échelle encore jamais vue. Mais, après dix années de reconstruction tournées vers l'urgence et les besoins premiers, il est apparu peu à peu une prise de conscience de la "notion" d'habiter une maison, un appartement, une ville. Et, devant l'ampleur des nouveaux programmes, ce n'était plus l'épargne privée qui pouvait faire face aux besoins, mais une économie entière régie à l'échelle de l'État. Pour répondre à ce nouveau besoin, l'État français utilisa deux de ses organismes : les Habitations à Loyer Modéré (HLM) et la Caisse des Dépôts et Consignations (CDC). L'ampleur des réalisations à entreprendre donna naissance au phénomène des "Grands-Ensembles", guidé par un courant au fonctionnalisme trop souvent dénué d'intention artistique et qu'illustrerait la formule d'HENNES MEYER : « *Architecture = Fonction x Économie* ».

26 Né en 1918, sa famille s'installe au Royaume-Uni en 1919 et il a été éduqué à la Sidcot School à Somerset, de 1932 à 1935. Soit 16 ans d'immersion dans la culture anglaise.

Les Grands-Ensembles :

Le phénomène des Grands-Ensembles est exponentiel et caractérise la production courante et à grande échelle de l'habitat. La poussée démographique, la forte industrialisation et la prise en charge de l'habitat par l'État, a amené à la création des Grands-Ensembles aux caractères fonctionnels, abstraits et exponentiellement²⁷ gigantesques. En France, dans un premier temps, les Grands-Ensembles restent de l'urbanisme et de l'architecture dite de "plan-masse". La recherche formelle y est pratiquement absente et ils sont peu propices, de par leur dessin même, au développement d'une vie sociale et d'un esprit de quartier. Situés en périphérie et dépendants des villes anciennes, traditionnellement polyfonctionnelles, les Grands-Ensembles sont, pour leur part, mono-fonctionnels. Dédiés à l'habitat pur, ils seront vite décriés comme des "villes-dortoirs" où le quotidien de l'humain, l'Habiter, y est considéré comme irréalisable.



Illustration 12:
Vue aérienne du Grand-Ensemble de Massy-Antony, dans la région parisienne, 1959-1969. Plaquette pédagogique. Source : delcampe.



Illustration 13:
Urbanisme de consommation. Capture du film : "*Deux ou trois choses que je sais d'elle*" de JEAN-LUC GODARD, 1967. Source : allociné.

27 Exemple : opération Sarcelles n°1 en région parisienne en 1955 : 930 logements. Opération le Haut-du-Lièvre à Nancy en 1958 : 3.388 logements. Opération Toulouse-Le-Mirail en 1961 : objectif 25.000 logements. Source : ABRAM.

Le Team 10 et l'urbanisme critique avant 1960 :

C'est dans ce contexte d'une nouvelle vague constructive majeure, représentée par l'avènement des Grands-Ensembles, que se déroule en 1956 le congrès du CIAM 10 à Dubrovnik en Croatie. Il marquera la volonté urgente de définir une relation plus précise entre la forme physique du construit et les besoins psycho-sociologiques de l'habitant. L'organisation de ce congrès avait été confiée à la jeune génération des CIAM : JAAP BAKEMA, GEORGE CANDILIS, ROLF GUTMANN et PETER SMITHSON, accompagnés ensuite par ALDO VAN EYCK, BILL et GILL HOWELL, ALISON SMITHSON, JOHN VOELCKER et SHADRACH WOODS. Les fortes distensions idéologiques, entre la nouvelle génération et l'ancienne génération, y produisit la scission des CIAM. Ce congrès fut le dernier et le groupe composé par la nouvelle génération se nommera TEAM 10, en référence au numéro de ce dernier congrès. La dissolution officielle des CIAM et la naissance du TEAM 10 furent confirmées dans une autre réunion qui eut lieu en 1959.

Le nouveau groupe proposa un urbanisme rationnel qui cherchait la mise en relation des individus les uns avec les autres, en produisant une architecture qui s'adapte à la société "déjà là". Ils concevaient l'habitat pour un individu réel, multiculturel et incertain, basé sur l'observation la réalité sociale de leur temps. Marqués par l'existentialisme parisien²⁸, les membres du TEAM 10 firent une critique ouverte de la "*Ville Radieuse*" de LE CORBUSIER et du zoning urbain fonctionnel. Pour eux, les espaces urbains et les constructions individuelles, devaient se fondre dans un ordre plus complexe et entrelacé que celui de la planification urbaine habituelle. Pour reconstituer de l'urbanité, ils remirent en question les thèmes de la "tabula rasa" et de la "rue" que LE CORBUSIER avait bouleversés. Le TEAM 10 requestionna le "sol" de la ville, qui disparaissait massivement dans le phénomène des Grands-Ensembles. Ils voulaient sauver l'ambiance et la richesse de la rue traditionnelle. Par exemple, en Angleterre, ALISON et PETER SMITHON proposent dans leur projet de logements pour Golden Lane

28 L'existentialisme est un courant philosophique ainsi que littéraire qui postule que l'être humain forme l'essence de sa vie par ses propres actions, celles-ci n'étant pas prédéterminées par des doctrines théologiques, philosophiques ou morales. L'existentialisme considère chaque personne comme un être unique maître de ses actes, de son destin et des valeurs qu'il décide d'adopter. Le mot "existentialisme" vient d'existence, en allemand du mot "Dasein", qui est également un terme clé de la théorie de MARTIN HEIDEGGER, qui signifie "être-là", que JEAN-PAUL SARTRE a traduit par "réalité-humaine". JEAN-PAUL SARTRE, a importé simultanément l'existentialisme et la phénoménologie allemande en France, répandant cette philosophie qui fut très employée entre les années 1945 et 1955.

(Londres, 1952) une critique de la tour isolée. Les barres étaient reliées entre elles de façon linéaire et disposées selon la trame des rues environnantes. Ils proposaient une architecture de la Mobilité, des flux et des arrêts. Leur projet de barres en zigzag était une modélisation des déplacements des habitants, une matérialisation des mouvements des Hommes. Les architectes associés au TEAM 10 souhaitaient répondre aux besoins exprimés par une société nouvellement dominée par l'automobile et utiliser des matériaux industrialisés, tout en restant attentifs à la question de l'identité, urbaine ou rurale. En France, les idées du TEAM 10 seront représentées par le groupe formé par GEORGES CANDILIS, ALEXIS JOSIC et SHADRACH WOODS. Ils vont suivre les concepts théoriques des SMITHSON. Par exemple, dans leurs études d'édifices, l'architecture n'est pas représentée, seules le sont les fonctions qui s'y déroulent. Ils développeront le concept de "Centre-Linéaire" qui concentre des activités réparties le long d'un centre étiré. Ils cherchent à s'adapter au territoire existant tout en utilisant le vocabulaire du "réseau" : la connexion, l'inter-relation, la connectivité... Peu à peu, dans la statique constructive inévitable de l'architecture, apparaît le thème de la Mobilité dans une échelle de grande dimension qui préfigure la naissance du courant mégastructuraliste.

Le TEAM 10 a marqué la réaction aux Grands-Ensembles et sera bientôt rejoint par les sciences humaines. Ils ont combattu la modernité progressiste qui ne prenait en compte que des fonctions quantifiables, mesurables, objectives et matérialistes. Le Grand-Ensemble réalisait le concept de l'habitat pur en excluant le concept de l'Habiter, en interdisant toute plasticité de l'espace et tout modelage de cet espace par l'habitant (LEFEBVRE, 1962). Les quantités d'études réalisées pour répondre aux nécessités du quotidien ont été orientées vers le fonctionnel et les résultats des analyses ont amené à distinguer et à séparer définitivement les Lieux et les habitants. Alors que ces habitants sont déjà majoritairement des transplantés et pour la plupart déjà des déracinés, ils se retrouvaient désormais sans passé et sans futur possible. C'est l'abstrait qui rentre dans le vécu (LEFEBVRE, 1962). C'est ici que réside la base de l'échec des Grands-Ensembles et plus tard celui des Villes-Nouvelles. Issues des concepts Classiques et Cosmiques situés dans l'Élément Ciel, ces réalisations qui sont figées dans l'esthétisme moderne, sont le symbole du pouvoir sur la Nature qui laisse l'Homme impuissant devant lui-même. Une rupture qui, comme l'a déjà démontré la dissertation, s'est avérée fatale pour l'épanouissement de l'Être dans l'Habiter.

La critique radicale de la philosophie de la ville progressiste, issue du Modèle de la cité idéale grecque, est indispensable tant sur le plan théorique que sur le plan pratique. Il faut tendre vers un nouvel humanisme, vers une nouvelle praxis et un Homme autre, celui de la société urbaine où l'Habiter doit reprendre sa place au-dessus de l'Habitat (LEFEBVRE, 1962). Selon lui, il y a urgence à transformer les démarches et les instruments intellectuels : « *il y a un besoin d'utopie.* » C'est par un nouveau retour aux mouvements d'avant-garde modernes²⁹ qu'il sera possible d'émettre des programmes adaptés aux nécessités et de réactiver l'utopie qui, rappelons-le, a toujours porté la modernité. L'avant-garde, va ainsi s'orienter vers l'humanisme et va reprocher à la modernité progressiste d'avoir d'une part, changé le monde occidental en spectacle et d'autre part, d'avoir rendu les individus totalement passifs. En se reconstituant dès 1960 à l'échelle mondiale (dans les territoires influencés par l'occidentalisation), les avant-gardes proposent des projets urbanistiques prospectifs très poussés, sans se soucier de leur potentiel de réalisation immédiate. L'objectif principal est de ré-inventer la ville en usant d'une théorie intégrale de la ville et de la société urbaine, qui utilise les ressources de la science et de l'art (LEFEBVRE, 1962). Il propose de restituer le sens de l'Œuvre, portée par l'art et la philosophie, le Temps et l'Appropriation. L'avant-garde cherchera donc à mettre l'Art au service de l'urbain. Comme dans le Modèle de la ville traditionnelle, la ville d'avenir devra proposer le thème de la ville comme "Œuvre d'Art". La première grande tendance sera de proposer l'idée de la "ville éphémère". Afin de rompre avec l'idée traditionnelle de la transmission de l'héritage culturel, cette ville serait une œuvre perpétuellement attachée au temps présent et serait réalisée par des habitants eux-mêmes devenus mobiles. Le grand thème de la Mobilité allait rentrer dans la conception des villes de la modernité par l'emploi de l'utopie.

Les Villes-Nouvelles :

En 1959, ANDRÉ MALRAUX, ministre français de la Culture sous la présidence de CHARLES DE GAULLE, visite le chantier de Brasília, la nouvelle capitale du Brésil. Profondément marqué et confiant, il honore la capitale d'être un Modèle progressiste qui répondrait d'une manière formidablement adaptée, aux nouveaux besoins de la société

²⁹ Pour Henri Lefebvre, l'avant-garde moderne a disparu de 1930 à 1960.

occidentale. En ce sens, le ministre ne se limite pas seulement au Pays qu'il représente officiellement, mais appuie son insertion dans une culture qui englobe un territoire ample et composé de différents Milieux naturels :

Dans cette ville surgie de la volonté d'un Homme et de l'espoir d'une nation comme les métropoles antiques surgies de la volonté impériale de Rome ou des héritiers d'Alexandre, le palais de l'Alvorada que vous édifiez, la cathédrale que vous projetez apportent quelques-unes des formes les plus hardies de l'architecture, et devant les maquettes de la Brasília future nous savons que la ville entière sera la plus audacieuse qu'ait conçue l'Occident. [...] Il est temps de comprendre que ce qui commence à s'élever devant nous, c'est la première des capitales de la nouvelle civilisation. Car ici vont apparaître les premières grandes perspectives de l'architecture moderne. Ce qui veut dire que cette architecture debout va subir une métamorphose fondamentale. C'est la reconquête du gratte-ciel par le soleil, c'est avant tout la résurrection du lyrisme architectural né avec le monde hellénistique qui faisait rêver César à Alexandrie. Cette Brasília, sur son plateau géant, c'est un peu l'Acropole sur son rocher. Salut, capitale intrépide qui rappelle au monde que les monuments sont au service de l'esprit. (ABRAM, 1999, p.279)

En se référant clairement au classicisme des antiquités grecques et latines, c'est-à-dire à l'Élément Ciel triomphant, pour définir l'urbanisme et le chemin de la société civile occidentale et française, ANDRÉ MALRAUX participera à perpétuer l'idée de l'urbanisme moderniste progressiste dans la politique de construction à grande échelle soutenue par l'État. Par ce choix officiel de la fascination pour l'antiquité, les courants utopiques qui étaient opposés à ces références, étaient exclus d'office de l'orientation nationale de la politique urbaine française. Ce discours officiel à l'échelle de la ville intervient au moment où, dans la réalité urbaine française, le Grand-Ensemble qui agissait à l'échelle du quartier, n'arrivait plus à absorber et à résoudre les maux de la ville. Une nouvelle échelle d'intervention était nécessaire. Nous passons alors, du Grand-Ensemble à la Ville-Nouvelle. On ne raisonne plus en terme de logements mais en nombre d'habitants : de 30.000 à 100.000 habitants dans un Grand-Ensemble, on passe à 300.000 ou 1.000.000 d'habitants dans une Ville-Nouvelle. En France, en 1964, cinq années après la visite d'ANDRÉ MALRAUX au Brésil, sera initiée la politique urbaine d'État des Villes-Nouvelles. La structure urbaine est révisée dans des perspectives d'évolution sur plusieurs générations. Un tel changement d'échelle s'est imposé comme le seul moyen de dépasser le problème d'habitat pur du Grand-Ensemble isolé. Pour cela, sont créés des centres nouveaux, aptes à assumer ce que les citoyens d'alors attendaient de la ville. Dans un premier temps, les Villes-Nouvelles vont concerner principalement la

région parisienne. Le Plan élaboré en 1964 par l'Institut d'Aménagement et d'Urbanisme de la Région Parisienne (IAURP) et fondé sur des prévisions économiques et sociologiques précises, anticipait une évolution sur 35 à 40 ans. Selon JOSEPH ABRAM, la solution des Villes-Nouvelles permettait de faire face aux problèmes les plus urgents de la capitale et de sa banlieue. Mais, le passage de l'échelle du Grand-Ensemble à celui de la Ville-Nouvelle, a également transféré le problème de l'Habiter dans une plus grande dimension. Cependant, il était désormais possible de raisonner et de trouver des solutions à l'échelle d'une ville entière et non plus au niveau de l'îlot ou du quartier. Dorénavant, la ville pouvait alors s'appréhender et se penser dans sa globalité. Durant les années 1960, l'outil de production d'une ville dans sa globalité était devenu possible du point de vue politique, législatif et technique.

3.2 L'urbanisme prospectif après 1960, visionnaire et mégastructuraliste.

Face à la nouvelle échelle, l'adaptation des moyens empiriques ne suffit plus à apporter des solutions et seule la théorie, représentée par la prospective et l'utopie, peut prendre en compte le problème dans sa globalité. Face à l'échec de l'Habiter, l'architecture visionnaire va matérialiser la nécessité du retour à l'utopie. Le choix apparaît donc avant tout comme politique, économique et social, car les matériaux nouveaux sont là, susceptibles d'innombrables adaptations, et les techniques de construction peuvent évoluer jusqu'à rendre possible ce que l'on considérait il y a un demi-siècle, comme irréalisable. Désormais, le chemin de la prospective architecturale est ouvert. Les propositions des architectes prospectifs, dont les recherches s'orientent vers les notions de logement de masse, de mobilité de l'habitat et de conquête des espaces disponibles, vont se rendre réalisables de par la généralisation des techniques constructives du gigantisme. Cependant, toutes les recherches ne sont pas du pur esprit prospectif et il faut distinguer l'architecture fantastique de l'architecture visionnaire qui demeure essentiellement fondée sur le possible et le réalisable. Toutefois, la plupart des théories présentées ont en commun de se référer à une architecture spatiale diamétralement opposée à l'architecture statique pratiquée des origines à nos jours.

Durant les décennies 1950-1960, le monde occidental est en pleine expansion démographique, économique, scientifique et technologique. C'est dans un tel contexte que se sont dessinées toutes les Mégastructures urbaines durant une partie de cette période. Ces dernières, dont les dessins sont apparus nombreux aussi bien en France, qu'en Europe, qu'aux États-Unis et au Japon, sont une des formes de l'utopie technologique et de l'imagerie technocratique du XXe siècle. La Mégastructure, c'est l'utopie de la "Ville Linéaire" à laquelle rêvait LE CORBUSIER. Une ville serpentant en rubans sur toute l'écorce terrestre, une ville mondiale franchissant les anciennes frontières et les continents. L'utopie de la Mégastructure rejoint ici une utopie mondialiste sans Lieu particulier. Tous les groupes prospectifs, à contre-courant de la production officielle et étatique, dépendent dans leur approche initiale de cet outil projectuel que représente la Mégastructure. Elle va être développée par les architectes du monde occidental et elle deviendra la base incontournable de la culture architecturale à partir de la fin des années 1950, tout en continuant à jouer son rôle d'outil urbain du modernisme. En effet, selon MICHEL RAGON, toute l'histoire de l'architecture moderne semble mue par un mythe de la Mégastructure.

Les gigantesques pavillons des Expositions universelles, depuis le Crystal Palace de Londres en 1851 à la Galerie des Machines de Paris en 1889, sont d'immenses containers destinés à promouvoir l'industrie de l'acier quant à leur structure, et la prospective des machines et des objets de la machine quant à leur contenu (RAGON, 1985, p.74).

En tant que réaction et comme nouvelle orientation pour la continuité de l'urbanisme moderniste progressiste, suivant les pas du TEAM 10, l'objectif de la Mégastructure est de chercher et de proposer des solutions prospectives aux maux de la ville. Face à l'explosion et à l'étalement urbain incessant de la modernité progressiste, elle est une réponse urbaine à la volonté du pouvoir politique et économique. Face à la tendance totalitaire qui s'affirmait partout dans le monde occidental et qui conduisait aux mégalostructures, les Mégastructures s'assumaient donc comme une marque du contre-pouvoir à une échelle adaptée. Cependant, elles poursuivent l'imaginaire moderniste et elles vont minimiser l'Élément Terre, tout en se projetant dans l'Élément Ciel. Du point de vue formel, les Mégastructures urbaines des architectes et urbanistes prospectifs, ambitionnaient toutes de créer des sols artificiels³⁰ et de conquérir en hauteur ce qu'elles se refusaient à laisser faire en largeur (cf. problème de

³⁰ YONA FRIEDMAN proposait de quitter définitivement le sol naturel. Même l'agriculture serait transférée dans la Mégastructure.

l'étalement urbain). Avec les Mégastructures, le contact avec le sol terrestre ne serait plus que technique et structurel, à défaut de pouvoir encore s'en passer. Elles proposent une spatialité dure et compacte, elles se referment sur elles-mêmes afin de se défendre de toute excroissance similaire à la banlieue en extension permanente. Et surtout, elles incluent de la Mobilité à l'intérieur. Dans la Mégastructure tout est mélangé, toutes les fonctions sont rassemblées, il n'y a pas de zoning. Nous sommes ici dans l'adéquation parfaite avec les fiches des caractéristiques des Milieux naturels et avec les fiches des perceptions réelles et symboliques des Milieux naturels sud-occidentaux et du sud-est extra-occidental (cf. Annexes B et C). Dans cette logique du Classique et du Cosmique, certaines Mégastructures pourront même se déplacer dans le Ciel, ce qui serait sans doute l'idéal et absolument logique lorsque l'on considère leur concept issu de l'Élément Ciel absolu.

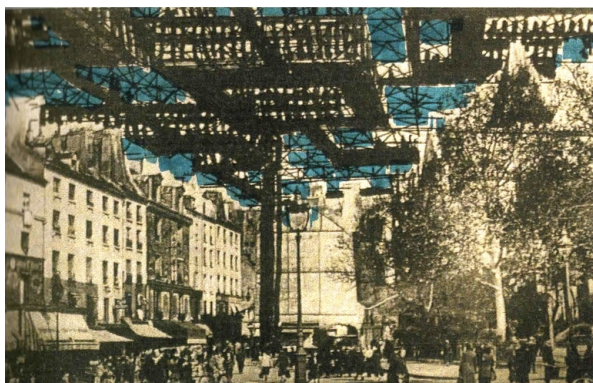


Illustration 14:
"Paris Spatial" de YONA FRIEDMAN, 1959.
 Source : DOMINIQUE ROUILLARD.

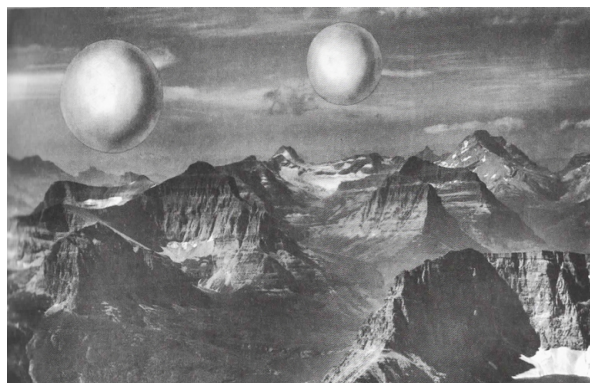


Illustration 15:
"Clouds Manufactured" de RICHARD BUCKMINSTER FULLER, 1968. Source: DOMINIQUE ROUILLARD.

3.3 L'urbanisme de la Mobilité totale. La ville comme Œuvre en mouvement.

Depuis le CIAM 10 de 1956, la question de la Mobilité est au centre de nombreux débats, notamment liés à la conscience d'un rythme de vie accéléré et d'une progressive dématérialisation de certaines opérations quotidiennes. L'architecture mobile ne signifie pas la mobilité des constructions en leur totalité, mais leur disponibilité permanente pour tous les usages d'une société mobile. Celle-ci se caractérise par le développement de l'utilisation des nouveaux matériaux industriels dans l'architecture domestique et les emprunts théoriques et formels aux médias et à la société de consommation. Cette question de la Mobilité intéressa particulièrement les jeunes intellectuels de la "Nouvelle Gauche" alors naissante et celui d'un monde sans frontières, donc universel, "l'Internationalisme". L'époque des Mobilités allait en finir définitivement avec la traditionnelle sédentarité, l'immobilisme et l'appartenance à un Lieu singulier. Dans un premier temps, la Mobilité allait se concrétiser à travers "l'architecture participative", une architecture plus ludique qui implique l'habitant dans la phase de construction. Elle lui permet d'être autonome et de ne pas s'installer dans un confort dit "capitaliste". Dans un deuxième temps, l'habitat allait pouvoir réellement se déplacer à travers la création des unités d'habitation mobiles et permettre à l'Homme de se défixer concrètement. Le concept de nomadisme se tournait réalité.

La réflexion engagée sur la Mobilité de l'architecture amena de nombreuses questions, dont celle de la légitimité future de la ville solide et durable. Les architectes vont proposer des projets à l'échelle d'une ville entière en se basant sur le principe du changement permanent. En effet, selon eux, les rapides modifications sociales et la consommation de masse, obligent à requestionner la conception de la ville. En France, le Groupe d'Étude d'Architecture Mobile (GEAM) est créé par YONA FRIEDMAN dès 1958. La réflexion des membres du GEAM consistait à envisager une ville dans laquelle les fonctions séparées par la Charte d'Athènes seraient réintégrées et repensées afin d'améliorer la communication et la circulation urbaine. Mais le principe fondateur qui marqua l'originalité de leur approche, consistait à ne plus percevoir l'habitant comme un "Homme standard", en comparaison au Modulor de LE CORBUSIER, mais comme un acteur impliqué dans les choix constructifs : dorénavant, ce serait l'architecture qui devrait s'adapter à l'Homme et non l'inverse. Toutefois, les multiples

modifications et migrations des individus qui matérialisent le concept de Mobilité ne vont pas au-delà la cellule habitable privée. Dans cette voie de la prospective urbaine qui traite de la Mobilité, la France occupe une place très active. Après le GEAM, est créé en 1965, le Groupe International d'Architecture Prospective (GIAP) à l'initiative du critique MICHEL RAGON avec la participation active de YONA FRIEDMAN, WALTER JONAS, PAUL MAYMONT, GEORGES PATRUX, MICHEL RAGON, IONEL SCHEIN, et NICOLAS SCHÖFFER.

La "New Babylon" :

HENRI LEFEBVRE se réfère à l'organisation de l'International Situationniste³¹, pour éclairer la pensée urbaine de son époque orientée vers la Mobilité. Selon lui, les Situationnistes pensent à l'Œuvre, mais à travers elle, ils pensent à la ville. L'objectif est de retrouver la conception de celle-ci comme une Œuvre collective à travers la valeur d'usage. Elle serait un Lieu qui implique une façon de vivre et la participation de ses habitants. Ainsi, elle engloberait le spectacle et elle serait irréductible à ce dernier. Pour HENRI LEFEBVRE, une ville crée des "situations" et c'est dans le cadre du milieu urbain que peut s'exercer l'activité créatrice qui produit de ce fait un style et une façon de vivre. Il souhaite renouer avec l'usage ludique de la ville et avec les formes de participation pour faire des habitants un collectif actif.

Le projet urbain mégastructuraliste de "New Babylon" est issu des réflexions du peintre hollandais CONSTANT NIEUWENHUYNS (dit CONSTANT) qui dès 1956, en France, y consacre près de vingt ans d'abord au sein de l'Internationale Situationniste, puis en solitaire. Par son échelle, son ambition et le fait de mettre en avant l'habitant, le projet peut être rapproché des propositions mégastructuralistes de YONA FRIEDMAN, mais il comporte néanmoins une différence fondamentale qui est celle de considérer que tout acte individuel entre dans la sphère publique. Ainsi, c'est toute la structure du projet urbain dans lequel vit le groupe social qui réagit aux actions individuelles. La Mobilité de "New Babylon" est totale et

31 L'Internationale Situationniste était une organisation révolutionnaire désireuse d'en finir avec le malheur historique, avec la société de classes et la dictature de la marchandise, se situant dans la filiation de différents courants apparus au début du XXe siècle. L'un des principaux objectifs de l'Internationale situationniste, dont le document fondateur « *Rapport sur la construction de situations* » a été rédigé par le français GUY DEBORD en 1957, était l'accomplissement des promesses contenues dans le développement de l'appareil de production contemporain et la libération des conditions historiques, par une réappropriation du réel, et ce dans tous les domaines de la vie. Le dépassement de l'art fut son projet originel.

dépasse conceptuellement les propositions de YONA FRIEDMAN. Les multiples modifications et migrations constantes des individus, ont une influence qui agit sur la structure de l'ensemble. Les seules frontières consenties sont celles des "secteurs" destinés à proposer les équipements sociaux nécessaires, mais ces derniers apparaissent connectés et dynamiques. CONSTANT propose une nouvelle qualité de vie à l'Homme de demain. Selon lui, il serait bon pour l'Homme de pouvoir vivre au quotidien dans la fantaisie, dans l'impromptu, dans le brouillage des références, dans l'indétermination et le mouvement : il serait bon qu'il ait une vie ludique et créative dans chacun des actes de sa vie.

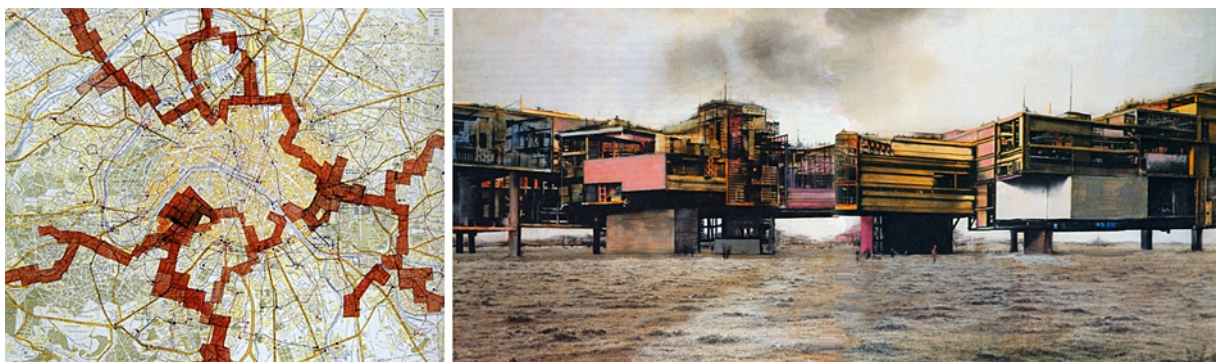


Illustration 16:

CONSTANT, "*New-Babylon*". Développement territorial cartographique et perspective.

Élaboration personnelle. Source: Lebbeuswood wordpress + laboratoire de l'urbanisme insurrectionnel.

En ce qui concerne le rapport à la Nature, CONSTANT imagine une ville sociale qui rapprocherait les Hommes les uns des autres. À l'inverse des villes modernistes qui divisent les Hommes par de grands espaces verts, il imagine une construction spatiale continue, dégagée du sol et qui comprendrait les groupes de logements ainsi que les espaces publics. Comme son nom l'indique, en se référant au nom de la ville antique de "*Babylone*", CONSTANT cherche à représenter un idéal universaliste où tous les Hommes seraient unis en un seul peuple, sans distinctions d'origines et sans frontières. En dégageant volontairement la "*New-Babylon*" du sol, il nie consciemment l'Élément Terre. En la développant totalement au niveau de l'Élément Ciel, dans une contemporanéité absolue et dans un temps présent permanent, il retire à son projet urbain toute trace culturelle historique. La Terre ne peut plus jouer son rôle traditionnel de représentation, d'orientation et d'identification de l'humanité. L'Habiter est dans un "ailleurs" et dans d'autres critères de référence que ceux définis par le QUADRIPARTI. CONSTANT cherche à produire la ville comme une Mégastructure à l'échelle du paysage, en

luttant avec ce dernier. Il décompose l'espace urbain en plusieurs strates et isole la ville du Milieu naturel pour que ses habitants puissent imaginer et construire la ville de leur rêve sans contraintes. Son épaisseur et ses dimensions permettent une isolation totale et orientée vers l'intérieur de la Mégastructure, niant tout rapport avec l'extérieur. Il y a dans le projet de CONSTANT une volonté de renier le Milieu naturel, il cherche même à le substituer entièrement par l'artificialité. Il cherche ainsi à soumettre le climat, l'éclairage, le bruit des espaces intérieurs à la volonté de l'Homme. L'ensemble forme un paysage artificiel et surélevé qui rejette toute référence au sol. Quant à la manière d'évoquer du point de vue graphique ce rapport, la représentation cartographique et orthométrique va se substituer d'une part, à la perspective et d'autre part, va nier la réalité naturelle et paysagère selon le traditionnel point d'observation à hauteur humaine. Bien que la "*New-Babylon*" se développe sur le territoire français, c'est-à-dire dans les zones nord-occidentales, ses références sont totalement Cosmiques et sans aucun rapport avec le Milieu naturel Local.

L'influence de CONSTANT sur ses contemporains nationaux et internationaux prospectivistes est importante. Par exemple, en Angleterre, les membres du Groupe ARCHIGRAM développent l'idée d'un Homme nomade qui mène une vie dynamique et ludique dans des villes mouvantes, telles les "*Walking Cities*" développées par RON HERRON dès 1964. Mais, c'est surtout en Italie, à travers le Groupe SUPERSTUDIO alors influencé par le concept "d'urbanisme unitaire"³² de l'Internationale Situationniste, que l'influence de CONSTANT sera la plus extrême et donc la plus révélatrice de l'essence même de l'Atopisme qui imprègne l'urbanisme moderniste progressiste. Ainsi, dans ce chapitre qui traite de l'Habiter et du Lieu à travers les réactions internes au mouvement moderniste sur la zone nord-occidentale et plus particulièrement en France, la dissertation inclut l'étude de l'œuvre du Groupe SUPERSTUDIO. Mais pourquoi inclure un groupe italien alors que le sujet traite du contexte français ? D'une part, ce groupe représente l'aboutissement des concepts de CONSTANT. Ainsi, nous avons une vision la plus claire possible de ce que serait l'aboutissement de la pensée moderniste en France. D'autre part, la Mobilité internationale ne se réfère à aucun Lieu terrestre en

32 L'urbanisme unitaire est le projet d'art intégral situationniste, élaboré à partir de la critique avant-gardiste de l'art moderne. Pour les situationnistes, il ne s'agit plus de produire, à partir d'expressions poétiques individuelles (tableaux, dessins, sculptures) des spectacles passifs, dont l'art moderne a montré l'échec. Il s'agit au contraire, de construire des zones d'ambiances dans lesquelles les individus qui les traverseront seront des "viveurs" et non plus des spectateurs passifs. Source : Archivesautonomies.

particulier puisque son territoire³³ est l'Élément Ciel, en ce sens le projet urbain ne dépend pas d'un Milieu naturel spécifique. La dissertation considère que leur conception de la Mobilité est l'aboutissement du concept du nomadisme pur que le modernisme progressiste portait en lui dans ses rapports Terre/Ciel Classiques et dans ses références au sacré Cosmique. En faisant ressortir l'absolutisme de l'Élément Ciel, universel, homogène, géométrique et abstrait qui est contenu dans leurs projets, la dissertation tente de définir et de montrer l'âme qui anime le modernisme progressiste.

33 Dans le cas du territoire du Ciel, nous pourrions employer le terme de "cielitoire". En étymologie, il se compose de la racine "ciel" et du suffixe latin "orium", qui est un suffixe locatif.

3.4 Superstudio et l'utopie négative : l'Atopisme L'aboutissement progressiste du cas français

Le Groupe avant-gardiste SUPERSTUDIO est fondé à Florence, en Italie, en 1966. Mené par ADOLFO NATALINI, il a questionné le rôle de la Mégastucture et par conséquence les principes du TEAM 10. Ainsi, il a rejeté les fondements de la pensée prospectiviste qui devait guider le modernisme progressiste vers une nouvelle voie. Selon DOMINIQUE ROUILLARD, la critique "radicale" italienne a généré des images totalement neuves, en manipulant à l'excès les traits architecturaux et formels du rationalisme moderne et en jouant avec les concepts de villes linéaires continues et d'urbanisme indifférencié. L'approche radicale ne propose pas une rupture avec la ville moderniste progressiste, mais elle en amplifie ses spécificités. Pour le Groupe SUPERSTUDIO, la ville moderniste est aliénante, elle est déjà l'utopie réalisée, donc il va refuser de rechercher la forme de la ville adaptée pour le futur. Par l'adoption d'une posture contraire, il propose un ensemble unifiant et universel qui règle tout. Il va s'orienter vers une production négative et proposer des projets qu'il espère ne jamais voir réaliser. En cela il tente d'anticiper, via une vision "prophétique", le futur du modernisme progressiste s'il devait se poursuivre dans sa trajectoire d'alors.

Le Groupe SUPERSTUDIO se réfère aux mouvements américains du pop-art, de l'objet répété, convaincu du rôle suprême des objets dans la société occidentale. L'architecture va passer d'une logique de production à une logique de consommation. Toutes les références du groupe incluent donc un "ailleurs" déterritorialisé, tant dans leur référence outre-Atlantique que dans l'objet produit en série et consommé universellement. Leur hypothèse est que le Modèle moderniste progressiste anéantirait l'Homme et son monde. Ainsi, il propose la fin de ce Modèle par l'usage extrême des critères qui le composent. Il cherche à révéler le défaut du Modèle qui lie le capitalisme à l'architecture fonctionnaliste et aliène le citoyen occidentalisé. Pour donner forme à leur théorie, le Groupe SUPERSTUDIO va s'opposer à la théorie moderniste qui liait encore le projet à l'utopie. Par l'usage de l'utopisme négatif, il accepte la situation réelle et considère que l'utopie est dans la réalité. Ainsi, il cherche à amplifier la réalité. Il met en œuvre le fonctionnalisme à partir des objets issus de la technologie ou de la grande consommation et par une identification de l'architecture aux objets, il propose une utopie anti-futuriste et techniquement optimiste. Désormais, la représentation du monde par l'architecture est inutile et en s'autodétruisant elle-même, elle deviendra invisible et virtuelle.

Évolution du Modèle progressiste :

Le "*Monument Continu*" projeté en 1969, est continu dans sa construction ininterrompue car son Modèle est cartographique et se présente comme une grille tridimensionnelle à l'orientation céleste stricte. Il est une métaphore d'une disparition de l'architecture et des villes de la surface de la Terre dans une seule et même enveloppe, comme un signe urbain muet. Comme continuité de l'idée de la Mégastructure et de la poursuite de la "*Ville Linéaire*" de LE CORBUSIER, le "*Monument Continu*" est la version extrême de cette dernière dans une continuité totale et dans une échelle cartographique, comme le concevait CONSTANT dans la "*New Babylone*", mais à une échelle de densité supérieure. Il met en forme le monde entier en proposant un Modèle architectural pour une urbanisation totale (ROUILLARD, 2004). Les concepts du « *Monument Continu* », qui se poursuivront en 1971 dans le projet des « *12 Villes Idéales* », réussissent par une hyper-rationalité et en adoptant le langage le plus épuré et le plus strict de la modernité, à détruire le système qui les produit. En offrant la vision d'un monde irrationnel, l'architecture et la ville sont indifférentes aux Milieux naturels et aux cultures pré-existants qu'elles traversent. L'espace machiniste est reproduit à l'infini sur un module standard. Il en résulte un méga-monument qui est une métaphore de la disparition de l'architecture et des villes de la surface de la Terre.

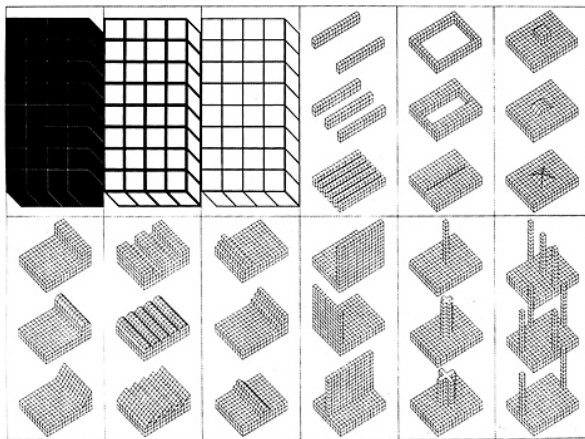


Illustration 17:
SUPERSTUDIO, le "*Monument Continu*", 1969.
Géométrisation universelle. Source : Moodmoods.



Illustration 18:
SUPERSTUDIO, le "*Monument Continu*", 1969.
Recouvrement abstrait. Source : Moodmoods.

La ville, réduite à une architecture appauvrie à l'extrême, devient un objet fermé et immobile qui ne renvoie à rien d'autre qu'à lui-même et à l'usage de la raison. Par la suppression de la forme externe, le projet devient répétitif et l'urbanisme continu. Par la forme

du motif infini et impassible de la grille géométrique euclidienne et purement Cosmique, la surface devient neutre et isotopique. Le plan devient homogène et le décentrement amène à la dissémination totale, par l'usage des bandes continues, illimitées, étanches et superposées qui marquent ainsi une artificialité et une réduction architectonique maximale. Les façades lisses, impassibles, indifférentes, miroitiques et acérées, tranchent indifféremment la Terre et ne reflètent que le Ciel, en multipliant à l'infini la présence et la référence à cet Élément. C'est le triomphe de l'architecture Cosmique inspirée des Milieux naturels proche-orientaux du sud-est extra-occidental.

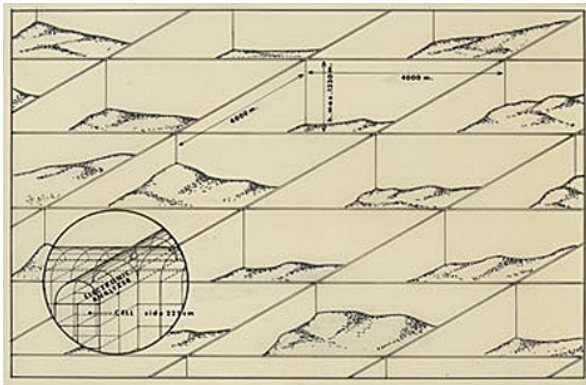


Illustration 19:
SUPERSTUDIO, les "12 villes idéales", 1971.
Géométrisation universelle. Source : Frac-centre.

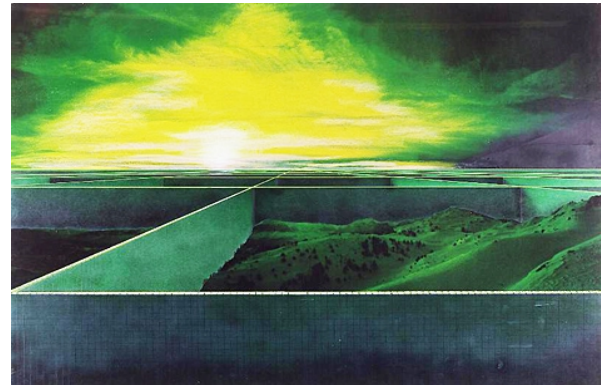


Illustration 20:
SUPERSTUDIO, les "12 villes idéales", 1971.
Recouvrement abstrait. Source : Centre Pompidou.

Dans le "*Monument Continu*", l'Homme est réduit à l'intériorité permanente, l'extérieur ne lui est plus accessible et ne lui est plus nécessaire. L'édifice lui offre tous ses besoins dans des espaces éclairés artificiellement et totalement climatisés qui représentent la "*machine à habiter*" de l'architecture moderniste progressiste. Les Hommes vivent dans des cellules identiques et sont totalement coupés du monde extérieur par l'enfermement entre des murs lisses, brillants, fragiles, immatériels, dans le silence et dans un espace vidé de tout qualitatif. La non-stimulation de ses sens y est totale. Finalement, le Groupe SUPERSTUDIO propose une ville muette, close sur elle-même, totalement introvertie. En cela, il illustre les effets des Milieux naturels du sud Classique et Cosmique sur l'Homme qui, en conséquence, recherche une forte intériorité close de murs et sans lien avec l'extérieur, comme le décrit la fiche des influences des Milieux naturels sur l'Homme (cf. Annexe F). Dans ce volume intérieur, le temps se déroule selon une polychronie où plusieurs activités se réalisent en un même temps et dans un même espace. En se fermant sur elle, la ville oblige les Hommes à se regrouper selon une collectivité forte, dans l'idée de l'appréciation de la foule dense. Le Groupe

SUPERSTUDIO favorise l'intériorité urbaine en se coupant des Milieux naturels. La Nature est devenue inutile, le but est de quitter la terre nourricière (ROUILLARD, 2004). De la sorte, il rend visible la fracture totale entre l'Homme et l'Élément Terre et démontre que ce but était celui qui était clairement inscrit dans l'urbanisme moderniste progressiste.

Dans la poursuite de leurs concepts, il projette en 1971 la "*Supersurface*". Elle est la forme ultime du passage de l'espace architectural urbain à la surface et à l'étalement selon la théorie du design unique. Le Groupe SUPERSTUDIO imagine un réseau d'énergie et d'information qui s'étend sur le traditionnel sol naturel³⁴ et habitable, selon une grille homogène, isotrope et neutre. Dans l'idée de représenter la quintessence du modernisme progressiste à travers ses caractéristiques de capitalisme et de consommation de masse, la conception et la représentation des produits se fait indépendamment de leur échelle, de leur usage, que ce soit un édifice ou un objet, par l'usage de la trame géométrique unique. La société occidentale et le phénomène croissant de l'occidentalisation, sont représentés par la surface développée et anonyme d'une grille, comme une forme d'universalité et de réduction formelle maximale du monde ramené à un simple objet, Nature incluse.



Illustration 21:
SUPERSTUDIO, "*Happy Island*", 1971.
Source: pinterest.



Illustration 22:
SUPERSTUDIO, "*Supersurface*", 1971.
Source: laboratoire de l'urbanisme insurrectionnel.

³⁴ Il faut remarquer que le Groupe SUPERSTUDIO propose ici des sols artificiels dans des paysages qui indiquent un climat naturel particulièrement aride. Lorsqu'il projette des villes telles que le "*Monument Continu*" ou les "*12 Villes Idéales*", il s'insère dans des Milieux naturels qui semblent encore assez proches des caractéristiques occidentales moyennes. Mais à partir de l'avènement du sol artificiel tels que "*Happy Island*" ou "*Supersurface*", il semble s'orienter exclusivement vers les Milieux naturels désertiques où règne l'Élément Ciel.

Dans un premier temps, le sol naturel est recouvert par un sol artificiel à la géométrie rigide et non paysagère qui reflète et réfléchit le Ciel tel un miroir. Le Ciel s'y réfracte et le dématérialise d'autant plus. Le sol disparaît totalement en tant que tel et l'absence d'ombre projetée, malgré la présence du soleil dans les images, démontre sa dématérialisation. Il en résulte des images de projets où plus de 80 % de celles-ci y représentent le Ciel. Dans un deuxième temps, le sol artificiel est supprimé et seule reste la trame. Le sol naturel réapparaît et est infiltré par la trame homogène qui est devenue un réseau technologique constitué de lignes et de points. C'est une grille d'énergie et d'information qui se développe en continu sur l'intégralité du territoire et qui uniformise l'ensemble des terres. La grille est ce à quoi se réduit le monde habité. Le Groupe SUPERSTUDIO y propose un urbanisme de réseaux, sans forme, une technologie sans image, un support de substitution, ni tout à fait naturel, ni manifestement technique. Il poursuit l'utopie du nomadisme des années 1960 en mettant l'Homme à nu, libéré de la tyrannie des objets et du travail et ce, en tout point du territoire occidentalisé. Progressivement, l'Homme redevenu libre, quitte sa condition naturelle et devient cyborg. Sa physiologie naturelle s'est modifiée comme l'avaient énoncé et démontré GEORGE SIMMEL et EDWARD TWITCHELL HALL. Ce nouvel Homme est désormais libre et mobile, mais, il est devenu totalement dépendant de la technologie. Selon ADOLFO NATALINI, avec la "*Supersurface*", la seule architecture sera notre vie (ROUILLARD, 2004).

Le Groupe SUPERSTUDIO va encore au-delà des principes de la Charte d'Athènes. Leurs villes ne sont même plus isolées du paysage naturel, elles l'ignorent. Par conséquent, le Lieu ne peut pas apparaître puisqu'il est coupé du Milieu naturel d'inscription. D'autre part, l'utopie négative remplit le monde, puis l'urbanisme moderniste progressiste se détruit car il n'a plus de territoire à conquérir. Il démontre ainsi le caractère auto-destructeur de ce Modèle et de cette sorte, il met fin à la Charte d'Athènes après l'avoir poussée au maximum de son discours. Pourtant héritier de la lignée prospectiviste du mouvement de la Mobilité, il ne tiendra pas compte des propositions de ses aînés philosophes et sociologues, tels que HENRY LEFEBVRE ou GUY DEBORD, ni de ses aînés concepteurs et artistes tels que les membres du GEAM ou encore le peintre CONSTANT. Leur but était de dépasser leurs aînés et de clore le chapitre du modernisme progressiste. Car, pour le Groupe SUPERSTUDIO, le modernisme progressiste, dans son essence, ne permet pas à l'Homme d'Habiter. L'analyse par le QUADRIPARTI nous a révélé la faillite de ce Modèle.

3.4.1 Analyse de Superstudio selon le Quadriparti

Sauver la Terre, accueillir le Ciel :

Dans son rapport à l'Élément Terre, le Groupe SUPERSTUDIO ré-emploie l'abstraction issue de la Charte d'Athènes, où le sol est entendu comme un simple Topos, un support, un espace libre, une surface pour recevoir une activité. La topographie n'est jamais prise en compte. Dans leurs propositions, le sol va dans un premier temps être nié, puis va devenir une abstraction absolue et il sera même artificialisé en recevant une hyper-technologisation tel l'Homme qui est devenu cyborg. Le modernisme progressiste absolu est poussé à l'extrême. Nous sommes dans des caractéristiques où après avoir annulé l'Élément Terre, seul l'Élément Ciel est développé, en référence à la Charte d'Athènes qui présente le Soleil comme le premier matériau de l'urbanisme. Cependant, la lumière choque et se réfléchit à 100 % sur les arêtes vives et sur les plans orthogonaux miroitiques qui marquent un horizon sans cesse fuyant, en suivant un système mathématique et géométrique abstrait et infini. Le mur imposant et homogène, qui est la caractéristique constructive du climat du Sud, assure seul la relation Terre/Ciel de l'édifice, quelle que soit son échelle. Mais, chez le Groupe SUPERSTUDIO, si le mur est homogène sur toute sa surface, il trahit son devoir de par sa propre matière. En effet, la vitre transparente, fine et réfléchissante, représente davantage une disparition et une dématérialisation par effet de miroir, où finalement le Ciel s'y auto-réfléchit et ne dialogue plus qu'avec lui-même. Le Ciel reste donc le seul Élément omniprésent.

Toutefois, d'un point de vue géographique, le Groupe SUPERSTUDIO semblerait adhérer formellement aux caractéristiques Classiques, adéquates au climat occidental méditerranéen italien et caractéristique de modernisme progressiste. Il semble cohérent entre sa culture et son Milieu naturel. Cependant, lorsqu'il pousse à l'extrême les concepts de l'abstraction et de l'universalisme qui sont issus de la Mobilité, de l'économie et de la fétichisation des objets, il change de référence. Désormais, il se positionne dans le Cosmique pur et dans l'abstraction absolue de la géométrie qui n'est pas caractéristique de la zone géographique sud-occidentale. Si traditionnellement, l'anthropomorphisme caractérisait les architectures Classiques et Romantiques occidentales par la présence formelle ou spirituelle du corps dans la forme même de l'édifice ou de la ville, dans l'architecture Cosmique, le corps n'est pas l'objet à

considérer, la forme est transférée à des schémas géométriques immatériels. Désormais, par ce décalage de référence par rapport à leur zone culturelle, la pensée du Groupe SUPERSTUDIO n'est plus appréhensible dans le monde occidental. Lorsqu'il propose des concepts qui mêlent des caractéristiques de diverses régions du Sud et qu'il les étend à toute l'occidentalisation sans distinction de localisation, il est dans la globalité absolue. Rien ne sert alors de tenter de déceler chez lui des influences provenant des permanences culturelles traditionnelles car il ne désire aucune continuité historique. Ce phénomène d'éloignement est perceptible au sein de sa méthode de représentation. Il utilise la perspective linéaire à un point de fuite qui est la plus répandue dans le monde occidental depuis la Renaissance. En cela, le Groupe SUPERSTUDIO réemploie les méthodes Classiques de représentation. Or, en annulant tout qualitatif lié à l'espace, il nie la sensibilité à celle-ci qui pourtant, selon OSWALD SPENGLER, est le symbole de la culture occidentale. Par la suite, lorsqu'il annule l'espace et la culture qui s'y réfère, le discours s'achève. En toute logique, il suit le chemin que la modernité avait elle-même parcourue lors de son processus de développement. En s'abstrayant de son Milieu, la modernité a tendu vers l'autonomie (BERQUE, 2000). Leur architecture est anti-écouménale, hors d'échelle, autonome, sans référent et donc totalement isolée dans et par son artificialité.

Attendre les Divins :

Pour l'Homme religieux l'espace n'est pas homogène, il présente des ruptures et des cassures (ELIADE, 1988). L'Homme traditionnel définissait un espace sacré et par conséquent fort significatif et il définissait des espaces non-sacrés, sans structure ni consistance et amorphes. Quant à lui, l'Homme de la modernité est profane et en conséquence, l'espace lui paraît homogène et neutre. Quant à l'Homme moderne intense, il est athée et pour lui, l'espace est radicalement amorphe et neutre. Chez le Groupe SUPERSTUDIO, le phénomène s'amplifie davantage car l'espace disparaît. En principe, on sacralise ce qui nous est bénéfique et ce qui participe à notre vie. Or, en désacralisant la ville et l'architecture et en faisant disparaître cet ensemble, il démontre que la sacralité ne peut pas se trouver dans le Milieu naturel. Dans ses concepts, il y a une désacralisation totale de celui-ci. Lorsqu'il laisse émerger l'Homme seul et nu dans un environnement totalement nié, ce qui reste de sacré, c'est l'individu lui-même. En ce sens, le Groupe SUPERSTUDIO pousse également à l'extrême le concept du "Sujet" moderne qui, selon AUGUSTIN BERQUE, a focalisé l'Être sur le "Je" (moi je), c'est-à-dire sur l'individu seul qui erre dans l'espace abstrait infini et artificiel.

Conduire les Mortels :

Par la coupure absolue entre l'individu et l'environnement naturel, puis sa mise en relation avec l'artificiel, le "Sujet" moderne se technologise. Sa physiologie, après avoir été modifiée dans un premier temps par le modernisme progressiste, poursuit son évolution car la technologie est permanente dans son environnement désormais artificiel et totalement connecté par les réseaux de communication réels et virtuels. L'Homme a muté en cyborg qui a perdu sa condition originelle d'Être terrestre.

3.4.2 Conclusions Superstudio

Dans l'œuvre du Groupe SUPERSTUDIO, le QUADRIPARTI n'est pas pleinement accompli et aucune harmonie n'y est décelée. Le Groupe cherche à annuler le but fondamental de l'Art du Lieu qui permet d'Habiter et de faire vivre la Tranquillité par l'intégration de la Nature comme fond et comme atmosphère, afin que la présence puisse être mise en œuvre. Par l'effet de coupure chronique et profonde, le Groupe SUPERSTUDIO ne permet pas l'identification et l'orientation qui sont des moments significatifs dans l'existence de l'individu et de la communauté, dans l'acte d'Habiter. En poussant au paroxysme les dimensions techniques, technologiques, rationalistes, hygiénistes et totalement déterritorialisées des composants de l'urbanisme moderniste progressiste occidental, il anticipait l'accentuation de la coupure radicale qui allait inévitablement s'opérer entre l'Homme et l'Habiter. En se voulant universelle, extra-culturelle puis mono-culturelle, extra-géographique et homogène, la ville moderniste progressiste allait anéantir l'harmonie du QUADRIPARTI qui est nécessaire à la constitution du Lieu pour que l'Homme puisse Habiter. Le grand courant de la prospective, influencé par les arts et marqué par la Mobilité, s'achève alors sans avoir réussi à produire la ville comme une Œuvre collective en un Lieu singulier. Dans la dissertation, le Groupe SUPERSTUDIO illustre le concept pur de l'Atopisme.

3.5 Architecture-Principe et l'utopie positive : Le Topisme Une nouvelle modernité française

Le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE est fondé à Paris, en France, en 1963. Il a été mené par l'architecte CLAUDE PARENT et le philosophe et urbaniste PAUL VIRILIO. Dans une autre tendance artistique que celle de CONSTANT et de la peinture, l'architecte CLAUDE PARENT est sensible au mouvement "*Architecture-sculpture*" et perpétue ainsi la synthèse des Arts qui est la caractéristique des mouvements modernes d'avant-garde du début du XX^e siècle. Ce mouvement artistique multi-disciplinaire, recherche le détachement du fonctionnalisme progressiste dans sa version réelle ou dans sa version prospective-utopique, et recherche une nouvelle liberté d'action liée à la modernité. Le mouvement "*Architecture-sculpture*" a permis le développement d'un art plus humanisé qui produit une œuvre faite par un individu inter-disciplinaire, (le créateur, l'artiste, l'architecte...), face à l'autre pôle de l'architecture qui produisait de l'industrialisé, du standardisé.

Le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE dénonce l'aliénation de l'Homme urbain moderne et son déracinement imposé par le nomadisme inscrit dans l'urbanisme moderniste progressiste. La prospective de la Mobilité a encouragé à l'éloignement des Milieux naturels, et a encouragé le phénomène du nomadisme. L'utopie négative a amplifié à l'extrême ces particularités pour nous en montrer les conséquences, mais sans apporter de solutions. Le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, quant à lui, cherche au contraire à prévenir que pour la première fois dans l'histoire de l'humanité, le comportement collectif vis-à-vis des Milieux naturels est négatif. Et que par conséquence, l'Homme se mettrait ontologiquement en danger lorsqu'il s'éloigne ainsi du règne des Éléments naturels. N'acceptant pas cette séparation volontaire et irrémédiable, qu'engendre le système moderniste progressiste réel ou utopique, alors en pleine effervescence, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE réagit de manière singulière et engagée. De la sorte, la dissertation tente de démontrer qu'il va chercher à relier la modernité urbaine à la richesse du Milieu naturel d'inscription afin de créer un Lieu pour que l'Homme puisse Habiter dans la Tranquillité, mais aussi dans la modernité.

Critique de la réalité et de l'utopie Mobile et industrielle :

Dans un premier temps, il se positionne contre le courant prospectif mégastructuraliste de la Mobilité, ainsi que de ses dérivés utopiques, car ils mènent au nomadisme motivé par une exacerbation de l'industrialisation homogénéisante et déshumanisante. Par son rejet de la Mobilité, qui semblait incarner l'avenir du monde occidental urbain, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE critique l'industrialisation totale qui amène à la démission de l'Homme-créateur et notamment celle de l'architecte qui devient impuissant face à la force technique et abstraite de l'industrie, étrangère aux rapports ontologiques entre l'architecture et les Hommes. Le bonheur des Hommes, ou encore l'art d'Habiter, ne peut pas être dans la cellule mobile et habitable standardisée, disposée dans une mégastructure neutre industrialisée. C'est une « *fausse architecture* » qui est ainsi produite par l'addition et la juxtaposition d'éléments pré-achevés, provisoires, abstraits, inorganiques, non-hiérarchisés, désorientés et interchangeables qui constituent indifféremment, maisons, immeubles et villes. Les tendances à l'industrialisation et à la Mobilité totale mèneraient au déracinement des Hommes, à l'abstraction du sens de la ville, à la perte du rapport avec le paysage, à l'indifférence du Lieu, à la dégradation de ce dernier et à l'anéantissement d'une culture pré-existante par une culture "impérialiste" extérieure.

Le changement permanent en fonction de l'usure ou de la mode ne convient pas à une architecture. Cette optique de silo, à mutation rapide, entérine et accélère le déracinement des Hommes. [...] L'objet industriel individualisé est en architecture indifférent au Lieu. Il n'entretient pas de rapports avec le paysage : c'est de l'architecture préalable, dont le caractère passe-partout facilite la réponse immédiate, mais dégrade le Lieu qui lui sert de support : solution différenciée sans caractère spécifique. [...] Annexion d'un peuple par suppression de sa culture au bénéfice d'une culture d'apport, d'une culture extérieure, imposée et non vécue. Cette culture impérialiste n'est jamais intégrée au peuple conquis mais détruit cependant les racines de l'ancienne culture et par voie de conséquence, détruit la population soumise (PARENT, 2007, p.65-66).

Dans un deuxième temps, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE démontre que la Mobilité généralisée amène à un paradoxe : dans un environnement artificiel totalement mobile, l'Homme s'immobilise. En modifiant sa physiologie naturelle, l'artificialisation de son environnement l'éloigne de sa condition naturelle. Dans les origines du modernisme progressiste, le monde Classique propose une posture du corps humain essentiellement

statique et stationnaire. Que ce soit "l'Homme de Vitruve" ou le "Modulor", le corps humain - masculin de préférence - est toujours en position fixe et verticale. Il est statique sans jamais se référer à l'énergie du mouvement qui est « *le propre de la vie* » selon le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE. Dans la recherche permanente du confort pour le corps, mais pas toujours pour l'esprit, le modernisme progressiste a équipé les édifices urbains en éléments mobiles (ascenseur, escalator, etc.) puis en automobiles, puis en éléments immatériels mobiles représentés par les transmissions télématiques. Progressivement, "l'unité de Lieu" de la scène urbaine et de l'espace public a cédé sa place à "l'unité de Temps" de l'écran interne et de l'image publique. Ainsi, dans le modernisme progressiste, le "temps réel" immédiat et virtuel s'est substitué à "l'espace réel" qui était le support de la localisation de l'ensemble des activités physiques de l'individu. PAUL VIRILIO, comme JEAN BAUDRILLARD avec lequel il partage des réflexions communes, démontre que l'espace virtuel de l'interactivité, l'espace cybernétique et la télé-présence, sont sur le point de dominer, à l'échelle de la planète entière, la présence physique et concrète des individus. L'Être humain occidentalisé allait entrer dans l'ère de "l'Inertie" (VIRILIO, 1994).

Mais, selon le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, au-delà de la perte du sens de l'urbain, lorsque l'Homme s'abstrait du Milieu naturel et concret, il adopte un nouveau comportement vis-à-vis de celui-ci en s'éloignant du règne des Éléments. La crise n'est plus seulement urbaine et sociologique, mais aussi écologique. En ayant particulièrement orienté son développement dans l'abstraction céleste Classique et surtout Cosmique, le modernisme progressiste n'a pas simplement oublié l'Élément Terre, il l'a volontairement nié. La crise écologique qui a lieu dans l'ensemble du territoire occidental et particulièrement dans la moitié nord-occidentale, proviendrait éventuellement de cette négation de l'Élément Terre qui y caractérisait autrefois le Milieu naturel, historique et culturel, dans une liaison Homme/Environnement. La crise urbaine a engendré la crise de l'environnement par la densité démographique, l'étalement, l'exploitation intensive et excessive du territoire, en entraînant par conséquence la perte de l'agraire qui, via la sédentarisation, a été le fondement de la culture occidentale et surtout nord-occidentale. A ce stade, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE démontre que l'habitat humain est lié au Lieu, tant mentalement que physiquement et tant subjectivement qu'objectivement. Selon lui, il est la compréhension et la pratique physique et réelle qu'ont les Hommes du Milieu naturel Local d'inscription qui induit en

retour la production d'une culture singulière. Dans leurs discours, le Lieu est lié à l'Habiter. La soumission du Milieu naturel Local et de l'Être humain par l'impérialisme moderniste progressiste, est une marque d'impuissance devant l'industrialisation totale. Par le biais de l'utopie positive, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE décrète une autre proposition pour la modernité où d'autres caractéristiques et d'autres modes de conception de la ville devraient entrer en jeu, selon les Milieux naturels d'inscriptions, pour reprendre conscience de la notion de Lieu. Pour développer leur concept à l'état "pur" le groupe choisit l'utopie. Elle est la seule voie qui peut guider de nouveau vers la création. [...] qui permet de retrouver le chemin de l'imagination [...] de retrouver la foi d'origine (PARENT, VIRILIO, 1996). Cependant, la quête de la redécouverte de la vérité du Lieu doit être entreprise par l'Homme et non pour l'Homme. Bien que le groupe illustre ces propos, il ne présente pas de solution particulière et précise, mais il cherche davantage à provoquer chez l'Homme un mécanisme de prise de conscience.

3.5.1 La fonction Oblique et le rapport retrouvé entre le Milieu, le Lieu et la Cité

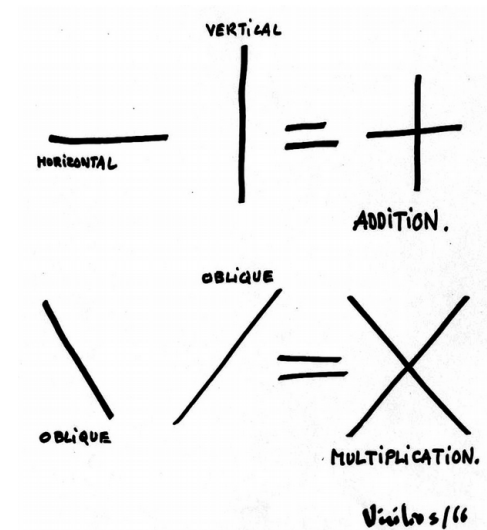


Illustration 23:
Concept de l'Oblique, 1966.
Source: PARENT, VIRILIO, 1996.

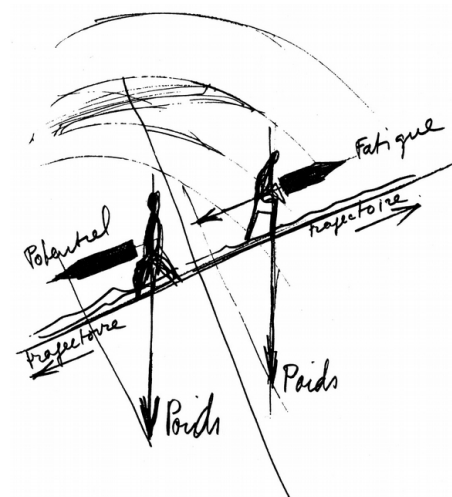


Illustration 24:
L'Oblique, la dynamique des corps, 1966.
Source: projetsdepaysage.

En ce milieu de la décennie de 1960, l'occidentalisation progresse et l'Europe se divise entre la crise urbaine et la crise agraire, c'est-à-dire celle de ses piliers culturels et historiques. La France entre en force dans la société de consommation qui permet à la population de

prendre conscience de la croissance économique. Sa prospérité lui ouvre la voie à la créativité positive et sans contrainte, à l'échelle des nouvelles nécessités. Quant à l'urbanisation réelle, les liaisons et les extensions entre les villes et entre les pays occidentaux, décrivent des territoires en mouvement. Nous devons, que nous le voulions ou non, y vivre une aventure dans les structures dynamiques de l'espace clos de nos villes en intégrant le glissement des formes (PARENT, 2007). Face aux assauts de l'industrie sur les Êtres et les villes, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE propose le passage de la stabilité paralysante à l'instabilité émancipatrice. Pour cela, il considère nécessaire de réactiver dans un premier temps, le rôle et la fonction de l'architecte comme créateur libre et indépendant et dans un deuxième temps, de réactiver l'architecture comme moteur de la concrétisation du Lieu singulier afin de renouer avec le sens de l'Habiter dans la modernité.

L'architecture devient le seul outil pour le développement d'une pensée critique, il devient l'architecture critique, inscrivant par la forme, des signes d'une modernité critique. [...] Architecture et réorganisation pourraient introduire l'expression critique qui nous semble à l'heure actuelle être le meilleur des chemins de Modernités. Il va nous libérer de ce dogmatisme nocif de l'architecture rationaliste moderne qui, se référant constamment à la planification et le fonctionnalisme, a contribué à l'érection d'une barrière infranchissable entre le passé et l'avenir, entre patrimoine et architecture locale (PARENT, VIRILIO, 1996, p.17).

Révision du concept de Ville-Nouvelle :

En France, en cette année de 1966, le programme des Villes-Nouvelles est lancé depuis deux ans (1964). Le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE suit le courant de la réalité pour coller aux nécessité d'alors et compose, non pas des villes, mais des cités pouvant accueillir 1.000.000 d'habitants. Il développe ses propositions en autonomie totale par rapport aux villes pré-existantes afin de ne pas rentrer dans le problème de l'extension urbaine infinie des centres anciens. Ainsi, il évite de se greffer à un organisme urbain pré-existant, ce qui fut l'une des causes de l'échec des Grands-Ensembles puis des Villes-Nouvelles par l'association du mono-fonctionnalisme et de l'habitat pur. Il promeut de nouveaux groupements urbains, de nouvelles fondations sur le territoire, qui ne correspondent plus exactement à la cité historique à sédimentation concentrique, mais qui conservent l'idée traditionnelle de « *cités fortes* », véritables espaces fermés, protégés, autonomes et capables de répondre au siècle futur où, à

nouveau, l'architecture servirait de racine à l'Homme. Pour le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, l'architecture se conçoit comme un "art civil" qui sera caractérisé par le "support" et non par "l'enveloppe". Par la remise à jour de cette forme d'art urbain, il semble renouer avec le concept traditionnel de la cité médiévale française, alors premier symbole d'un art urbain civil non dominé par les ordres de la religion et de la noblesse en Europe occidentale. Il se positionne ainsi dans une continuité historique et culturelle d'une vision Locale, typiquement française et non influencée par le Classique et encore moins par le Cosmique. En ponctuant le territoire et en reconnaissant ses particularités, ces fondations singulières seraient mises en relation entre elles afin de créer un territoire polycentrique à l'échelle de l'Occident. L'architecture différenciée de chacune de ces cités serait liée au passé, au présent et l'avenir comme la révélation de la permanence issue d'un Milieu naturel singulier. Ainsi, nous retrouvons dans leurs propos, les critères de CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, qui souhaite réactiver dans l'espace et dans le temps, la "permanence" que chaque Milieu naturel singulier comporte et que l'architecture se doit de révéler.

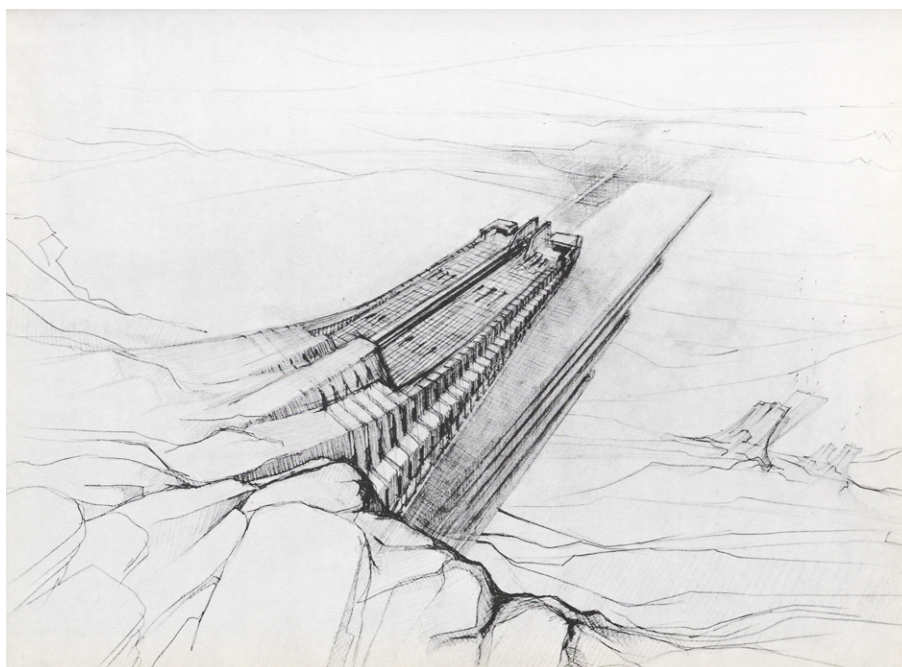


Illustration 25:

ARCHITECTURE-PRINCIPE, Cité "*Les Vagues*", 1966. Source: BASDEVANT, 1971.

Le concept de l'oblique :

Par le désir que la cité redevienne porteuse du sens collectif et qu'elle soit une Œuvre collective qui exprime le Lieu, comme le fut la cité traditionnelle, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE cherche à donner la valeur de langage et d'écriture à l'architecture de la cité. À ce sujet, selon VICTOR HUGO, jusqu'à la Renaissance et l'invention de l'imprimerie, l'architecture était le support du message à la collectivité dans le temps long. Quel pouvait donc bien être le rôle de l'architecture à l'heure de l'apparition de la télématique et de la messagerie instantanée virtuelle ? La cité pouvait-elle reprendre ce rôle de transmission du message à la collectivité à une époque où ce rôle semblait lui échapper encore plus ? Comment renouer dans la modernité avec des concepts issus de la cité traditionnelle mais sans s'y référer ni formellement, ni sociologiquement ?

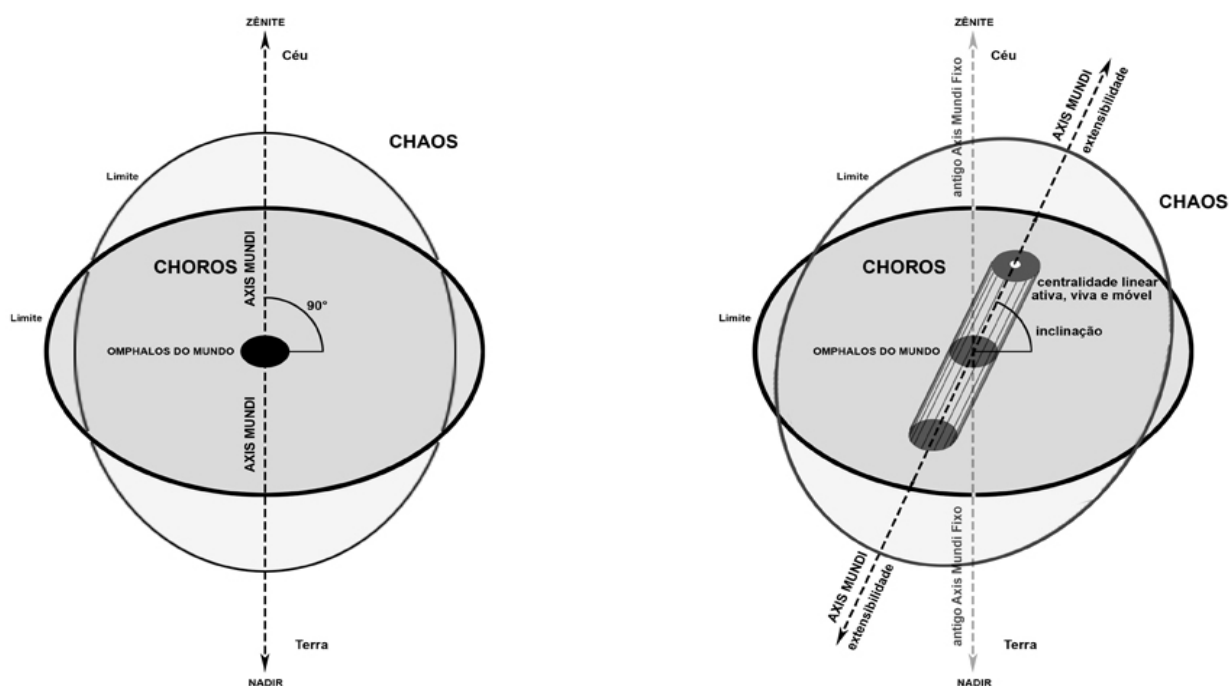


Illustration 26:

Le concept de la cité traditionnelle (à gauche). La reprise et la révision moderne de ce concept par le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE (à droite). Principe de la continuité historique culturelle révisée dans la modernité. Élaboration personnelle.

En déclarant que seule l'architecture est capable de résoudre la crise de l'Habiter moderniste, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE s'oriente donc vers une nouvelle dimension de la spatialité, qui est propre à la culture occidentale. Mais comment ne pas se référer aux concepts spatiaux de la cité traditionnelle et de la spatialité moderniste d'ARISTOTE ? Comment ne pas se référer à l'ordre horizontal de l'ère agricole et de son habitat rural, ni à l'ordre horizontal de la conquête chronique du sol par la ville ? Comment ne pas se référer à l'ordre vertical de l'ère industrielle progressiste et de son habitat urbain, ni à l'ordre vertical comme axe d'élévation négatif et statique, marquant la conquête du Ciel et les dominations sociales, industrielles, économiques et consuméristes.

Il faut admettre la fin de l'horizontalité comme plan permanent et la fin de la verticalité comme axe d'élévation. La verticale est un type d'unité urbaine qui a dominé négativement et qui avec la Mobilité sont l'aboutissement du monde industriel (PARENT, VIRILIO, 1996, février 1966, la fonction oblique).

L'espace de l'oblique :

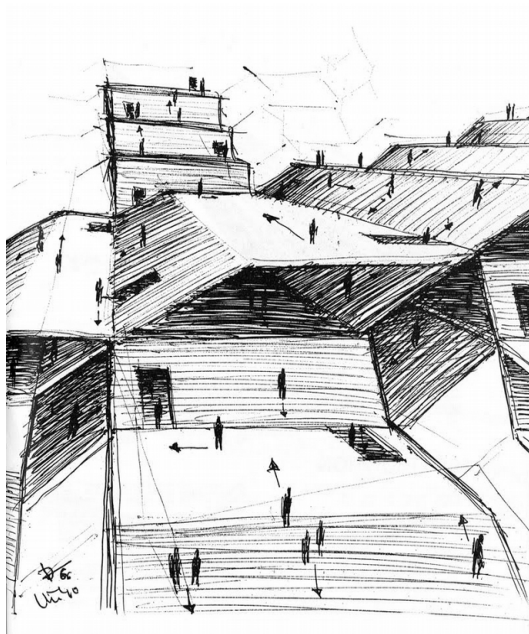


Illustration 27:

CLAUDE PARENT, croquis des intersections urbaines de l'oblique, 1966. Source: thefunambulistedotnet.

Selon le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, le couple commun de la statique verticale/horizontale ne correspond plus à la dynamique propre de l'Homme dans la culture occidentale moderniste. L'architecture doit désormais être réalisée dans l'incliné pour se situer dans le nouveau plan de conscience humaine (PARENT, VIRILIO, 1996). Pour répondre aux nouveaux besoins de l'Homme, à la nouvelle société et aux territoires désormais en mouvement, l'architecture doit aussi se mettre en mouvement. Toutefois, selon CLAUDE PARENT, ceci ne doit absolument pas être confondu avec la Mobilité. Ainsi, pour le

Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, "l'axe oblique" et le "plan incliné" réalisent les nouvelles conditions nécessaires à la création d'un nouvel ordre urbain qui devient la troisième

possibilité spatiale de l'architecture : "*l'Oblique*". Au premier ordre de l'Horizontale, puis au deuxième ordre de la Verticale, succède le troisième ordre de l'urbain dit de l'Oblique, qui est ordre topologique.

Dans l'espace orthogonal classique, l'association de l'horizontale et de la verticale ne pouvait être composée que par la juxtaposition ou l'empilage qui produisaient une séparation spatiale des plans de vie. Or, dans l'espace oblique, tous les espaces constitutifs de la cité sont mis en continuité et communiquent en permanence entre eux, par le déroulement des "planchers-supports". Le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE propose ainsi de modifier radicalement la "structure", c'est-à-dire la répartition spatiale de la fixation des Hommes dans leur action d'Habiter au quotidien. La vie à l'oblique sur les rampes et sur les plans inclinés milite dans ce sens.

Le support, praticable, donne la continuité aux espaces urbains, réalise les liaisons, facilite les rapports sociaux. A l'intérieur de cette infrastructure d'accueil de la ville, l'action individuelle retrouve liberté et spontanéité (PARENT, 2007, p.76).

En se prononçant fermement contre le courant de la Mobilité et du nomadisme, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE explore la notion d'Habiter un "ici", dans le quotidien. Il conçoit l'Habiter à toutes les échelles, de celle de l'habitat particulier à celle de la cité, elle-même inscrite dans son Milieu naturel. Il va considérer la cité et ses fonctions comme un « *Temple unique* » dédié à l'Habiter, en adéquation au Milieu d'inscription, dans le sens où le décrivait MARTIN HEIDEGGER. En luttant contre la dispersion euclidienne et culturelle du modernisme progressiste, il propose le retour à la vie collective mais avec une mise en évidence de l'autonomie au sein de cette collectivité et avec la transmission d'un message pour l'ensemble. Loin de l'inertie et de l'artificiel, les Hommes y retrouveraient la liberté d'une dynamique naturelle, où au quotidien, ils circuleront en habitant et habiteront en circulant. Le quotidien prendra ainsi place entre la sous-face (intime) et la sur-face (vivant), tout au long de la diversification du "*sol-support*". L'Oblique active ainsi les thèmes du support, des sols naturels et artificiels en re-subjectivant l'Élément Terre pour définir le Lieu où l'Homme puisse Habiter.

Le Milieu, le Lieu et la Cité :

*La ville doit être une montagne...
un pont
enjambant la nature
La ville doit être paysage...
poème bâti...
praticable de la liberté'
La ville c'est le rêve de l'homme
Claude Parent
architecte.*

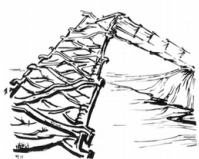


Illustration 28:
CLAUDE PARENT,
affichage urbain à Fontenay-aux-Roses, 1972.
Source: BLIN, 1992.

Selon le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, l'architecte est lié au contexte dans lequel il crée et reste soumis à la continuité du Lieu et du paysage préalable. Afin d'être créée à partir de ce qui existe, l'architecture ne peut se concevoir que volontaire, enracinée, faite pour un Lieu unique, en un seul exemplaire. Contrairement à la Mobilité et au nomadisme, l'architecture est issue du Milieu naturel et reste à jamais fixée à cette condition. Ainsi, à l'échelle urbaine elle est non-transportable et non-exportable à travers les territoires et à l'échelle de l'habitat, elle est faite pour un individu et n'est pas assimilable par autrui.

Pour CLAUDE PARENT, l'architecture existe pour permettre aux Hommes de se comprendre entre eux et de faire une osmose avec la Nature, où les choses de l'architecture rejoignent les choses de la vie. L'Oblique, c'est la volonté de considérer l'urbanisme comme une science de l'inscription dans un territoire, où l'architecture établirait avec le Milieu naturel existant, un rapport et un dialogue qualitatif et dimensionnel. La cité adopte la dimension du Milieu et le révèle en devenant un relief semi-artificiel équivalent aux reliefs naturels. La cité est la surrection, le soulèvement progressif d'une portion de l'écorce terrestre, marquant l'action de l'Homme sur la Terre (PARENT, 2007). Ainsi, l'architecture ne peut pas être neutre ou indéterminée. Définie par un Milieu singulier, elle est alors active et l'Homme s'y identifie, tant objectivement que subjectivement, à travers l'histoire et la culture. L'Oblique, en tant que support structurel, est associée à tout mouvement organique engendré par l'Homme et la Nature. Elle est l'expression d'un élan dynamique qui s'oppose à la verticalité de l'équilibre et de la statique du Classique et du Cosmique. Elle réunit la cité, la campagne et le paysage, en un mouvement ample et unique. En refusant les composantes du "mur" et de la "clôture" qui caractérisaient le couple Classique/Cosmique, l'Oblique privilégie l'ossature organique qui

l'identifie au Romantisme traditionnel nord-occidental. En complément, la "structure-cité" est décrite comme un organisme vivant qui a une âme, ce qui accentue la dimension subjective de la cité qui posséderait alors, une vérité interne et une réalité profonde.

Un trait en diagonal, c'est une colline, peut-être une montagne, une montée, une descente, une chute ou une ascension. Une griffure oblique, c'est l'assaut donné au vieux monde de l'orthogonale. Une horizontale qui se soulève progressivement, c'est la douceur, l'accompagnement lent du pas de l'Homme. [...] L'Oblique s'estompe avec douceur sur les rives de la Seine. Elle s'amincit, s'affine et plonge doucement dans l'eau. Au ras de l'eau, sur les pentes de la ville oblique, le limon se dépose, l'herbe pousse, les arbres recouvrent peu à peu le béton pour l'adoucir, le patiner. C'est le temps de la tendresse de la ville, celui de la durée. Mais l'Oblique peut aussi entrer en colère... (PARENT, 2007, p.171-222).

Pour concrétiser leur propos dans la réalité constructive moderniste, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE oriente l'industrie à adopter une philosophie de l'architecture. Il rejette l'industrialisation standardisée de masse mais pas l'industrialisation en tant que telle. "Création", "Matière" et "Temps" devront y être réintégrés pour lutter contre l'homogénéisation, le provisoire et l'éphémère. L'infrastructure spatiale des cités ne sera industrialisable que dans ces conditions, alors que l'habitat susciterait un nouvel artisanat et redonnerait à l'Homme les pouvoirs de décision, de participation et de création individuelle et collective. Comme dans les concepts "d'urbanisme unitaire" de l'Internationale Situationniste, nous retrouvons aussi chez le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, une volonté de finir avec la passivité du citoyen et un réel désir de le repositionner comme acteur de sa ville.

3.5.2 Analyse d'Architecture-Principe selon le Quadriparti

Sauver la Terre, accueillir le Ciel : L'Élément Terre

L'objectivation totale du sol, que le modernisme progressiste a portée à son maximum depuis la Charte d'Athènes, ne peut plus être poursuivie. Pour PAUL VIRILIO, le sol³⁵ doit de nouveau accéder à une dimension où il ne serait plus uniquement considéré comme "seuil de partage" entre deux espaces spécifiques et entre deux états naturels particuliers. Désormais, le sol ne peut plus être le socle de la verticalité, il doit devenir la ligne d'axe architectonique (PARENT, VIRILIO, 1996). A l'heure du modernisme progressiste qui magnifie l'Élément Ciel, l'Homme ne peut plus opposer son inertie à la Terre, ni rester neutre et indifférent vis-à-vis d'elle, comme l'illustre CLAUDE PARENT face aux concepts de LE CORBUSIER de 1933: libérer le sol est devenu faux, occuper le terrain dans tous les sens du terme est devenu la seule vraie action (PARENT, VIRILIO, 1996).

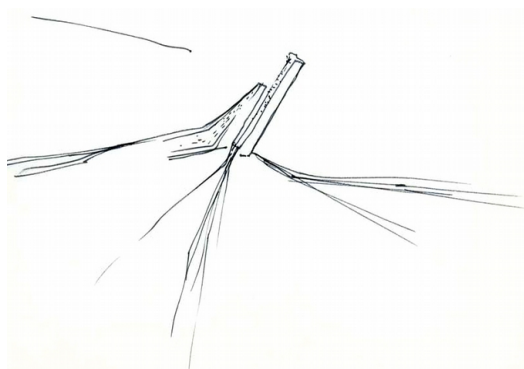


Illustration 29:
CLAUDE PARENT, croquis de l'Oblique.
Source: Frac-centre.

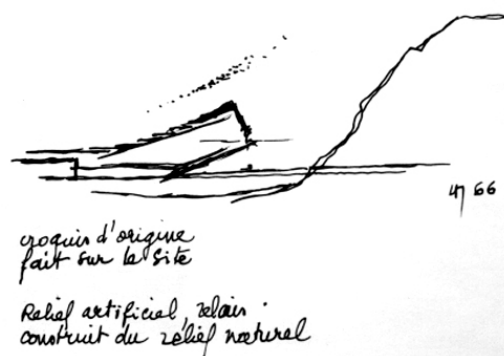


Illustration 30:
CLAUDE PARENT, croquis de "l'Inclisite" de Charleville, 1966. Source: BLIN, 1992.

Ainsi, l'Élément Terre est intégré au projet global où les cités surgissent du sol. Ce dernier reprend sa qualité lithosphérique de tissu vivant spécifique, irremplaçable pour l'Homme (PARENT, VIRILIO, 1996). Ils affirment que l'Élément Terre est le support naturel

³⁵ Chez ARCHITECTURE-PRINCIPE, la définition du sol est comparable à celle de l'Élément Terre (cf. introduction de la dissertation).

de l'Homme et qu'il faut lutter contre tout ce qui tend à l'en éloigner, ainsi ils emploient régulièrement un vocabulaire qui exprime le géologique et le géomorphologique : failles, falaises, cratères, montagnes, abîmes... L'Homme doit se baser sur le Milieu naturel et l'exprimer afin d'être en adéquation avec les forces naturelles. Pour évoquer ce fait, ils situent leurs cités dans les Milieux naturels topographiquement mouvementés, tels que les zones montagneuses, qui concentrent et expriment fortement les forces subjectives et objectives qu'elles contiennent. Le choix du symbolisme de la Montagne est aussi celui de CHRISTIAN NORBERG-SHULZ qui y reconnaît le siège des forces primordiales créatrices :

Un monde particulier qui a une identité propre. Pour comprendre cette identité il faut s'aventurer dans la montagne où la nature continue d'être terrifiante, c'est-à-dire d'habiter les forces primordiales qui siègent dans les profondeurs de toute chose. [...] Là le visible se montre dans son énergie élémentaire, irrépressible et monstrueuse (NORBERG-SCHULZ, 1997, p.204).

A l'échelle de la cité, l'Élément Terre est exprimé par l'Oblique. Elle conduit les Hommes jusque dans ses entrailles pour qu'ils s'y enracinent (PARENT, 2007). CLAUDE PARENT évoque au sujet de la dimension souterraine qu'elle est le monde de la nuit et du silence et qu'elle est le monde de la terre nourricière. En déclarant d'autre part que les cités « *explorent les abîmes* », les réflexions philosophiques du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE nous permettent de les relier clairement aux thèmes de la racine, de la grotte, et du souterrain de GASTON BACHELARD. Dans un premier temps, la cité, que la dissertation nous a permis de rapprocher du thème de la maison onirique, va émettre des racines en profondeur dans la Terre, tel un organisme végétal vivant. En se fondant profondément dans la Terre, que l'on doit entendre ici comme un « *sol ancestral* », la cité se destine aux générations à venir et leur transmet les forces vitales du passé et du présent qui proviennent du Milieu naturel d'implantation. Par exemple, selon JEAN-PAUL SARTRE, en se fondant profondément dans le sol, la racine doit devenir réceptive à la Terre pour en puiser la matière et s'en constituer elle-même. Par analogie, c'est en ce sens qu'émergent les cités. La racine est déjà à moitié assimilée à la Terre, elle ne peut utiliser la Terre qu'en se faisant Terre, c'est-à-dire, en un sens, en se soumettant à la matière qu'elle veut utiliser (BACHELARD, 2010).

En citant JEAN-PAUL SARTRE, GASTON BACHELARD nous permet d'illustrer les propos d'ARCHITECTURE-PRINCIPE et de les inscrire dans le discours existentialiste et philosophique qui incita le TEAM 10 à entrer en réaction contre le modernisme progressiste. Les mouvements

pétrifiés des cités sont donc l'excroissance de la matière Terre qui est captée par la racine, ainsi, la cité est issue de la propre matière du Milieu d'inscription. C'est ce que préconisera CLAUDE PARENT pour la réalisation des bétons géologiques de site, produits avec la matière même du sol d'où germe l'édifice. Cumulé à la technique de la coulée continue organique, l'ensemble produit un édifice épais qui surgit de la Terre et qui dans la continuité d'un mouvement ondulatoire vient s'affiner progressivement dans l'élévation vers le Ciel.



Illustration 31:
Grotte d'Harpéa en France. Système géomorphologique anticlinal. Source: ENS-Lyon.

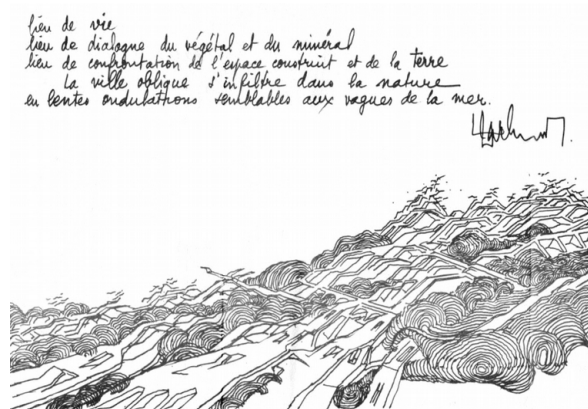


Illustration 32:
CLAUDE PARENT, croquis de la ville oblique et de la terre, 1972. Source: archipostalecarte.

Dans sa croissance, la racine libère des creux, des poches matricielles qui se réfèrent au thème de la grotte de GASTON BACHELARD. Loin de la notion de lumière solaire, d'éblouissement et de vitesse du modernisme progressiste, par l'emploi de la subjectivité du sous-sol, CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO, usent de l'image de la grotte qui relève de l'imagination du repos et par extension de la Tranquillité. Dans cette dimension introspective des Milieux naturels, les Éléments célestes et patriarcaux du modernisme progressiste n'y ont plus de sens. Avec le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, demeurer dans la grotte, c'est commencer une méditation terrestre, c'est participer à la vie de la Terre dans le sein même de sa dimension symbolique maternelle. Elle devient une image de la maternité et de la vie, « *une matrice universelle* », mais aussi de la mort. Une idée du cycle du vivant lui est liée. Selon GASTON BACHELARD, les thèmes de la grotte et du souterrain ont des ramifications profondes et nécessaires dans la subjectivité de l'Homme et dans l'inconscient collectif. La grotte est à la fois la première et la dernière demeure, elle participe à la question psychologique de l'habitat et de l'individu, dans la dimension de l'implantation. Pour fixer une âme en exil sur la Terre (*âme qui aurait pu se perdre dans le nomadisme*), on conseille

d'acquérir un morceau de Terre, tout cela pour fournir des images à la volonté de s'enraciner et de demeurer (BACHELARD, 2010). Au-delà de l'image maternelle, de la protection, du mystère, de la naissance, de la résurrection,... descendre en profondeur dans une demeure, c'est aussi descendre en soi-même et savoir rentrer dans l'ombre pour avoir la force de faire son œuvre individuelle. Ainsi, en 1966, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE a considéré le sol comme essentiel. Le sol est le moins abstrait de tous les éléments architecturaux et le plus utile (PARENT, VIRILIO, 1996). En prenant toute sa signification, le sol absorbe désormais tous les autres éléments architecturaux et par conséquent, le sol devient la préoccupation majeure de la cité.

Sauver la Terre, accueillir le Ciel : Le Romantisme

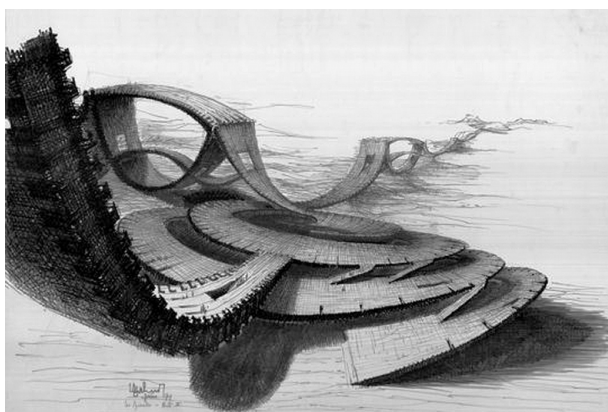


Illustration 33:
ARCHITECTURE-PRINCIPE,
Cité "*Les Spirales-Ponts III*", 1971.
Source: Cité de Chaillot.

Les cités utopiques du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE ne sont pas situées géographiquement dans leurs ouvrages. Or, à travers leurs discours et à la lumière des fiches des caractéristiques du Milieu naturel (cf. Annexe B), des perceptions réelles et symboliques des Milieux naturels (cf. Annexe C), des relations urbaines aux Milieux naturels (cf. Annexe D) et des relations construites et spatiales avec les Milieux naturels (cf.

Annexe E), on en déduit quelles sont destinées d'une part à la France mais plus particulièrement à la région nord-occidentale européenne. Leurs cités sont la retranscription parfaite des caractéristiques du Romantisme et elles contiennent des similitudes avec les villes traditionnelles du Nord du territoire occidental. Elles dépendent de ces Milieux naturels singuliers et du mystère des forces naturelles qui s'y manifeste et elles les traduisent dans une architecture Locale qui produit une relation idyllique entre la cité et le paysage.

La "fonction oblique" est topologique, elle provient des forces terrestres, elle est vivace, dynamique, organique et fortement expressive. Elle produit une limite continue et géométriquement indéterminée qui correspond aux configurations et aux espaces qui

caractérisent le Romantisme. La variété des cités romantiques produites par le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE répond à la variété des Milieux nord-occidentaux et semble ainsi confirmer l'hypothèse de CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ à ce sujet. Toutefois, parmi cette diversité, il y transparaît une unité. Il s'agit d'une "stimmung" de base qui correspond à un principe de formation commun, malgré la diversité de ces Milieux naturels du nord. Les cités de CLAUDE PARENT et de PAUL VIRILIO reproduisent l'entrelacs qui est caractéristique des villes traditionnelles de ces Milieux. Il s'agit d'un ensemble perpétuellement inachevé qui exprime un mouvement dynamique et qui conserve en permanence l'identité du Lieu. De ce fait, il procure une cohérence à toute la ville qui, en retour, exprime une harmonie avec le Milieu naturel d'inscription.

Alors que selon CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, toutes les villes doivent posséder et exprimer un rapport Terre/Ciel afin que soit possible l'Habiter, CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO vont considérer leurs cités et l'architecture comme une « *structure de liaison* » entre les Éléments de l'univers, tels l'Élément Terre et l'Élément Ciel. Lorsqu'ils considèrent le sol comme « *la ligne d'axe architectonique* », leurs cités sont alors à la jonction du chthonien et de l'ouranien, ou encore, à la jonction du volume fermé "cryptique" et du volume ouvert céleste. Quand dans un premier temps ils privilégient la Terre et que dans un deuxième temps ils accueillent le Ciel, ils reprennent l'ordre hiérarchique des deux premières composantes du QUADRIPARTI. Ils lient étroitement le cryptique, qui appartient à l'origine de l'architecture et à l'Élément Terre, au déséquilibre et au vertige qui appartiennent à l'Élément Ciel. En exprimant les Milieux Romantiques nord-occidentaux qui ont dans leur essence un rapport où l'Élément Terre est plus important que l'Élément Ciel, les cités du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE amènent le sol naturel à se poursuivre en un « *sol-plancher* » artificiel, qui devient le moyen de liaison entre les énergies terrestres et les énergies célestes. Nées du sol de leurs Milieux d'inscription, les cités de la "fonction oblique" s'élancent dans un mouvement organique vers le soleil et la dimension céleste de ces Milieux, telles les cimes des montagnes qui accueillent le Ciel.

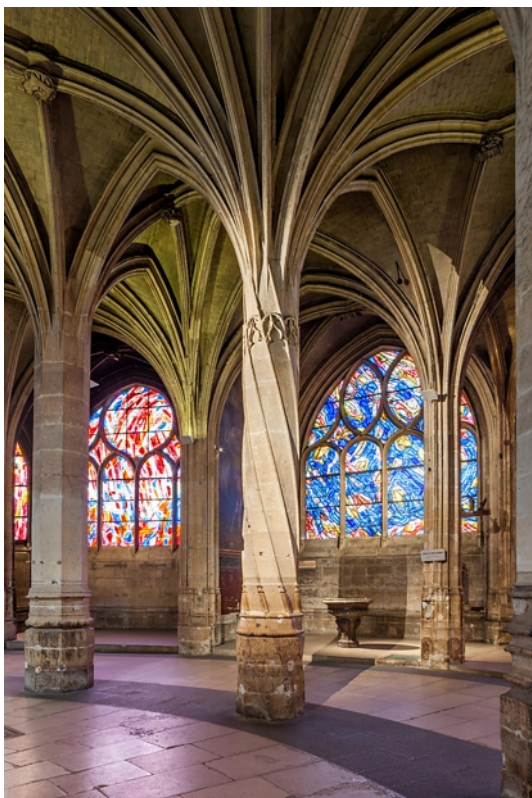


Illustration 34:
 Permanence des caractéristiques Romantiques
 nord-occidentales à travers l'histoire. Église Saint
 Séverin, Paris, XVe siècle.
 Source: arnaudfrichphoto.

Domaines de l'énergie de l'ossature et de la structure, les Milieux nord-occidentaux Romantiques ne s'identifient pas aux mondes solaires statiques Classiques et Cosmiques liés au mur. L'ossature assure la relation Terre/Ciel et c'est dans cette logique que le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE conçoit ses cités comme des « *structure-architecture* », où l'Homme serait de nouveau capable d'établir avec les Éléments Terre et Ciel, des rapports de prise de conscience et d'utilisation. L'ossature démontre que l'Élément Ciel n'est jamais indépendant dans le monde Romantique. Il se caractérise par une Lumière toujours changeante dans une atmosphère proche de la « *rêverie nordique* », selon les termes de CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ. L'hétérogénéité de l'espace solaire nord-occidental amène à définir une présence

nordique qui est anti-Classique et anti-Cosmique. Dans le monde Romantique, la lumière ne confère aucune continuité au temps, et aucune stabilité à l'espace (NORBERG-SCHULZ, 1997). Elle y est utilisée pour souligner les variétés de l'atmosphère. La vivacité organique de l'ossature du construit révèle ce phénomène caractéristique de ce Milieu naturel singulier.

Attendre les Divins : L'énergie cryptique

Dans cette recherche de la matérialisation de la vérité Locale à l'échelle urbaine, CLAUDE PARENT appréhende cette quête du mythe qui est l'ingrédient dont MIRCEA ELIADE considère comme nécessaire à la constitution du Lieu. Les cités et les discours du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE se réfèrent systématiquement au spirituel, au sacré. Ainsi ils rompent avec la tradition profane de l'espace moderniste progressiste.

La vie à l'oblique est véritablement une de ces aventures spirituelles. [...] Pour retrouver le chemin de la création en architecture, il faut se replacer au niveau du Symbole, entrer dans une aventure spirituelle (PARENT, 2007, p.222).

La spiritualité dans leurs cités cherche à révéler « *l'énergie de ce qui se cache* » et à réactiver cette permanence atemporelle du sacré qui a traversé les cultures humaines depuis les temps anciens et que la civilisation occidentale a peu à peu éliminée volontairement. Cette énergie est contenue dans le cryptique qui se réfère à l'intériorité profonde, aux thèmes de la grotte et du souterrain mais aussi aux profondeurs de l'âme humaine. PAUL VIRILIO redécouvre et décrit la force du cryptique dans son ouvrage "*Bunker Archéologie*" qui analyse l'architecture de la crise totale, issue de la deuxième Guerre Mondiale, représentée par les bunkers du Mur de l'Atlantique sur la côte maritime ouest-occidentale. Dans cette architecture de crise, PAUL VIRILIO y observait des réminiscences religieuses humaines, obscures et atemporelles. Cette force profondément subjective est selon lui associée à la survie de toute espèce vivante et se réactive principalement en temps de crises. Considérée comme une dynamique de base et comme une force permanente pour les sociétés primitives, qui tendent depuis le néolithique vers le perfectionnement de « *tout ce qui contient* », l'architecture dite "cryptique" qui révèle cette énergie, va progressivement se séparer et disparaître des mouvements de la vie sociale à partir du monde classique grec et l'apparition de l'occidentalisation. C'est parce qu'il redécouvre l'énergie cryptique que PAUL VIRILIO utilisera le terme « *d'archéologie* ». L'architecture cryptique n'est pas liée aux modes et à l'éphémère, mais elle est intrinsèquement liée aux Lieux. Le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE considère que les villes sont épisodiques et cérébrales, alors que la crypte est permanente, générique et que mentalement, elle est l'organe central et inspirateur pour la création des cités. Dans la "fonction oblique", la force souterraine subjective, représentée par l'image de la grotte, de la crypte, et de la racine, est pour CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO, la matrice spirituelle nécessaire à l'Homme pour pouvoir Habiter et fonder une cité comme une Œuvre collective. Par analogie, c'est également ce qu'expliquait GASTON BACHELARD en ces termes : la volonté d'habiter semble se condenser dans une demeure souterraine, les mythologues ont souvent dit que la grotte était pour la pensée primitive un Lieu où se condensait le Mana³⁶ (BACHELARD, 2010).

36 Le Mana est l'émanation de la puissance spirituelle du groupe et contribue à le rassembler. Il est créateur de lien social.

Attendre les Divins : Une interprétation du sacré traditionnel

Selon AUGUSTIN BERQUE, c'est dans sa constitution naturelle que l'Homme posséderait cette dimension à donner l'intention du sacré au monde. D'autre part, pour MIRCEA ELIADE, il faut rompre avec le modernisme progressiste qui rend l'Homme profane. Donc, pour retrouver le sacré dans la modernité, il faut revenir à la question de l'Être vrai. Ce n'est qu'à partir de la vérité de l'être que se laisse penser l'essence du sacré (HEIDEGGER, 1958). C'est à travers CLAUDE PARENT ET PAUL VIRILIO que dans un premier temps la dimension du sacré est captée, puis retranscrite et que par la suite elle sera transmise aux autres Hommes via la cité. C'est donc à partir d'eux et à travers leur perception singulière que se manifeste l'intention du sacré. Pour produire la cité qui inclut la dimension du Sacré, ils vont associer l'Homme à la Nature dans la modernité. Parce qu'ils en ont l'intuition ou l'instinct, ils recueillent et définissent l'énergie cryptique comme le lien profond entre l'Homme et son Milieu d'inscription pour produire le Lieu. Dans la conception de la cité, ils étendent la question de l'individu isolé à la question de la somme des individus qui agissent collectivement sous l'influence d'un Milieu donné et singulier. En refusant "l'Homme de Vitruve" ou le "Modulor" et leurs statiques classiques, ils représentent les cités pour les foules humaines mouvantes, c'est-à-dire pour une collectivité composée d'individus capables de s'identifier collectivement et qui partagent un message de vie commune porté par la cité.

Le Sujet moderne a focalisé l'Être sur le Je (moi je), sur le seul individu. Ce qui reste de sacré, c'est donc l'individu lui-même. Alors que dans les sociétés traditionnelles, le corps médial intense dépassait largement l'échelle même de l'individu seul (BERQUE, y-a-t-il du sacré dans la nature?).

Selon MIRCEA ELIADE, il subsisterait chez les Européens le lien mystique à la Terre natale, ce en quoi s'identifie CLAUDE PARENT. Je suis héritier de l'oppidum³⁷, de la stabilité du Lieu [...] mon architecture s'inspire de la territorialité enracinée de l'écrivain JULIEN GRACQ (PARENT, 2007). Sans doute que de par leur configuration singulière, les Milieux naturels nord-occidentaux produiraient atemporellement chez l'Homme, une prise de conscience, une capacité de compréhension et de retranscription de cette énergie à travers une forme de sacré

37 Oppidum (du latin oppidum: ville, agglomération généralement fortifiée) est le nom donné par les historiens romains à un type d'agglomération protohistorique (pré-romaine et traditionnelle) fortifié que l'on trouve en Europe occidentale et centrale. C'est un centre à la fois économique, politique et parfois religieux, qui bénéficie souvent de défenses naturelles grâce à son implantation particulière sur des lieux naturels singuliers.

singulier composé de la Terra Mater et des Dieux chthoniens. Il y persisterait un sentiment du symbolisme de la féminité qui produirait chez l'Homme de ces Milieux, une conscience de leur identité. Il y réside l'identité d'une race par rapport à son sol (ELIADE, 1988). Il en résulterait une "autochtonie", c'est-à-dire un sentiment d'être du Lieu, plus fort que dans le reste du territoire occidental orienté vers le Sud et que dans l'occidentalisation. En partant du principe que, l'on sacralise ce qui nous est bénéfique, ce qui nous sert et ce qui participe à notre vie (ELIADE, 1988), on peut s'interroger sur le choix du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE à re-sacraliser la cité via l'Élément Terre. La Terre serait-elle donc la clé pour ré-activer le sacré dans les régions nord-occidentales ? Dans le premier chapitre de la dissertation il y a été présenté que les territoires nord-occidentaux étaient traditionnellement caractérisés par le sacré moniste, composé de l'union de l'Élément Terre et de l'Élément Ciel, en un tout unique et harmonieux qui constituait un monde organique, dynamique, en évolution permanente. Le sacré moniste symbolisait la mort et la régénération en marquant le caractère cyclique de l'évolution du "Mundus" sacré. Ce dernier étant représenté sous la forme symbolique de l'arbre sacré dont les racines s'enfonçaient dans la Terre et dont la ramure s'orientait vers le Ciel. Dans l'analyse des discours et des cités de CLAUDE PARENT et de PAUL VIRILIO, la dissertation relève qu'ils reprennent la symbolique de l'arbre sacré et la transmettent aux cités. Elles germent du sol tels des arbres et croissent progressivement dans le temps et dans le Milieu naturel, en le traduisant et en le concrétisant.

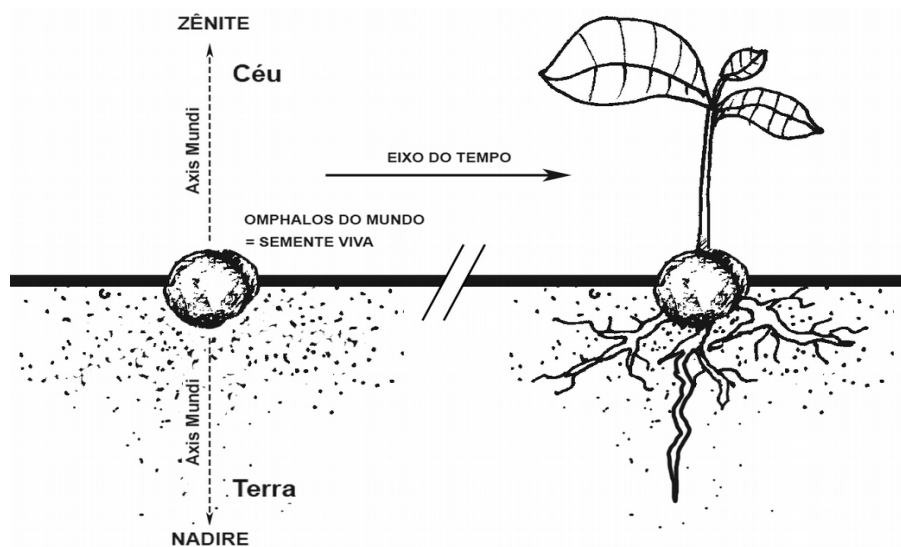


Illustration 35:

La croissance de la graine et sa transposition à la formation organique du "Mundus", dans l'œuvre du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE. Élaboration personnelle.

La réinsertion du Symbole dans la modernité, pour remplacer le Signe, est un acte important pour la présence du sacré dans le quotidien de l'Homme moderniste. En effet, selon MIRCEA ELIADE, d'une part les Symboles ont pour but d'assurer l'équilibre de la psychique de l'Homme ou de la rétablir en agissant comme une thérapie et d'autre part, les Symboles servent à amener l'Homme à la spiritualité et à lui révéler une des structures du réel. Dans ce sens, il est donc sous-entendu que le réel se compose d'une part d'immatériel qui est nécessaire à la condition de l'Homme sur la Terre. Pourtant, c'est exactement ce que le modernisme progressiste s'était attelé à nier. L'usage du Symbole dans l'architecture du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE participe alors aussi à la définir comme Romantique. Car le Romantisme part des symboles (LEFEBVRE, 1962). Mais, on pourrait aussi la qualifier d'ontologique. En effet, lorsqu'il cherche à re-sacraliser le Lieu dans la modernité, il produit des cités qui émergent et germent de la Terre-Mère. Il renoue ainsi avec l'Habiter traditionnel en créant un point fixe d'origine du monde : un "Axis-Mundi". Ce centre du monde qui est marqué par la hiérophanie, met en communication les trois niveaux (régions inférieures, Terre et Ciel) qui composent le "Mundus" comme un Lieu sacré et qui fondent l'Habiter. Lorsque d'une part, MIRCEA ELIADE évoque que la cité peut être un espace sacré et que d'autre part, une montagne peut être un "Axis-Mundi", alors encore une fois les cités de CLAUDE PARENT et de PAUL VIRILIO illustrent leur appartenance au traditionnel. Toutefois, ils le réinterprètent dans la modernité à travers la "fonction oblique" et l'inclinaison dynamique, qui est moins statique que le schéma traditionnel (cf. Illustration 26).

CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO sont nord-occidentaux et se projetteraient, de par leur appartenance à ce Milieu naturel, dans la recherche du sacré adapté à cette singularité. Pour eux, l'Homme a besoin de la dimension sacrée et ils refusent le profane de la modernité progressiste car il ne serait pas légitime dans la logique nord-occidentale. Il semblerait évident que le modernisme progressiste, qui a pris naissance dans un Milieu culturel influencé par un sacré monothéiste issu des zones arides extra-occidentales, purement basé sur l'Élément Ciel et sans lien avec les Milieux du territoire occidental, ne pouvait que mettre en échec le sacré dans le QUADRIPARTI et ainsi conduire à une crise de l'Habiter dans la civilisation occidentale. En réaction à cet échec, CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO associent les données de la modernité à l'interprétation du sacré Local émanant du Milieu naturel d'inscription et produisent ainsi une nouvelle possibilité d'épanouissement du QUADRIPARTI.

Conduire les Mortels : L'activation du corps total

En 1966, le modernisme progressiste amène L'Homme moderniste à un paradoxe. Dans un premier temps, l'Homme se déracine dans la Mobilité totale et après avoir conçu des villes en mouvement, il est sur le point de quitter la planète Terre dans la conquête spatiale. L'Homme moderniste est projeté horizontalement et verticalement du point d'origine de son enracinement et il s'en éloigne toujours plus rapidement au gré des avancées technologiques et productives. Dans un deuxième temps, après avoir été modifié physiologiquement, l'Homme moderniste est toujours moins stimulé dans sa composition naturelle par l'accroissement constant du confort, par l'accroissement des moyens de substitution matériels (véhicules...) et immatériels (télécommunications,...). De ce fait, l'augmentation du facteur confort réduit proportionnellement la nécessité d'usage de ses mouvements physiques (jambes...) et de ses extensions physiques (sens...), ce qui l'amène peu à peu à la notion "d'inertie". Le paradoxe de l'Homme moderniste serait donc d'être cet individu isolé et immobilisé dans un Milieu artificiel et abstrait, que l'industrialisation cherche à rendre toujours plus mobile dans un système totalement orienté dans l'Élément Ciel.

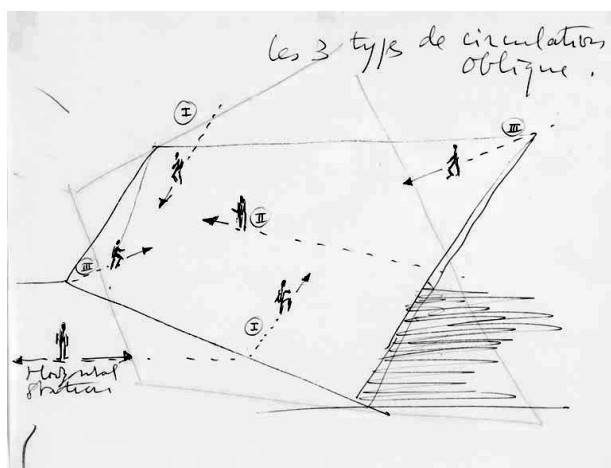


Illustration 36:
CLAUDE PARENT, croquis "les 3 types de circulation oblique".
Source: Frac-centre.

L'Homme est un être géographique, disposé sur la Terre et sous le Ciel (BERQUE, 2009). Il se grave dans la Terre et en retour il en est gravé à son tour, dans une relation cyclique et interactive. De ce constat, CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO décrètent que l'architecture est le seul moyen pour ramener l'Homme à sa condition d'être terrestre. Désormais, l'Homme doit être mis en action par le Lieu dans lequel il est contenu et ainsi être stimulé contre le

confort abrutissant (PARENT, VIRILIO, 1996). Pour cela, il doit participer consciemment à l'architecture, non seulement intellectuellement et subjectivement, mais aussi dans sa physiologie animale naturelle, par le retour à la dynamique du corps. Contre la statique et la

neutralité du couple horizontal/vertical classique, ils donnent une direction à l'occupation du Lieu. En utilisant la propre force de gravité naturelle, ils cherchent à ré-activer chez l'Homme, la conscience de sa condition d'individu participatif et terrestre qui lui serait inhérente.

Ici était notre projet: à partir du corps en mouvement, de faire pleinement usage de l'énergie de gravité dans les trois dimensions temporelles de mouvement physique, profitant d'une manière assez galiléen de la surface de plans inclinés afin d'obtenir une circulation véritablement habitable opposition à la fixité habitable de l'immeuble classique. [...] L'architecture oblique devient une sorte de générateur d'activité qui exploite pleinement les techniques ergonomiques du corps pour améliorer l'habitabilité de l'immeuble (PARENT, VIRILIO, 1996, p.8-9).

Ainsi, dans le plan incliné, la direction implique la masse et l'intention selon des vecteurs de fatigue (montée) et d'euphorie (descente). Cette participation active de l'individu dans son corps total, dans le sens où l'entend AUGUSTIN BERQUE, lui permettra de se posséder plus intensément.

La présence de l'intention implique que le psychisme soit concerné par l'architecture. La prise directe du psychique sur l'architecture transformera celle-ci en un véritable tissu physiologique, intimement adapté à l'individu (PARENT, 2007, p.230).

Concernant la physiologie de l'Homme, PAUL VIRILIO dépasse largement l'exacerbation du sens de la vue, que le modernisme progressiste sur-exploita au détriment des autres sens. Les conceptions et les représentations des cités du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE n'utilisent plus la perspective, qui depuis la Renaissance représente le monde occidental de manière statique et abstraite. Alors que GASTON BACHELARD évoque que le sens de l'ouïe est bien plus actif que le sens de la vue dans les thèmes de la grotte, du souterrain ou de la crypte, PAUL VIRILIO, quant à lui, recherche la participation dynamique de tous les sens. Cela semble aller dans le sens de la logique de l'Homme nord-occidental, puisque selon EDWARD TWITCHELL HALL, l'Homme de ce Milieu est défini psychologiquement comme un individu à l'intérieur d'une peau inviolable où le Moi remplit tout le corps devenant l'objet à considérer. PAUL VIRILIO, propose donc à l'Homme de la cité de redécouvrir à nouveau le monde par l'usage de son corps total, selon une définition toute anthropologique.

La perception de l'espace chez l'Homme, est dynamique, liée à l'action, et non d'un point de vue fixe dans une contemplation passive. [...] L'Homme a conquis le sentiment de son existence dans l'espace au niveau quotidien avec la participation de tous ses sens (HALL, 1978, p.108).

D'autre part, en citant MAURICE MERLEAU-PONTY, dont il est proche, PAUL VIRILIO rejoint la thèse écouménale d'AUGUSTIN BERQUE par l'approbation de la nécessaire inter-relation trajectrice entre le corps et la conscience, la matière et l'esprit, le visible et l'invisible, car le corps est autant matière qu'esprit et l'un n'est jamais sans l'autre : ce n'est pas l'œil qui voit, ce n'est pas l'âme, c'est le corps comme totalité ouverte (DROIT, 2010).

Conduire les Mortels : Du Milieu à la culture

Selon EDWARD TWITCHELL HALL, les réactions de l'Homme devant la Nature sont souvent conditionnées par la culture et donc par l'histoire. Les lignes de force d'une culture pénètrent alors les structures d'une société à tous ses niveaux. Face au risque de la rupture Homme/Nature et de ses conséquences culturelles, CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO cherchent à tisser des liens forts entre l'Homme et son Milieu. Ils se positionnent à contre-courant du modernisme progressiste et de ses dérivés utopiques de la Mobilité, car la poursuite ou l'aggravation de la rupture n'est pas souhaitable à l'avenir. Si cette poursuite devait perdurer, la continuité culturelle et historique avec le passé serait rompue, ainsi que le lien légitime, instinctif et traditionnel avec les Milieux naturels. En effet, si cette rupture volontaire devait se poursuivre, quelles seraient les bases pour les générations à venir ? Pour une issue positive, une "permanence" serait à réactiver. Elle résiderait dans cette composante atemporelle que l'Homme possède et qui lui permettrait de ré-activer ses besoins instinctifs et de faire appel aux énergies nécessaires à sa survie en temps de crise. Puisque l'Homme occidental est en "danger de vie", le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE déclenche l'alarme par l'acte de création. Une des fonctions du créateur est d'aider le profane à structurer son univers culturel (HALL, 1978). Toutefois, comme créateurs nord-occidentaux, peut-être qu'ils ne seraient compris que par ceux qui possèdent cette même culture de référence, ou qui auraient les mêmes capacités de compréhension qu'eux vis-à-vis de cette culture. Quoi qu'il en soit, à travers leurs cités ils activent cette "permanence" pour ramener l'Homme moderniste dans le courant de la culture et de l'histoire en le resituant dans le flux continu qui lie le passé, le présent, et l'avenir, dans la logique des Milieux naturels d'inscription du Nord de l'Occident. Les cités du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE traduisent conceptuellement et formellement cela.

3.5.3 Conclusions Architecture-Principe

Le QUADRIPARTI semble trouver la liberté de s'accomplir dans les cités du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE. Ce dernier chercherait donc à retrouver et à produire l'incarnation de l'Art du Lieu qui permet d'Habiter et de faire vivre la Tranquillité par l'intégration de la Nature comme fond et comme atmosphère afin que la présence puisse être mise en œuvre. Par l'effet de l'intense prise en compte des particularités des Milieux naturels locaux, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE permet l'identification et l'orientation, qui sont des moments signifiants dans l'existence de l'individu et de la communauté, dans l'acte d'Habiter. L'étude approfondie de leurs concepts nous a permis de définir les localisations géographiques de leurs cités. Après avoir déduit qu'elles se fondaient, du point de vue culturel et naturel, dans la logique Romantique produite par les Milieux nord-occidentaux, la dissertation prétend qu'elles sont destinées à illustrer une modernité urbaine adaptée à ces Milieux naturels singuliers. Lorsque le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE a poussé au paroxysme les dimensions Romantiques à tous les niveaux de la conception de la cité, dans une volonté de poursuite de la modernité occidentale, il a répondu harmonieusement à la menace de la coupure radicale moderniste progressiste qui allait s'opérer entre l'Habiter et l'Homme localisé "en un ici" sur la Terre.

Dans leur recherche de la production du Lieu dans une modernité Locale, CLAUDE PARENT et PAUL VIRILIO ont représenté le courant mineur de la prospective française qui a su se soucier du "Genius Loci". En poursuivant la modernité à travers la tradition de la synthèse des arts et l'emploi de l'utopie positive, ils ont rompu avec toutes les tentatives modernistes de lier l'Habiter à la Mobilité. Ils vont se démarquer par l'exploration, la compréhension et l'application à l'échelle urbaine, des rapports de vérité, objectifs et subjectifs, qui lient les Hommes à leurs Milieux naturels d'implantation. Dans le respect de l'harmonie du QUADRIPARTI et loin de prétendre proposer leurs concepts à l'ensemble de la culture occidentale moderniste et à son extension dans l'occidentalisation, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE a ainsi pu produire une modernité urbaine typiquement nord-occidentale et une Œuvre humaine collective en un Lieu singulier. Par le réemploi de l'Élément Terre dans sa globalité et par la réinterprétation des valeurs atemporelles traditionnelles dans la modernité, il a réussi à créer un "Mundus" qui permet à l'Homme d'Habiter. Dans la dissertation, le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE nous a permis d'illustrer le concept pur du Topisme.

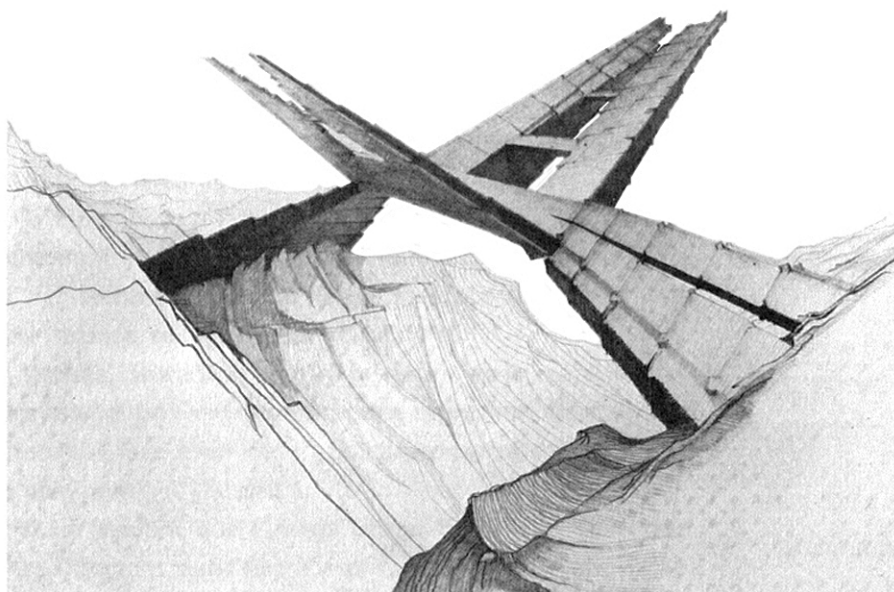


Illustration 37:

ARCHITECTURE-PRINCIPE, Cité "*Villes-Ponts II*", 1972. Source : PARENT, 2007.

Une référence indirecte à MARTIN HEIDEGGER. Lorsqu'en 1951, il définit le QUADRIPARTI dans « *Bâtir, habiter, penser* », il utilise l'exemple d'un Pont pour expliquer le Modèle harmonique favorisant l'Habiter de l'Homme et le Lieu. Au-delà de présenter une topographie forte et mouvementée qui évoque aussi le thème de la montagne, ARCHITECTURE-PRINCIPE exploite le thème du Pont à l'échelle de la cité, et semble ainsi mettre en image ce concept du QUADRIPARTI.

■

Conclusion

L'abordage philosophique de l'Habiter et du Lieu dans le monde occidental, mené à l'aide du QUADRIPARTI, a permis d'observer des dysfonctionnements et des incohérences, entre les Hommes et les Milieux d'implantation. Le concept du Lieu épanoui, qui caractérisait cette zone dans le monde traditionnel, a perdu cette valeur au cours de l'histoire de l'évolution de la culture occidentale et a abouti, durant la modernité, à y déterminer une crise du Lieu, qui se perpétue encore dans l'urbanité contemporaine. La dissertation démontre que la modernité progressiste se situerait exclusivement dans l'Élément Ciel. Par l'omniprésence et la suractivation de cet Élément, les grandes villes occidentales ont adopté le thème de la Mobilité qui tendrait à ramener l'Homme occidental et urbain à une condition de nomade. Mais, lorsque la Mobilité se superpose illégitimement aux Milieux naturels nord-occidentaux, elle y rentre en opposition avec la culture traditionnellement sédentaire, liée à l'Élément Terre. L'Atopisme naît de cette contradiction, dont les conséquences se prolongeraient jusqu'à une crise ontologique de l'Homme. Illustrée dans la dissertation par le Groupe SUPERSTUDIO, la Mobilité, isole l'Habiter dans l'Élément Ciel et propose le nomadisme et l'artificialisation des Milieux. D'autre part, elle poursuit la quête de l'objectivité qui pousse l'Homme moderniste profane à devenir un Cyborg athée. L'Habiter ne semble pas pouvoir être assuré dans l'idée du Global de la culture occidentale. Selon le QUADRIPARTI, l'Habiter et l'Atopisme sont antinomiques.

Concernant la zone géographique nord-occidentale, qui se caractérise par une harmonie de l'Élément Terre et de l'Élément Ciel, elle a subi une profonde perturbation issue de l'inadéquation entre la culture développée et la "permanence" émise par le Milieu naturel. Mais, en France, un groupe d'avant-garde a remis en cause la modernité et a su développer dans l'utopie, la réactivation des rapports entre l'Homme et les Milieux naturels. Par l'emploi du QUADRIPARTI, la dissertation démontre comment le Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE a réussi à fonder volontairement un Lieu qui permet l'Habiter Local, dans la modernité et dans la permanence des Milieux naturels. L'analyse de leur théorie urbaine a permis d'y reconnaître la définition d'un Lieu où le QUADRIPARTI se réalise dans l'harmonie et de révéler que la notion de Topisme est intrinsèquement inscrite dans l'utopie singulière de ce groupe. D'où l'intérêt d'insister sur la présentation de l'étude de leurs propositions.

Au fil des trois chapitres de la dissertation, il a été démontré, à l'aide du QUADRIPARTI, que les rapports entre les composantes qui définissent le Lieu pour Habiter dans la modernité, ne peuvent pas être communs à toute la culture occidentale. Il n'y aurait donc pas un Lieu mais des Lieux. Dans un premier temps, nous constatons que la ville occidentale contemporaine, qui porte cette crise du Lieu, est le fruit d'une accumulation de divers concepts universalisants. Ces derniers se sont progressivement implantés dans la culture occidentale et ont fini par devenir sa propre définition. En cela, son destin est déjà scellé et la vision négative du Groupe SUPERSTUDIO deviendrait réelle. Si la ville contemporaine n'en est pas encore arrivée totalement à cet état, bien qu'elle en possède déjà de nombreuses caractéristiques, nous pouvons tout de même préciser qu'elle a bien choisi l'un des deux chemins possibles qui avaient été définis lors de la période critique de la prospective de la décennie de 1960. Ce chemin qu'elle a choisi, c'est celui de l'Atopisme. En ce sens, l'utopie Atopique serait en cours de concrétisation.

L'autre chemin, non exploré à ce jour, du moins pas dans l'ampleur de sa complexité, c'est celui du Topisme. Par l'emploi des deux méthodes critiques issues de la crise de l'Habiter : "l'abordage philosophique + l'utopie", des caractéristiques positives ont été décelées dans le Topisme. C'est ce que présente la dissertation par l'étude du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE. Cependant, ces points positifs ne sont pas généralisables à l'ensemble des grandes villes de la culture occidentale, mais ne seraient viables que dans des Milieux naturels localisés. Suite à l'étude du Topisme sur le territoire de la culture occidentale, la dissertation se limite à tirer des conclusions pour la zone géographique nord-occidentale et plus particulièrement dans la moitié nord de la France. Dans la dissertation, le Lieu de la modernité exprimé par la ville et qui permet l'Habiter, sera défini dans cette zone géographique localisée. Ainsi, si l'on veut définir "les Lieux" de la modernité dans la culture occidentale, il faudrait répéter l'analyse par le QUADRIPARTI, parmi la diversité des Milieux naturels qui composent ce territoire.

En focalisant désormais notre analyse dans le cas du Milieu naturel du Nord de la France, comment et en quoi le Topisme produirait-il un Lieu pour Habiter dans la modernité ? En reprenant la description du Lieu qui permet à l'Homme de pouvoir Habiter dans la Tranquillité, on peut confirmer qu'une certaine condition d'interrelations entre les composantes du QUADRIPARTI permet à celui-ci de s'exprimer harmonieusement dans les cités

Topiques du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE. L'interrelation semble se réaliser dans des proportions adaptées au Milieu naturel nord-occidental. Le Topisme semble s'orienter vers la conception du Lieu selon la Chôra de PLATON qui engendre le Lieu. Les cités Topiques expriment donc le caractère géniteur de la Chôra, elles naissent, croissent organiquement et illustrent cette autre conception du Lieu qui s'origine aussi dans l'antiquité grecque³⁸.

Dans le Milieu naturel nord-occidental, le Topisme suppose que la globalité de la Nature y constitue un Lieu naturel singulier. Ensuite, il distingue les variétés "atemporelles" et "permanentes" de ce Milieu, puis il y discerne les qualités de formes qui fixent son identité dans la relation Terre/Ciel, et les directions du système "axial naturel" qui ont une diversité qualitative fondamentale. Il y découvre des Atmosphères variées qui mènent à la Tranquillité nécessaire pour produire l'Habiter. Dans le Milieu naturel ainsi révélé, l'Homme peut s'implanter et Habiter. Par la compréhension du paysage, compris dans la totalité de son rapport Terre/Ciel, le Topisme pourrait faire émerger une dimension ontologique du Lieu. "L'Esprit du Lieu" est étroitement lié à la Terre en tant que Substance et Matière (NORBERG-SCHULZ, 1997). Le Topisme permet de produire des Lieux artificiels, ou encore des cités, qui se réfèrent à la Nature et où l'Homme reçoit le Milieu naturel et le focalise sur les édifices et les Choses dans une relation cyclique. Les cités Topiques du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE démontrent qu'une Totalité unifiée est donc créée par l'association de la Mémoire, de l'Orientation et de l'Identification. De leurs interrelations, il serait produit un Lieu qui permet l'Habiter.

Loin de se référer à un simple formalisme, le Topisme reprend les composantes immatérielles et symboliques de la ville traditionnelle, mais il les exprime dans les conditions du modernisme. Ainsi, il respecte le "Genius Loci" qui ne signifie pas recopier les Modèles anciens, mais mettre au jour l'identité du Lieu et l'interpréter de façon nouvelle (NORBERG-SCHULZ, 1997). Six thèmes peuvent ainsi être extraits de la ville traditionnelle et intégrés au Topisme urbain nord-occidental de la modernité : la Centralité, la Délimitation, l'Orientation, le Sacré, la Pénétrabilité et la Transmission d'un message collectif. Dans les cités Topiques du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, la ville redevient une "Œuvre collective" selon le sens d'HENRI LEFEBVRE et elle produit un "Mundus" selon le sens d'AUGUSTIN BERQUE. Ces

38 Cette conception fait qu'elle continue d'appartenir aux fondements de la culture occidentale et donc permet la continuité culturelle.

"paysages culturels", qui en résultent, inscrivent l'Homme entre la Terre et le Ciel, dans la continuité et l'harmonie logique entre sa culture, son histoire et son Milieu d'inscription. Le Topisme renoue aussi avec l'onirisme de GASTON BACHELARD. Ancré à nouveau dans un Milieu signifiant, par la remise en valeur symbolique de l'Élément Terre à travers toutes les composantes du QUADRIPARTI, l'Homme moderniste nord-occidental peut à nouveau Habiter. Par la mise en évidence des caractéristiques Romantiques de l'urbanisme des cités Topique, la dissertation démontre que d'une part, cette démarche utopique produit un Lieu singulier en rapport à un Milieu naturel de départ particulier et que d'autre part, c'est seulement dans le respect de la singularité et de ce rapport harmonieux entre le Lieu et le Milieu naturel que semble émerger une Totalité signifiante qui permet d'Habiter.

Toutefois, est-ce que ce Topisme fut une réponse à une situation historique et temporaire, ou contient-il une "permanence" qui pourrait être observable et activable dans la culture contemporaine occidentale ? Si la période contemporaine est la poursuite de la modernité, la profonde crise ontologique de l'Homme occidental, coupé de son appartenance au Milieu naturel, résiderait encore dans la contemporanéité. La crise du Lieu dans l'urbanité contemporaine occidentale et occidentalisée serait alors identique à celle déjà observée dans la seconde moitié du XXe siècle. La dissertation se situe donc dans une problématique contemporaine.

Du point de vue de la mésologie, dans la contemporanéité, l'environnement comme pur objet, doit être substitué par le Milieu où le Sujet va interpréter l'environnement en tant que son propre Milieu (BERQUE, 2009). Nous retrouvons, ici, les termes de "Milieu" et de "subjectivation" que le Topisme intègre intrinsèquement et qu'illustrent les cités du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE. Il est confirmé que l'interrelation entre la philosophie et la géographie ne peut donc pas être omise lorsque l'on traite de la question du Milieu naturel du point de vue de l'Homme. Toutefois, lorsque AUGUSTIN BERQUE parle d'humanité, il ne précise pas si ce concept est lié davantage à une culture et à une zone géographique particulière. Il définirait donc une caractéristique typique et permanente, à l'Être humain³⁹ qui doit tenir compte de la "Topicité" de la Terre. Cette dernière porte des singularités que l'urbain devrait prendre en considération. La production du paysage urbain serait alors un problème

39 Il parle ici de l'Homme non encore modifié, physiologiquement et psychiquement, par l'artificialisation du modernisme progressiste.

fondamentalement ontologique, celui de la question de l'être humain sur la Terre, en un certain Lieu, entre Terre et Ciel.

La poursuite de la quête de la compréhension, puis de la constitution du Lieu pour Habiter dans la contemporanéité est confirmée, et elle ne pourrait se faire qu'en réintégrant un abordage philosophique dans la relation entre l'Homme et son Milieu naturel d'inscription. Loin de laisser penser qu'il faille retourner aux Modèles traditionnels, la dissertation s'oriente vers l'avenir, mais selon la prise en compte d'une trajectoire historique, objective et subjective et dans la recherche de la vérité des Milieux naturels. Si la continuité de la modernité à tendance progressiste pourrait caractériser notre contemporanéité et que la crise de l'Habiter et du Lieu persiste, nous pourrions donc continuer à questionner la poursuite de l'emploi des deux "méthodes" choisies par les modernistes eux-mêmes, pour résoudre cette crise : l'abordage philosophique via le QUADRIPARTI et l'Utopie via le Topisme.

Après avoir minutieusement présenté ces deux "méthodes", puis après avoir illustré leur combinaison à travers l'exemple des cités Topiques du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, nous pouvons alors positionner la dissertation dans la continuité historique et culturelle de la modernité, mais aussi et surtout, dans l'actualité critique de celle-ci. Cependant, il serait souhaitable de décrire davantage les formes affinées de ces deux "méthodes" que sont le QUADRIPARTI et le Topisme.

Qu'est ce que la dissertation nous permet de conclure au sujet de l'abordage philosophique par le QUADRIPARTI, entendu comme une métaphore de l'Habiter ? Le QUADRIPARTI, pourrait être considéré comme une méthode d'analyse fine de l'Habiter dans la modernité et applicable à différentes échelles. Dans la dissertation, il a été employé à l'échelle du Lieu traditionnel, à l'échelle d'une période historique, puis à l'échelle de projets utopiques tels ceux du Groupe SUPERSTUDIO et du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE. Il nous a donc permis d'étudier des phénomènes de diverses disciplines, de diverses dimensions et de finalités parfois contraires. Le QUADRIPARTI est donc multi-dimensionnel et polyvalent. Comme méthode d'analyse et de mise en évidence de critères de conception, il est d'une portée ontologique car il fait appel aux permanences atemporelles et immatérielles de l'Être. Pour cela, il nous oblige à retourner aux origines culturelles et dans l'histoire, afin d'extraire de chacune des composantes du QUADRIPARTI, la part "vraie" de la Terre, du Ciel, du Sacré et des Hommes, produite par un Milieu naturel singulier.

Nous avons dû également étudier les conditions réelles des Milieux naturels pour pouvoir les comparer aux vérités des composantes. Mais, l'étude de ces dernières oblige à intégrer dans l'analyse, les dimensions objectives et subjectives de chacune d'entre elles. Et finalement, nous percevons que les quatre composantes sont très étroitement liées. Par exemple, la composante Terre contient une dimension objective (physique, morphologique, géo-dynamique,...) mais elle intègre aussi une dimension subjective (onirisme, symbolisme, énergie créative,...) que lui confère la composante Hommes. Quant à cette dernière, elle y détermine une composante sacré, qui va se réaliser aussi dans les dimensions objectives (matière, construction, orientation,...) et subjectives (Dieux chthoniens, Terra-Mater, origine du monde...), et l'ensemble participe activement à influencer la culture de l'Homme...

Le QUADRIPARTI serait alors comme un système dynamique d'inter-relations, d'influences et d'inter-existences. Cependant, s'il nous permet de distinguer le monde en quatre composantes, le résultat de l'analyse par le QUADRIPARTI n'est pas précisément quantifiable et mesurable, comme l'entendrait une science exacte. Le résultat serait plutôt dans le ressenti de l'ambiance, ou de l'atmosphère produite par l'étude. Ainsi, l'analyse de la période moderniste progressiste, amène à un sentiment de déséquilibre, de doute, c'est-à-dire à un ressenti d'insatisfaction et de discordance. Par l'analyse historique, la dissertation a permis de découvrir des illogismes, des manquements objectifs ou subjectifs, des incohérences entre les cultures développées et la vérité des Milieux naturels...

Comme explicité précédemment, il n'y a donc pas de résultat quantifiable ou mesurable, mais la découverte de contradictions ou d'incompatibilités entre les composantes. Cependant, dans l'analyse du Lieu traditionnel ou encore de l'utopie Topique du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, le ressenti est positif car l'ambiance paraît harmonieuse et qu'une Tranquillité semble émaner de l'inter-relation entre les composantes. Par la mise en évidence de l'Harmonie et de la Tranquillité, nous pouvons alors confirmer que le QUADRIPARTI est effectivement une méthode d'analyse mais qu'il est aussi un outil d'élaboration de critères qui chercheraient à identifier l'Habiter dans le rapport de vérité entre l'Homme et son Milieu naturel d'inscription. Il est important de mentionner que le QUADRIPARTI a été conçu au sein de la culture nord-occidentale et que, par conséquent, certaines limites pourraient éventuellement exister dans son emploi hors de la culture occidentale, notamment dans les composantes Terre et Ciel.

Qu'est ce que la dissertation nous permet de conclure au sujet de l'utopie à travers la modernité et de sa poursuite éventuelle dans la contemporanéité ? Depuis la période allant du pré-modernisme jusqu'à nos jours, l'Occident puis son extension territoriale et culturelle représentée par l'occidentalisation, sont dans la continuité de la modernité et de l'utopie urbaine qui la caractérise depuis ses origines. Lors des premières crises de l'Habiter du modernisme progressiste, c'est encore l'utopie moderniste qui a été employée, car l'utopie est caractéristique de la modernité, elle est l'essence de celle-ci. Cependant, l'utopie ne semblerait pas être un courant unitaire ni une pensée unique orientée, elle pourrait éventuellement être modelée selon les nécessités qu'implique le problème rencontré.

Dans la dissertation, l'analyse de l'utopie Atopique a démontré que l'utopie universelle n'est pas une solution viable aux problèmes de l'Habiter et du Lieu. Face à ces problèmes, l'utopie Atopique serait même qualifiable d'échec. Or, si l'utopie est une "méthode" adaptée pour développer l'analyse prospective à l'échelle de la problématique de la ville, cette forme d'utopie, provenant du modernisme progressiste, ne pourra pas résoudre les problèmes de la ville. L'utopie dans son sens premier, du grec οὐ-τοπος "*en aucun lieu*", n'est donc pas valable systématiquement dans la problématique de l'Habiter moderniste occidental.

Pour caractériser l'utopie dans les Milieux naturels singuliers du territoire occidental, d'autres critères devraient donc être considérés. Par exemple, on pourrait suggérer que la variété des Lieux qui composent le territoire occidental devrait engendrer autant d'utopies singulières. Pour le cas singulier du Milieu naturel du Nord de la France, l'analyse par le QUADRIPARTI nous a permis de distinguer la nécessité d'intégrer d'une part, l'Élément Terre dans toute sa subjectivité et d'autre part, d'intégrer une forme de sacralité par le symbolique. L'analyse du Topisme, exprimé par les cités du Groupe ARCHITECTURE-PRINCIPE, nous a permis d'y pressentir qu'une harmonie apparaît dans l'inter-relation des composantes du QUADRIPARTI. Par la recherche de la vérité du rapport entre le Milieu naturel et des Hommes s'y inscrivant, l'utopie Topique semblerait répondre positivement à la problématique de la crise de l'Habiter en développant une utopie singulière et localisée. Mais un paradoxe se dessine. Le Topisme est-il une utopie? Peut-on lier des termes antinomiques tels que l'utopie "*en aucun lieu*" et la topie "*lieu*" ? L'emploi du terme utopie pour définir cet urbanisme Topique, n'est-il pas une erreur de dénomination dans le domaine de l'histoire de l'architecture?

Pour cela, nous pourrions revenir à l'essence de l'utopie, pour savoir si elle pourrait être définie différemment et ainsi exister selon d'autres caractéristiques. Lorsque les grecs vont la déterminer comme οὐ-τοπος "*en aucun lieu*", ils allaient engendrer l'utopie universalisante⁴⁰ que la dissertation discrédite, quant à la problématique de départ. Mais, la dissertation montre que chez les grecs, le Lieu aurait également pu être défini à partir du concept de la Chôra de PLATON. Dès lors, on pourrait penser que l'utopie se formerait aussi selon ces critères. Si la dissertation a pu démontrer l'intérêt d'inclure le concept de la Chôra pour définir un Lieu pour Habiter, alors tentons, ici, de l'appliquer à l'utopie qui participe pleinement à la constitution de ce Lieu dans la modernité.

En se basant sur le texte « *le corps utopique* » de MICHEL FOUCAULT, nous pourrions définir l'utopie à partir du corps, en intégrant de fait, les concepts de singularité, de fluidité, de vie et d'organisme. Ce corps n'est pas le corps moderniste progressiste objectivé et statique, mais plutôt le corps total décrit par AUGUSTIN BERQUE. Selon MICHEL FOUCAULT, « *les utopies sont nées du corps lui-même.* » Le corps humain serait alors, l'auteur principal de toutes les utopies et ceci serait vérifiable dans toutes les cultures. Après MIRCEA ELIADE qui précise que tout Homme sur Terre produit naturellement du mythe, MICHEL FOUCAULT précise que tout Homme produit naturellement un mythe du corps utopique. Une utopie qui fait entrer le corps en communication avec des forces secrètes et des pouvoirs invisibles, où le corps devient un fragment d'espace imaginaire (FOUCAULT, 1966). C'est autour du corps que les choses sont disposées et que l'espace est composé. Il est le "point zéro" du monde et c'est à partir de lui que sortent et que rayonnent tous les Lieux possibles, réels ou utopiques. Ainsi, l'utopie issue de cet Homme total devient ontologique. Cet Homme singulier, ce serait celui qui est uni, dans la vérité, avec la singularité du Milieu naturel dans lequel il s'inscrit.

Ce serait cette forme d'utopie singulière, nommée "Topisme" et non "utopie Topique", qui serait adaptée à la poursuite de la modernité dans la contemporanéité. Dans ce contexte singulier du Topisme et de la modernité, l'utopie ne devrait pas être considérée comme une "méthode" à appliquer systématiquement. D'une manière plus subtile, elle devrait davantage être considérée comme une "condition" qui implique la part de variabilité de l'Être en lien avec son Milieu.

40 L'antiquité grecque situait l'utopie "en aucun lieu", en un "nulle-part" et donc partout simultanément. Par conséquence, elle n'avait pas de point de départ et donc pas de critères de consistance organique, vivante et fluide... Il est probable que ce sens initial soit l'amalgame des concepts de l'espace neutre, homogène et abstrait du Topos d'ARISTOTE, couplé à la méthode atomiste.

Finalement, la dissertation aura positionné toutes les clés du Lieu de la contemporanéité urbaine occidentale dans une dimension de vérité ontologique, qui implique une démarche consciente de l'Homme afin de devenir un Être Total, par la prise en considération des singularités de la diversité des Milieux naturels.



Bibliographie

ABRAM, Joseph. *L'architecture moderne en France, Tome 2, du chaos à la croissance 1940–1966*. Paris, Edições Picard, 1999.

AKORS, Yul. *Utopisme ou Réalisme ?* Disponível em : <<http://laboratoireurbanismeinsurrectionnel.blogspot.com.br>>. Acesso em: 25/01/2016.

ASCHER, François. *L'urbanisme face à une nouvelle révolution urbaine*. Disponível em: <<http://www.canal-u.tv>>. Acesso em: 13/12/2015.

BACHELARD, Gaston. *La Terre et les rêveries du Repos*. Paris, Edições José Corti, segunda edição, 2010.

BASDEVANT, Denise. *L'Architecture française. Des origines à nos jours*. Paris, Edições Librairie Hachette, Coleção Bibliothèque des Guides Bleus, 1971.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et simulation*. Paris, Edições Galilée, 1985.

BERQUE, Augustin. *Ecoumène, introduction à l'étude des milieux humains*. Paris, Edições Belin, 2009.

_____. *Urbs dat esse homini ! La trajectivité des formes urbaines*. In : Paisagem e arte. São Paulo, Comitê brasileiro de historia de arte, 2000, p. 41-47.

_____. *Y-a-t-il du sacré dans la nature?* In : seminário Científico, 26/03/2013, Corte. Fondation de l'Université de Corse. Laboratoire Lieux, eSpaces, Identités et Activités. Università di Corsica Pasquale Paoli. Disponível em : <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 24/09/2016.

BLIN, Pascal. *Claude Parent. Carnets de croquis*. Paris, Edições Tempera, 1992.

BRUNAU, Jean-Louis. *L'origine orientale de la religion celtique*. Disponível em: <<http://www.pourlascience.fr>>. Acesso em: 05/01/2016.

CALIANDRO, Stefania. *Empathie et esthésie : un retour aux origines esthétiques*. Disponível em : <<http://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse.htm>>. Acesso em: 06/07/2015.

CHOAY, Françoise. *L'Urbanisme, utopies et réalités, une anthologie*. Paris, Edições du Seuil, 1965.

DROIT, Roger-Pol. *"Œuvres", de Maurice Merleau-Ponty : penser la chair du monde*. In: *Le Monde des Livres*. 30/09/2010. Disponível em : <<http://www.lemonde.fr>>. Acesso em: 22/01/2016.

ELIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris, Edições Gallimard, 1988.

FINDELI, Alain. *Le Bauhaus de Chicago. L'œuvre pédagogique de László Moholy-Nagy*. Québec, Éditions du Septentrion, 1995.

FOUCAULT, Michel. *L'utopie du corps* (radio feature, 1966). Disponível em : <http://www.youtube.com>. Acesso em: 13/08/2015.

_____. *Les hétérotopies* (radio feature, 1966). Disponível em : <http://www.youtube.com>. Acesso em: 11/08/2015.

FRAMPTON, Kenneth. *L'Architecture moderne, Une histoire critique*. Londres, Éditions Thames & Udon, 2008.

GUYOT, Léopold. *Le Ciel*. Disponível em: <http://pasteurweb.org>. Acesso em: 13/01/2016.

HALL, Edward Twitchell. CHOAY, Françoise. PETITA Amélie. *La dimension cachée*. Paris, Éditions Points, 1978.

HEIDEGGER, Martin. *Essais et conférences*. Paris, Éditions Gallimard, 1958.

HELLPACH, Willy. *Géopsyché - l'âme humaine sous l'influence du temps, du climat, du sol et du paysage*. Paris, Éditions Payot, 1944.

JEANNERET-GRIS, Charles-Edouard (dit Le CORBUSIER). *La Charte d'Athènes*. Paris, Éditions Points, 1971.

_____. *Vers une architecture*. Paris, Flammarion, 1995.

LAPA, Tomás de Albuquerque. (2013) *The relationship between townspeople and land as a premise to the process of teaching landscaping*. In : Conferência « Landscape and Imagination, towards a new baseline for education in a changing world ». Paris, 2-4 de maio de 2013.

LEFEBVRE, Henri. *Le droit à la ville*. Paris, Éditions Economica, 2009.

_____. *Introduction à la modernité*. Paris, Éditions Minuit, 1962.

LUCAN, Jacques. *Architecture en France, 1940-2000, Histoire et théories*. Paris, Éditions Le Moniteur, 2001.

MELISSINOS, Alexandre. *Ville et urbanisation, le processus d'une rupture*. In: Conférences, 01/02/2010, Paris. Cours Publics, saison 2009-2010, Cité de l'architecture et du patrimoine. Disponível em: <http://www.citechaillot.fr>. Acesso em: 30/10/2015.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Environnement et signification*. 1973. Atas do colóquio : Esthétique appliquée à la création du paysage urbain, Arc-et-Sénans, septembre 1973.

_____. *Genius Loci, Paysage, ambiance, architecture*. Bruxela, Éditions Mardaga, 3a edição, 1997.

_____. *L'Art du Lieu. Architecture et paysage, permanence et mutations*. Paris, Edições Le Moniteur, 1997.

PARENT, Claude. *Colères et Passions*. Paris, Edições du Moniteur, 2007.

PARENT, Claude. VIRILIO, Paul. *Architecture-Principe 1966 et 1996*. Besançon, Edições de l'Imprimeur, 1996.

PINON, Pierre. *Peut-on inventer la ville?*. In: Conférences, 12/11/2009, Paris. Cours Publics, saison 2009-2010, Cité de l'architecture et du patrimoine. Disponível em: <<http://www.citechaillot.fr>>. Acesso em: 07/12/2015.

RAGON, Michel. *Architecture et mégastructures*. In: Communications, le gigantesque, nº42, 1985, p 69-77.

_____. *Histoire de l'architecture et de l'urbanisme moderne - de Brasília au post-modernisme, 1940-1991*. Tome 3, Paris, Edições Points, 2010.

ROUILLARD, Dominique. *Superarchitecture - Le futur de l'architecture 1950-1970*. Paris : Edições de la Villette, 2004.

_____. *Superarchitecture*. In: Conférences, 12/06/2008, Paris. Cours Publics, saison 2007-2008, Cité de l'architecture et du patrimoine Disponível em: <<http://www.citechaillot.fr>>. Acesso em: 07/11/2015.

ROY, Eve. *Architecture Mobile*. In: Laboratoire Urbanisme Insurrectionnel, 10/2012 Disponível em : <<http://laboratoireurbanismeinsurrectionnel.blogspot.com.br>>. Acesso em: 29/01/2016.

SIMMEL, Georg. *Les grandes villes et la vie de l'esprit. Sociologie des sens*. Paris, Edições Payot & Rivage, 2013.

SPENGLER, Oswald. *Le déclin de l'Occident*. Paris, Edições Gallimard, 1948.

VIAL, Pierre. *La signification de l'arbre dans les traditions européennes*. In: Traditions, 12/06/2008. Disponível em: <<http://www.terreetpeuple.com>>. Acesso em: 17/01/2016.

VIAL, Stéphane. *Habiter la terre, la maison, l'appartement. Une lecture de Heidegger et Bachelard*. In : Magazine Culture, 08/12/2009. Disponível em: <<http://www.reduplikation.net>>. Acesso em: 05/12/2015.

VIRILIO, Paul. *Bunker Archéologie*. Paris, Edições du Centre Georges Pompidou, 1975.

_____. *L'inertie polaire*. Mesnil-sur-l'Estrée, Edições Christian Bourgeois, 1994.

ZEVI, Bruno. *Apprendre à voir l'architecture*. Paris, Edições Minuit, 1959.



Biographie des auteurs cités

ABRAM, Joseph - France : né au Caire en Égypte en 1951. Architecte et historien de l'art, enseignant universitaire et chercheur. Spécialiste du XXe siècle en France.

ASCHER, François - France : né à Metz en 1946 – décédé à Paris en 2009. Urbaniste, enseignant universitaire et sociologue diplômé en sciences économiques, docteur en études urbaines et en sciences humaines. Spécialisé dans l'étude des phénomènes métropolitains et de la planification urbaine, il a exploré les concepts de "métapole" et "d'hyper-modernité".

BAUDRILLARD, Jean – France : né à Reims en 1929 – décédé à Paris en 2007. Sociologue, enseignant universitaire et philosophe. Il a élaboré, au cours des trente dernières années, une critique radicale des médias et de la société de consommation. Théoricien du concept de la "disparition de la réalité" d'un monde qui bascule dans le virtuel.

BACHELARD, Gaston – France : né à Bar-sur-Aube en 1884 - décédé à Paris en 1962. Philosophe des sciences et de la poésie. Enseignant universitaire et théoricien de la connaissance scientifique ayant participé à la fondation de la nouvelle épistémologie française. Il s'est illustré également dans l'analyse des formes de l'imaginaire éclairée par la psychanalyse.

BERQUE, Augustin – France : né à Rabat au Maroc en 1942. Géographe, orientaliste, et philosophe. Enseignant universitaire. Étudie la relation onto-géographique de l'humanité à l'étendue terrestre.

CHOAY, Françoise – France: née à Paris en 1925. Historienne des théories et des formes urbaines et architecturales. Écrivain, enseignante universitaire et critique d'art.

ELIADE, Mircea – Roumanie : né à Bucarest en 1907 – décédé à Chicago aux États-Unis en 1986. Historien des religions, mythologue, enseignant universitaire, philosophe et romancier. Il est un des fondateurs de l'histoire moderne des religions.

FOUCAULT, Michel (Paul-Michel) – France : né à Poitiers en 1926 – décédé à Paris en 1984. Philosophe et enseignant universitaire. Étudie les rapports entre pouvoir et savoir. Son œuvre est une critique des normes sociales et des mécanismes de pouvoir qui s'exercent au travers d'institutions en apparence neutres.

FRAMPTON, Kenneth – Royaume-Uni : né à Woking en 1930. Architecte, enseignant universitaire, critique et historien de l'architecture. Spécialiste du XXe siècle.

HALL, Edward Twitchell – Etats-Unis: né à Webster Groves en 1914 – décédé à Santa Fe en 2009. Anthropologue, enseignant universitaire, sociologue spécialisé dans l'interculturel, la communication interculturelle, et la communication non verbale. Il développe le concept de la proxémie.

HEIDEGGER, Martin – Allemagne: né à Messkirch en 1889 – décédé à Fribourg-en-Brisgau en 1976. Philosophe, enseignant universitaire, orienté vers la phénoménologie, l'herméneutique. Il est le précurseur de la philosophie postmoderne. Ces thèmes philosophiques traitent d'ontologie, de métaphysique, d'esthétique, de logique, de langage et de sciences.

HELLPACH, Willy – Allemagne : . né à Oleśnica en 1877 - décédé à Heidelberg en 1955. Médecin, psychologue et homme politique.

JEANNERET-GRIS, Charles-Edouard (dit Le CORBUSIER) – Suisse, France (1930) : né à La Chaux-de-Fonds en 1887 - décédé à Roquebrune-Cap-Martin en 1965. Architecte, urbaniste, designer, décorateur, peintre, sculpteur et homme de lettres. C'est l'un des principaux représentants du mouvement moderniste progressiste.

LEFEBVRE, Henri – France: né à Hagetmau en 1901 – décédé à Navarrenx en 1991. Sociologue, enseignant universitaire, géographe et philosophe. Penseur de l'urbain dans sa globalité avant le recentrage scientifique massif de l'objet urbain sur le local et l'observable dans les années 1980.

MELISSINOS, Alexandre – France : né au Caire en Egypte en 1941. Architecte, enseignant universitaire et urbaniste.

NORBERG-SCHULZ, Christian – Norvège : né à Oslo en 1926 - décédé à Oslo en 2000. Architecte, enseignant universitaire, historien et théoricien de l'architecture. Produit une synthèse des anciennes théories de l'architecture et des sciences sociales. Se base sur une phénoménologie réaliste issue de l'œuvre de Martin HEIDEGGER.

PARENT, Claude – France : né à Neuilly-sur-Seine en 1923 – décédé à Neuilly-sur-Seine en 2016. Architecte, enseignant universitaire et théoricien de l'architecture et de l'urbanisme. Fondateur avec Paul VIRILIO de la théorie urbaine de la "fonction oblique". Membre de l'Académie d'Architecture et membre de l'Académie des Beaux-Arts.

PINON, Pierre – France : né (?). Architecte, enseignant universitaire, et historien en architecture, en urbanisme et en archéologie.

RAGON, Michel – France : né à Marseille en 1924. Écrivain, enseignant universitaire, critique d'art et d'architecture, historien de l'art, historien de la littérature prolétarienne, historien de l'anarchisme et autodidacte libertaire. En 1962, il est président fondateur du GIAP (Groupe International d'Architecture Prospective).

ROUILLARD, Dominique – France : née (?). Architecte, enseignante universitaire, historienne de l'art. Elle oriente ses recherches vers une histoire immédiate de l'architecture contemporaine.

SIMMEL, Georg – Allemagne : né à Berlin en 1858 – décédé à Strasbourg en 1918. Philosophe, enseignant universitaire et sociologue. Sociologue atypique et hétérodoxe pratiquant l'interdisciplinarité.

SPENGLER, Oswald – Allemagne : né à Blankenburg en 1880 – décédé à Munich en 1936. Philosophe, professeur et essayiste. La philosophie politique démontrant que l'Occident se trouve confronté à une lutte déterminée pour la domination du monde.

VIAL, Pierre – France : né à (?) en 1942. Enseignant universitaire et homme politique identitaire en France comme en Europe aux conflits du paganisme et du suprémacisme blanc.

VIRILIO, Paul – France : né à Paris en 1932. Urbaniste, enseignant universitaire, essayiste, sociologue et philosophe. Fondateur avec Claude PARENT de la théorie urbaine de la "fonction oblique". Il est reconnu pour ses écrits sur la technologie et la vitesse dont l'alliance constitue à ses yeux une "dromosphère".

ZEVI, Bruno – Italie : né à Rome en 1918 – décédé à Rome en 2000. Architecte, enseignant universitaire, historien de l'art, critique d'art, conservateur, auteur et éditeur.



Annexes

Annexe A : Fiches synthétiques des Milieux naturels

Fiche synthétique du Milieu naturel nord-occidental
Fiche synthétique des Milieux naturels sud-occidental et sud-est extra-occidental

Annexe B : Fiches des caractéristiques des Milieux naturels

Caractéristiques du Milieu naturel nord-occidental
Caractéristiques du Milieu naturel sud-occidental antiquité grecque
Caractéristiques du Milieu naturel sud-occidental antiquité romaine
Caractéristiques du Milieu naturel sud-est extra-occidental

Annexe C : Fiches des perceptions réelles et symboliques des Milieux naturels

Perceptions réelles et symboliques du Milieu naturel nord-occidental
Perceptions réelles et symboliques du Milieu naturel sud-occidental
Perceptions réelles et symboliques du Milieu naturel sud-est extra-occidental

Annexe D : Fiches des relations urbaines aux Milieux naturels

Relations urbaines au Milieu naturel nord-occidental
Relations urbaines au Milieu naturel sud-occidental
Relations urbaines au Milieu naturel sud-est extra-occidental

Annexe E : Fiches des relations construites et spatiales avec les Milieux naturels

Relations construites et spatiales avec le Milieu naturel nord-occidental
Relations construites et spatiales avec le Milieu naturel sud-occidental
Relations construites et spatiales avec le Milieu naturel sud-est extra-occidental

Annexe F : Fiches des influences des Milieux naturels sur l'Homme

Influence du Milieu naturel nord-occidental sur l'Homme
Influence des Milieux naturels sud et sud-est extra-occidental sur l'Homme

Annexe G : Considération des Éléments Terre et Ciel dans la Charte d'Athènes

L'Élément Terre
L'Élément Ciel

Annexe A: Fiches synthétiques des Milieux naturels

Fiche synthétique du Milieu naturel nord-occidental (Nord : pathos, émotionnel)	
Condition :	Prédominance du possible sur le réel.
Mode d'existence sociale :	Protestation contre l'ordre et la raison.
Age et sexe symbolique :	Jeunesse féminine.
Symbole sensible :	Onde dans la profondeur organique et cosmique.
Saison / Heure :	Mi-saison, heures de transitions lumineuses.
Matière Symbolique :	La Terre, l'Eau, le Feu.
Vertus dominantes :	Enthousiasme et révolte.
Art dirigeant :	La musique dont l'onde viendrait à l'architecture.
Ambiance :	Pittoresque, informel.
Élément Terre :	Omniprésent, vivacité topologique.
Élément Ciel :	Ciel complexe à la lumière maussade.

Fiche synthétique des Milieux naturels sud-occidental et sud-est extra-occidental (Sud : ethos, rationnel)	
Condition :	Ordre du réel, de la raison et du pouvoir.
Mode d'existence sociale :	Hiérarchie sociale, morale et esthétique.
Age et sexe symbolique :	La maturité masculine.
Symbole sensible :	Soleil, cosmos ordonné, Roi.
Saison / Heure :	L'été, le midi.
Matière Symbolique :	le soleil, la lumière.
Vertus dominantes :	Virilité et acceptation.
Art dirigeant :	L'architecture ordonnée éclairée par le soleil.
Ambiance :	Stricte et ordonnée.
Élément Terre :	Soumis au Ciel, abstrait.
Élément Ciel :	Ciel franc à la lumière intense et omniprésente.

Annexe B: Fiches des caractéristiques des Milieux naturels

Ces fiches sont une synthèse d'informations obtenues de sources scientifiques spécialisées et dédiées à une diffusion internationale. Pour cela, certains éléments sont en langue anglaise.

Thème	Source
CLIMAT :	The Pennsylvania State University, United States.
RADIATION SOLAIRE :	NASA, United States.
PROPRIÉTÉS DES SOLS :	Department of Agriculture, NRCS, United States.
TECTONIQUE ET VOLCANIQUE :	Global Seismic Hazard Assessment Program, UNESCO.
GÉOMORPHOLOGIE :	Wikimedia.
HUMIDITÉ DES SOLS :	Department of Agriculture, NRCS, United States.
SANTÉ DES SOLS DE CULTURE :	Food and Agriculture Organization, ONU.
VÉGÉTATION :	The University of Idaho, United States.
SÉDENTARITÉ ET NOMADISME :	Wikimedia.

Fiche des caractéristiques du Milieu naturel nord-occidental

CLIMAT :

Cfb : mild temperate, fully humid, warm summer.

RADIATION SOLAIRE :

1001 to 1200 kWh/m²/year.

PROPRIÉTÉS DES SOLS :

alfisol + entisol + inceptisol + mollisol + spodosol + rocky land.

ACTIVITÉ TECTONIQUE ET VOLCANIQUE :

La zone nord-occidentale est située sur une plaque majeure.

Activité sismique faible à modérée.

Pas d'activité volcanique.

GÉOMORPHOLOGIE :

Composition géologique riche et complexe.

Mouvements géologiques organiques, fluides et flexibles, résultant de diverses forces en activité. La coupe transversale schématique présente une valeur de présence équilibrée entre la Terre et le Ciel. Bordé par les montagnes à l'Est, l'ensemble géologique s'ouvre et s'incline vers l'Ouest.

HUMIDITÉ DES SOLS :

Ustic + Udic.

SANTÉ DES SOLS DE CULTURE :

25 % to 100 % quality.

VÉGÉTATION :

Forest.

SÉDENTARITÉ ET NOMADISME :

simple farming societies.

Fiche des caractéristiques du Milieu naturel sud-occidental

Italie, (représentation de l'antiquité romaine)

CLIMAT :

Cfa : mild temperate, fully humid, hot summer.

Csa : mild temperate, dry summer, hot summer.

RADIATION SOLAIRE :

1801 to 2000 kWh/m²/year.

PROPRIÉTÉS DES SOLS :

alfisol + andisol + entisol + inceptisol + molosol + spodosol + rocky land.

ACTIVITÉ TECTONIQUE ET VOLCANIQUE :

Au bord de deux plaques tectoniques majeures.

Activité sismique modérée.

Activité volcanique modérée.

GÉOMORPHOLOGIE :

Diversité géologique générale plus importante que la Grèce mais tendant à s'affaiblir vers le Sud. Orientation géologique forte, tendue et linéaire selon un axe NO/SE de 40°. La coupe transversale schématique présente un fort relief central marquant l'axe d'orientation géologique. Cet axe élevé augmente la présence du ciel dans l'ensemble avec une plus grande ouverture vers l'Ouest. Les versants Est et Ouest sont bordés par la mer qui réduit la présence de la Terre et augmente la force de son orientation. Il en résulte un schéma rigide à la forte présence du Ciel. Schéma très similaire et symétrique par rapport à la Grèce.

HUMIDITÉ DES SOLS :

ustic + udic + xeric.

SANTÉ DES SOLS DE CULTURE :

0 % to 100 % quality.

VÉGÉTATION :

woodland and savanna.

SÉDENTARITÉ ET NOMADISME :

complex farming societies.

Fiche des caractéristiques du Milieu naturel sud-occidental
Grèce (représentation de l'antiquité grecque)
<p><u>CLIMAT :</u> Csa : mild temperate, dry summer, hot summer.</p> <p><u>RADIATION SOLAIRE :</u> 2001 to 2200 kWh/m²/year.</p> <p><u>PROPRIÉTÉS DES SOLS :</u> alfisol + entisol.</p> <p><u>ACTIVITÉ TECTONIQUE ET VOLCANIQUE :</u> Au bord de deux plaques tectoniques majeures. Activité sismique modérée à forte. Activité volcanique faible.</p> <p><u>GÉOMORPHOLOGIE :</u> Diversité géologique faible mais homogène. Orientation géologique forte, tendue et linéaire selon un axe NO/SE de 60°. La coupe transversale schématique présente un fort relief central marquant l'axe d'orientation géologique. Cet axe élevé augmente la présence du ciel dans l'ensemble avec une plus grande ouverture vers l'Est, contraire à l'Italie. Les versants Est et Ouest sont bordés par la mer qui réduit la présence de la Terre et augmente la force de son orientation. Il en résulte un schéma rigide à la forte présence du Ciel. Schéma très similaire et symétrique par rapport à l'Italie.</p> <p><u>HUMIDITÉ DES SOLS :</u> xeric.</p> <p><u>SANTÉ DES SOLS DE CULTURE :</u> 0 % to 90 % quality.</p> <p><u>VÉGÉTATION :</u> woodland and savanna.</p> <p><u>SÉDENTARITÉ ET NOMADISME :</u> complex farming societies.</p>

Fiche des caractéristiques du Milieu naturel sud-est extra-occidental

CLIMAT :

BWh : dry, desert, hot arid.

BWk : dry, desert, cold arid.

BSh : dry, steppe, hot arid.

Csa : mild temperate, dry summer, hot summer.

RADIATION SOLAIRE :

2401 to 2600 kWh/m²/year.

PROPRIÉTÉS DES SOLS :

alfisol + aridisol + entisol + inceptisol + mollisol + shifting sand + vertisol.

ACTIVITÉ TECTONIQUE ET VOLCANIQUE :

Intersection des trois plaques tectoniques. Deux majeures et une mineure.

Activité sismique modérée à forte.

Activité volcanique faible.

GÉOMORPHOLOGIE :

Diversité géologique très faible et répartition relativement homogène. Orientation géologique très forte dans une faille profonde et large, tendue et linéaire selon un axe Nord/Sud presque parfait. La coupe transversale schématique présente une profonde faille centrale traversant une géologie homogène, dans un axe parfaitement orienté. Cet axe central en creux, rempli d'eau en son fond, réduit la présence de la Terre et augmente la présence et l'orientation du Ciel par reflet et géométrie parfaite. L'axe de la Terre reprend la parfaite orientation géométrique Nord/Sud du Ciel, renforçant encore le caractère géométrique de l'ensemble. Le plateau Est est désertique et le versant Ouest est bordé par la mer qui réduit la présence de la Terre et augmente l'orientation Nord/Sud de l'ensemble. Il en résulte un schéma rigide avec une forte présence du Ciel. Il s'agit d'un schéma presque en "négatif" des schémas italiens et grecs, une image inversée où la montagne centrale est substituée par la faille.

HUMIDITÉ DES SOLS :

Xeric + Aridic.

SANTÉ DES SOLS DE CULTURE :

0 % to 50 % quality.

VÉGÉTATION :

woodland and savanna + shrubland.

SÉDENTARITÉ ET NOMADISME :

complex farming societies and nomadic pastoralists.

Annexe C: Fiches des perceptions réelles et symboliques des Milieux naturels

Fiche des perceptions réelles et symboliques du Milieu naturel nord-occidental Milieu dit "Romantique"

RELATION AU PAYSAGE :

Relation idyllique entre l'édifice et le paysage. Les Lieux artificiels provoquent des sensations intenses liées à la variété et au mystère des forces naturelles. Sous le Ciel, la Terre est une densité qui se perd dans l'obscurité en produisant des Lieux qui ont des silhouettes changeantes et des formes géométriques floues. La présence nordique est anti-Classique car l'unité de l'espace solaire se brise en fragments hétérogènes. Le Lieu doit être au préalable trouvé dans son "introversion" et un effort est nécessaire pour trouver le Lieu.

ELEMENT TERRE :

Le Romantisme est l'interprétation des forces qui surgissent de la Terre.

ELEMENT CIEL :

Le Ciel du Nord ne confère aucune continuité au temps, ni aucune stabilité à l'espace. Il n'est pas assez stable et permanent pour assurer une référence suffisante pour une implantation.

LUMIERE :

Le soleil s'incline fortement au gré des saisons et est principalement interprété dans une position basse aux rayons tangentiels. La lumière du Nord est toujours changeante, dématérialisante, alternant entre le clair et l'obscur. Elle dissout les contours et accentue un fond dans lequel disparaissent les choses. La lumière est employée pour souligner les variétés de l'atmosphère.

ANTHROPOMORPHISME :

Le corps en mouvement investit l'édifice par l'incarnation.

SYMBOLIQUE :

Symbole de force et de dynamisme qui s'alimente de l'idée, de l'image, de la présence et du souvenir de la forêt profonde. La forêt engendre des perceptions non-orientées, elle engendre une image d'espace exiguë et illimité et une atmosphère en demi-teinte. À travers l'image du changement et de la variation douce et vive apparaît la "rêverie nordique".

Fiche des perceptions réelles et symboliques du Milieu naturel sud-occidental
Milieu dit "Classique"

RELATION AU PAYSAGE :

L'architecture est développée comme un système logique, rationnel et abstrait. Il y a une certaine pauvreté de l'atmosphère et un nombre assez limité de caractères. Le Lieu se donne en entier et dans son intégralité, ce qui caractérise une "exhibition méridionale".

ELEMENT TERRE :

Sous le Ciel, la Terre est un ensemble de choses distinctes où l'interprétation du terrestre prend la forme d'une étendue infinie, indéfinie, immense, homogène et abstraite. Dans le classicisme, l'Élément Terre se combine à l'Élément Ciel mais en proportion inférieure.

ELEMENT CIEL :

Le Ciel du Sud est franc, total, homogène et omniprésent. Par rapport à la Terre dominée, il est suffisamment stable et permanent pour assurer une référence d'implantation. Sa présence importante et sa force lumineuse lui confèrent une force pouvant inciter les Hommes à s'y référer et à se soumettre à lui.

LUMIERE :

Le soleil est au zénith, les rayons solaires sont perpendiculaires au sol. La lumière est intense, homogène et omniprésente. Les ombres sont fortes, soulignent la corporéité de l'édifice et motivent une horizontalité marquée. La lumière est traduite par le travail du vide et de l'ombre forte

ANTHROPOMORPHISME :

Corporéité et statique parfaite qui est représentée par l'Homme idéal classique. Il s'agit davantage d'une projection sur l'édifice que d'une incarnation comme dans le cas Romantique des Milieux du Nord.

SYMBOLIQUE :

Il pousse à l'éloignement de l'Humain et révèle un Ordre autoritaire supérieur, hiérarchique et caché.

Fiche des perceptions réelles et symboliques du Milieu naturel sud-est extra-occidental
Milieu dit "Cosmique"

RELATION AU PAYSAGE :

Accentuation des caractéristiques Classiques.

ELEMENT TERRE :

La Terre est totalement abstraite. Les conditions du Milieu naturel ne permettent pas une interprétation positive.

ELEMENT CIEL :

Le Ciel est total, il est la référence absolue pour l'orientation et l'identité des Hommes.

LUMIERE :

Accentuation des caractéristiques Classiques.

ANTHROPOMORPHISME :

Non-anthropomorphisme.

SYMBOLIQUE :

Accentuation des caractéristiques Classiques.

Annexe D: Fiches des relations urbaines aux Milieux naturels

Fiche des relations urbaines au Milieu naturel nord-occidental Les villes d'entrelacs organiques – les villes Romantiques

FORME URBAINE ET PAYSAGE:

Les paysages sont orientés et les villes dialoguent avec le Milieu naturel, elles tiennent compte des données naturelles. Elles sont en symbiose avec le dehors et répondent au paysage environnant afin de conserver en permanence l'identité du Lieu.

ORGANISATION SPATIALE URBAINE :

Elles sont un ensemble toujours inachevé, en perpétuel inachèvement. Leur principe d'organisation spatiale marque des étapes : l'arrivée, le cheminement, le but, qui permettent d'accueillir les actions de l'Homme et de répondre aux attentes liées à l'usage du Lieu. Les villes du Nord fonctionnent comme un système unitaire où toute la ville présente une cohérence, une globalité, une totalité. Le principe d'organisation spatiale est caractérisé par la centralité. Cette centralité est le but auquel on parvient via les entrelacs où s'unissent tensions et rythme. La ville nord-occidentale satisfait le besoin d'orientation et d'identité qui peut se renouveler en permanence. Le système radio-concentrique français est l'exemple type de ce mode d'organisation. Cette organisation permet d'intégrer, dans un espace moindre, un plus grand nombre de fonctions centrales, en ralliant les activités, et en mettant les gens en communication.

FORME URBAINE :

Ce sont les caractéristiques de l'Europe du Centre, de l'Europe du Nord et des villes médiévales de ces zones géographiques. Au sein de ces territoires, les caractères sont variés et dépendent fortement du Milieu Naturel hétérogène.

Fiche des relations urbaines au Milieu naturel sud-occidental
Les villes tramées et géométriques – les villes Classiques

FORME URBAINE ET PAYSAGE:

Il s'agit d'une géométrisation abstraite et homogène évoquée par le Ciel, qui est projetée sur la Terre. Les points cardinaux visuels, et non magnétiques, orientent la grille géométrique et manifestent la direction de la course du soleil.

ORGANISATION SPATIALE URBAINE :

La cité coloniale grecque de l'antiquité représente le mieux ce concept. La cité coloniale grecque entretenait un rapport avec le Milieu naturel d'inscription, mais en tant que colonie, elle porte en elle les idées de l'extension continue et de "l'ailleurs". Comme colonie, elle se superpose à un pré-existant et pense l'extension. En cela, elle favorise un Modèle universel qui peut s'appliquer en tout Lieu. L'Élément Ciel, uniforme et permanent, quelle que soit la position de l'Homme antique sur la Terre, devient la référence principale pour la conception spatiale.

La ville Classique favorisera le système par addition ainsi que les caractères anthropomorphes idéaux (l'Homme idéal), quels que soient les Milieux colonisés.

FORME URBAINE :

Les espaces urbains proposent des dispositions régulières et bien définies dont les formes semblent être le résultat d'une organisation. Au sein de ces territoires, les caractères sont homogènes et côtoient un Milieu Naturel assez uniforme. Ce sont les caractéristiques des zones particulièrement ensoleillées allant jusqu'aux zones désertiques.

Fiche des relations urbaines au Milieu naturel sud-est extra-occidental
Les villes tramées et géométriques – les villes Cosmiques

FORME URBAINE ET PAYSAGE:

Accentuation des caractéristiques Classiques.

ORGANISATION SPATIALE URBAINE :

Les déserts, grandes étendues terrestres mouvantes et ouvertes, ne sont pas orientés. Seul le Ciel peut permettre à l'Homme de s'y orienter. Les ensembles sont tournés vers l'intérieur et refusent le dialogue avec un environnement qualifiable d'hostile à la permanence de l'Homme. Le système introverti n'entretient pas un rapport avec le dehors. Il dilue les activités dans l'espace et ne met pas les gens en communication.

EXTENSION DE L'ORGANISATION SPATIALE :

La colonisation occidentale aux Amériques perpétue le concept colonial d'organisation spatiale. La ville moderniste aux Amériques reproduit une extension du Modèle géométrique céleste. Dans le cas de la ville nord-américaine, le quadrillage de la cité commerciale entretient encore moins de rapport que la ville Classique avec le Milieu naturel. La grille se superpose à la Terre pré-existante, mais ignorée, selon une utilisation intensive de la structure ouverte de l'échiquier... En poussant l'analyse en profondeur, on peut avancer l'idée que l'échiquier américain n'exprime aucun concept Classique, car il s'abstrait du sens symbolique de celui-ci en ne préservant que le sens objectif. Du Modèle Classique initial, l'échiquier américain n'a gardé que la forme vidée de son sens et représente un monde désacralisé, seulement ouvert aux opportunités horizontales et verticales. Formellement, il n'y a pas de globalité mais une individualisation de chaque bâti, qu'accompagne l'abstraction moderniste du "mur rideau".

Annexe E: Fiches des relations construites et spatiales avec les Milieux naturels

Fiche des relations construites et spatiales avec le Milieu naturel nord-occidental

CARACTERISTIQUE ARCHITECTURALE :

Il s'agit d'Architecture locale dont le style gothique est la meilleure expression. La multiplicité et la variété de l'architecture Romantique sont généralement unifiées par une "stimmung" de base, qui correspond à des principes de formation particuliers. L'architecture est nerveuse et se caractérise par un linéarisme vertical afin d'accrocher la lumière basse, faible et complexe. Ainsi, la traduction de l'espace naturel sera la flèche et la trame curviligne. Les formes expressives traduisent une relation changeante et interrogative, un mouvement, où la forme bâtie germe du sol tel un arbre dont les racines s'enfoncent dans la Terre et l'élévation s'oriente vers le Ciel. La forme globale résulte de l'entrelacs des lignes de forces dématérialisées en une ossature qui assure la relation Terre/Ciel. La prédominance de l'ossature et de la structure expriment une continuité construite où tout est lié dans une unité, et dont il est impossible d'en extraire les parties. Les éléments reliés en un ensemble continu et différencié, insistent sur la dynamique globale s'originant de la Terre et s'orientant vers le Ciel. La forme bâtie s'élance vers le Ciel dans un paysage précis. L'édifice, comme l'habitat dans son ensemble, seront conditionnés par leur contour, qui sera lui-même caractérisé par le profil du paysage en question, repris ou parachevé selon la séquence:

Paysage → Bâti → Habitat.

CARACTERISTIQUE SPATIALE :

L'espace Romantique est topologique, discontinu et polymorphe. Une limite continue et géométriquement indéterminée correspond aux configurations et aux espaces Romantiques "forts". Les rapports intérieur/extérieur sont complexes et produisent un profil irrégulier et mouvementé.

TENSION SPATIALE :

Il y a une tension visible depuis l'extérieur, par la verticalité. L'axe vertical de l'espace marque le dépassement de la pesanteur, par l'emploi de la tour ou de la flèche. Les entrelacs qui pointent vers le haut, telles les cimes des montagnes qui accueillent le Ciel, sont un signal qui définit un point de rassemblement. La tension vive représente la circulation des énergies et l'image d'un processus en voie d'expression.

GEOMETRIE :

Les formes ressemblent à celles de la Nature, elles sont vivaces, dynamiques, fortement expressives et semblent être le résultat d'une croissance organique. L'entrelacs est la représentation formelle par excellence.

Fiche des relations construites et spatiales avec le Milieu naturel sud-occidental

CARACTERISTIQUE ARCHITECTURALE :

Il s'agit d'architecture à portée Globale dont le style classique est la meilleure expression. L'architecture est caractérisée par l'uniformité et l'ordre absolu. Elle est le mieux représentée à travers l'antiquité grecque.

CARACTERISTIQUE SPATIALE :

L'espace classique est une synthèse entre deux extrêmes : entre le Romantique et le Cosmique mais avec une prédominance Cosmique. L'espace classique réunit les traits topologiques et les traits géométriques mais avec un rapport Terre/Ciel où le Ciel domine la Terre. Dans le monde classique, la Terre est positivée mais dans une proportion bien inférieure au monde Romantique. Les formes classiques traduisent une relation stable et distincte.

TENSION SPATIALE :

La tension est visible depuis l'intérieur. L'intériorité est favorisée au détriment de l'extériorité. L'édifice reproduit un extérieur idéalisé et rendu vivable. La coupole reproduit le Ciel et s'accompagne d'ailes horizontales et d'espaces longitudinaux et tendus.

GEOMETRIE :

L'espace classique est géométrique et pousse au caractère abstrait. Les formes statiques qu'il engendre, tendent à la nécessité structurelle et non à l'expression.

Fiche des relations construites et spatiales avec le Milieu naturel sud-est extra-occidental

CARACTERISTIQUE ARCHITECTURALE :

Le monde Cosmique est l'opposé du monde Romantique. Il est représenté dans l'empire égyptien, et aussi par l'architecture monothéiste des zones semi-désertiques et désertiques au sud-est de l'Occident. Cette architecture ne prend pas en compte la microstructure locale. L'architecture est influencée par l'atmosphère du désert, où face à la force et la permanence du Ciel, une monotonie architecturale est suffisante pour accrocher la lumière, en insistant sur l'horizontalité du bâti. Seuls les murs massifs et homogènes assurent la relation Terre/Ciel dans un statisme total. La Terre, de par ses conditions de matière, d'instabilité et de stérilité, ne permet pas une identification créatrice. Les formes bâties, stables et massives, sont alors posées sur le sol mais ne naissent pas de lui. La prédominance du mur et des éléments constructifs indépendants, juxtaposés, classables et identifiables, expriment un assemblage hiérarchisé. Au cours de l'évolution architecturale, il tend à immatérialiser les volumes et les superficies (mosaïques, carreaux de verre...).

CARACTERISTIQUE SPATIALE :

L'espace Cosmique est sévèrement géométrique. Il se concrétise par le moyen d'une grille régulière ou d'une croix aux axes orthogonaux. L'espace Cosmique est uniforme, isotopique, et exige une claire visualisation du Système, dans un espace solaire et homogène.

TENSION SPATIALE :

Accentuation des caractéristiques Classiques.

GEOMETRIE :

Accentuation des caractéristiques Classiques.

Annexe F: Fiches des influences des Milieux naturels sur l'Homme

<p align="center">Fiche de l'influence du Milieu naturel nord-occidental sur l'Homme (Nord : pathos, émotionnel)</p>
<p><u>HOMME / ESPACE :</u> Dans son rapport à l'espace, la caractéristique culturelle de l'Homme du Nord est la prédominance du visuel et du sens de la vue. Il y a la recherche d'une mise en relation des espaces extérieurs avec les espaces intérieurs mais avec une préférence pour ces derniers.</p> <p><u>HOMME / TEMPS :</u> Principe de la monochronie (chronos). Il y a une compartimentation du temps selon les fonctions et une séparation des activités dans l'espace, ceci est caractéristique d'une population ordonnée.</p> <p><u>COMPORTEMENT :</u> Les espaces doivent permettre le mouvement confortable des individus. L'entassement est perçu comme une atteinte à la liberté de mouvement. Les cultures du Nord se caractérisent par des contacts distants entre les individus. Il y a un rejet de l'agglutinement et de la foule.</p> <p><u>RELATION AU CORPS (Animal + Médial) :</u> Dans la culture nord-occidentale, le corps est l'objet à considérer. L'individu est à l'intérieur d'une peau qui est considérée comme inviolable et où le Moi remplit tout le corps.</p>

**Fiche de l'influence des Milieux naturels sud et sud-est extra-occidental sur l'Homme
(Sud : ethos, rationnel)**

HOMME / ESPACE :

Dans son rapport à l'espace, la caractéristique culturelle de l'Homme du Sud est la prédominance de l'odorat et du sens de l'olfactif. Il y a la recherche d'une forte intériorité sans lien particulier avec les espaces extérieurs, entraînant une prédominance des espaces intérieurs amples et clos de murs.

HOMME / TEMPS :

Principe de la polychronie (chronos). Il y a une prédisposition à réaliser plusieurs tâches en un même temps et de concentrer différentes activités en un même espace, ceci est caractéristique d'une population désordonnée.

COMPORTEMENT :

Les espaces ne sont pas mis en relation avec le mouvement des individus. L'entassement n'est pas une atteinte à la liberté de mouvement. Les cultures du Sud se caractérisent par l'intimité des contacts entre les individus. Il y a une facilité à l'agglutinement et une volonté de se joindre à la foule.

RELATION AU CORPS (Animal + Médial) :

Dans la culture sud-occidentale, le corps n'est pas l'objet à considérer. Le corps et sa forme sont transférés à des schémas géométriques immatériels. Il y a une dissociation du corps et du Moi et le Moi ne remplit pas le corps.

Annexe G: Considération des Éléments Terre et Ciel dans la Charte d'Athènes

L'Élément Terre (recueil de citations)		
Chapitre	Extrait	Page
A/ Ville et Région	Éléments naturels perçus comme des limites. Terre comme bien de consommation. Abandon des Terres.	p20 p24 p29
B/ Habitation	Zonage, terrain, camper, déracinés. Propriété, exploité, terrain abandonné, gestion. Plans, surface, emplacements. Sol urbain, surface de programme. Éloignement du sol par la hauteur. Superficie, sol occupé, surface, statut du terrain.	p38 p45 p47 p49 p53 p54
C/ Loisirs	Espaces libre, quelques grandes surfaces. Pourcentage de sol disponible à affecter, statut du terrain, zones. De vastes espaces. Isolement de la nature terrestre.	p55 p60 p62 p64
D/ Travail	Spéculation sur les terrains. Le sol des villes. Circulations horizontales, communications au sol.	p68 p68 p70

L'Élément Ciel (recueil de citations)		
Chapitre	Extrait	Page
A/ Ville et Région	Soleil en premier élément de l'urbanisme.	p22
B/ Habitation	Soleil, espace, verdure (air) sont indispensables aux êtres vivants. Soleil, air, espace sont les nourritures psychologiques et physiologiques. Lumière, air et espace pour tous. Soleil maître de la vie. Vue, air pur, insolation complète, encouragement à la verticalité.	p36 p36 p39 p51 p53
C/ Loisirs	Non représentatif.	*
D/ Travail	Non représentatif.	*